

# REVISTA DA SEMANA

N.º 25

22 - 6 - 46

CR\$ 1,50 NA CAPITAL — CR\$ 2,00 NOS ESTADOS







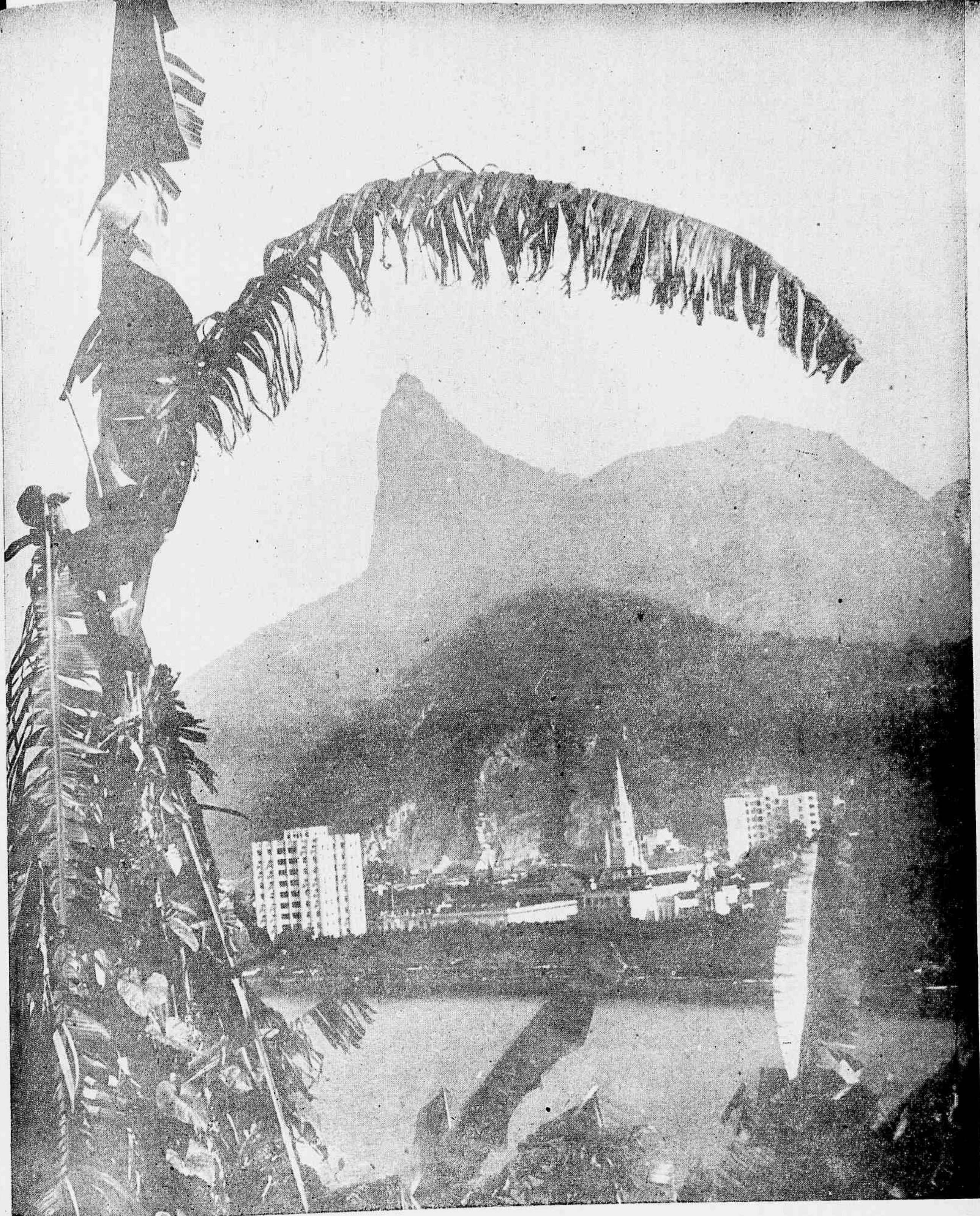
*O mundo é seu...*  
**pelo *CLIPPER***

Amanhã... você poderia estar fazendo compras na Quinta Avenida, assistindo a uma peça num teatro da Broadway, jantando num restaurante famoso de Manhattan. Porque *hoje*, Nova York está a pouco mais de um dia de vôo do Rio, — graças aos Clippers da Pan American World Airways e às suas escalas que economizam tempo! Deixe agora, a cargo do seu agente de viagens ou da Secção de Passagens da P. A. A., o trabalho de organizar a sua viagem *direta* por avião, para desfrutar deliciosas férias na "cidade dos arranha-céus".

NOVA YORK  
Metrópole do Mundo

**PAN AMERICAN**  
 **WORLD AIRWAYS**  
*A Rede dos Clippers*





É um São João diferente, este do Rio. Podem insinuar que não tudo seja artificial, méro arremêdo das festas sertanejas, mas nem assim deixa de possuir seus inconfundíveis toques de beleza. Um São João estilizado, com bailes onde as calças são na verdade pequenas elegantes, distarçadas de roceiras, com vestidos de chita muito bem engomados, chapéus de palha comprados pela mãe ali na feira do bairro, as faces mais pintadas do que nos outros dias, e uma falha de dentes que também pode ser artificial... Nessas noites joaninas ninguém vai sentir a falta de um cuidado odontológico...

É um São João com a rapaziada fingindo de "seu" Bernabé, dobrando a bainha da calça que tanto desfilou pela Cinelandia, pendurando um guarda-chuva do "velho" no braço, e colando ao rosto esbanheiradismo, um par de barbas feitas de estopa ou de algodão em rama. Um São João de loqueras requintadamente "alcais", no fundo do

quintal, onde se cozinham amostras de batatinhas inglesas que jamais conheceram a Grã-Bretanha, e onde se danças em roda, de mãos dadas, como nas fazendas que os cariocas mais mûços jamais conheceram...

É um São João barulhento, muito mais barulhento que o da roça, pois na roça não há tantos fornecedores de bombas e buscapês, foguetões e morteiros, e toda a sorte de ingredientes pirotécnicos para atormentar os pacatos e anti-são joaninos moradores do apartamento vizinho...

É um São João com o céu tanto mais coberto de balões venezianos, feitos pelos irmãosinhos mais moços, quanto mais as autoridades municipais procuram proibi-los...

## SÃO JOÃO CARIOCA

E com tanta estilização, sem cunho natural espontâneo, assim mesmo o São João carioca dá prazer. Deixa saudades. As moças namoram os rapazes fantasiados de jêcas, e só no dia seguinte vão conhecê-los ao natural, e o encontro foi de méro acaso no baile da família amiga ou do clube frequentado pela gente da casa. E quantos casamentos não tiveram sua verdadeira origem nos "casualizados" do Fluminense ou do Tijuca, ou até no arrasta-pé improvisado em casa de um parente!

O Rio não perde sua característica de cidade-maravilhosa, mesmo no São João. O Cristo do Corcovado continua firme no topo da montanha, a baía da Guanabara silencia e ganha reflexos mais soberbos com as noites de luar prateado, e a vida continua...

São João carioca! "Snob"? Não: Estilizado e confortável. Amigo e camarada. Artificial como cenário de teatro. No dia seguinte, ninguém pensa mais nele...

MARIA AMÉLIA



**BRAILOWSKI**

A' esque

**S** E o  
é  
q  
caso este  
ela se p  
duza res  
como Ro  
Sinatra,  
sensível  
contrado  
ainda q  
maneira  
cobrir o  
Veri  
senta, d  
que vai  
soe que  
rendido,  
Sobr  
neira pe  
são del  
outros  
possuem  
Lem  
tratamen  
Internad  
para a  
então q  
"estava  
O e  
muitos,  
sica. Se  
com este  
ção, um





A' esquerda: Brailowski ao piano, no palco do Municipal. Em cima, dois flagrantes do grande artista, no momento em que se dirigia, num dos intervalos, para o seu camarim, e quando se preparava para a execução de uma nova peça, num gesto muito seu, levando o lenço ao rosto. Finalmente, ao lado, um aspecto da platéia do Municipal aplaudindo Brailowski.

#### (Especial para a REVISTA DA SEMANA)

**S** E a admiração por Brailowski, da maneira pela qual é manifestada, constitui sintoma patológico, como querem alguns afoitos cientistas americanos, nesse caso estamos diante de uma moléstia crônica, uma vez que ela se prolonga sem que a terapêutica da crítica produza resultados eficazes. Equiparam Brailowski a atores como Rodolfo Valentino e cantores populares como Frank Sinatra, arrolando-o entre aqueles que atingiram o ponto sensível do público e resolveram explorar o rico filão encontrado, obtendo, em troca, lucros substanciais. Contudo, ainda que se aceite a tese proposta, caberia determinar a maneira pela qual ele se impôs, mesmo a risco de descobrir o calcanhar de Aquiles das plateias.

Verificamos alguns fatos: Brailowski, quando se apresenta, desperta, em geral, na crítica, uma animosidade que vai além da simples reprovação e, do público, aplausos que, em intensidade, ultrapassam os limites do tributo rendido, usualmente, ao talento.

Sobretudo, quando Brailowski executa, na sua maneira pessoal e inconfundível, obras de Chopin, as palmas são delirantes. Mas que tem, afinal, esse homem, que outros pianistas, reconhecidamente competentes, não possuem?

Lembremos um detalhe: anos atrás, em virtude de tratamento necessário à sua saúde precária, ele esteve internado em sanatório suíço, voltando gordo e sorridente para a habitual série de concertos. Pois foi justamente então que até os mais fiéis admiradores acharam que lhe "estava faltando alguma coisa".

O extraordinário sucesso de Brailowski, na opinião de muitos, depende, sobretudo, de elementos estranhos à música. Se bem que não estejamos inteiramente de acordo com este ponto de vista, confessamos que há, na observação, uma boa parte de justiça.

Que, de fato, a maneira pela qual ele se coloca diante do teclado, sua aparência física, sua complexão fragil e, segundo todas as convenções, romântica, encarnam a ideia que o público tem de Chopin é inegável. Mas seria, na verdade, possível dissociar da impressão causada no ouvinte, todos esses dados, mesmo em relação a um artista que, para obter a aprovação do público, recorra simplesmente à interpretação sóbria das obras programadas?

Parece-nos que há mais complexidade do que à primeira vista ressalta no "problema" Brailowski. É indiscutível que ele obteve a consagração popular. Analisar as causas dessas consagração é perfeitamente legítimo; negá-la, é desonestidade.

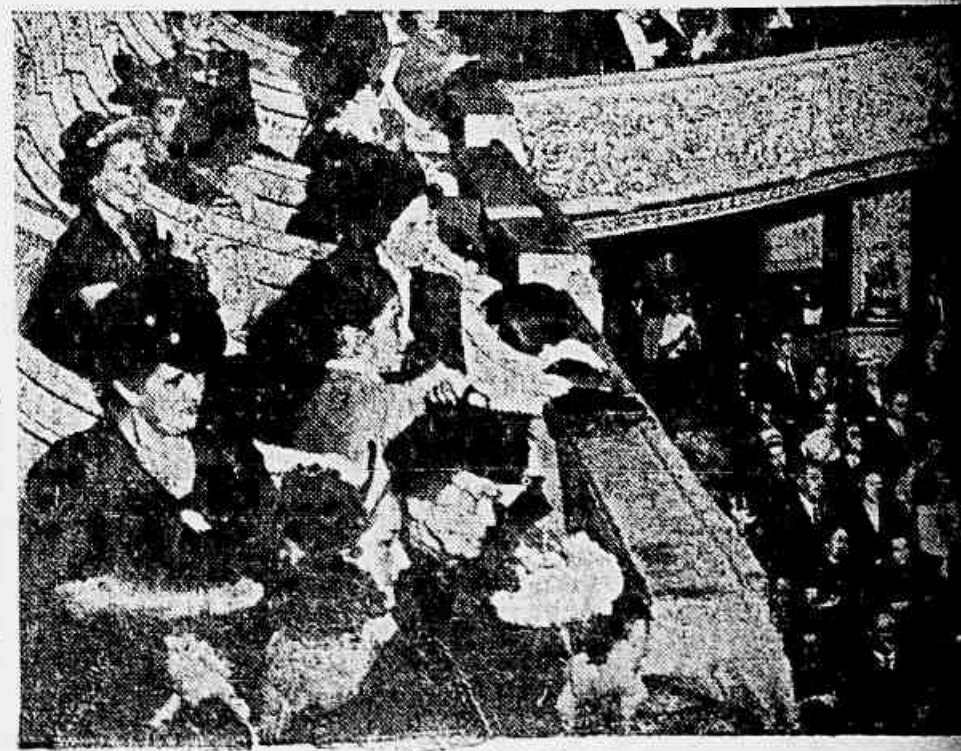
Eis-nos, portanto, diante de um rapaz magro, de maçãs salientes, que chega, cumprimenta suavemente o público, quase como quem pede desculpas, senta-se e principia a tocar de mansinho, levemente, mesmo porque não lhe sobram forças para fazer uso dos fortíssimos que constituem o cavalo de batalha de tantos virtuosi acusados de depender de determinadas fraquezas do público pelas exibições espetaculares.

Não podemos lealmente atacar Brailowski pelas liberdades que ele toma com a música. O público deu-lhe Chopin e disse: Vamos, Brailowski, faz-nos chorar com ele, vibrar com ele. E Brailowski fez. Não fuja-mos à realidade.

Além disso, convém assinalar que há uma sinceridade na sua maneira de tocar, completamente desprendida de quaisquer escrúpulos de objetividade, é certo, mas sem dúvida uma magnífica sinceridade, fiel ao "sentimento", livre, soberano, que sobrepõe, acima das preocupações técnicas. Esforcemos-nos por conseguir essa isenção que estamos reclamando. Brailowski traz para os seus recitais uma imagem justa, de medida do que o público lhe pede.

Se ela está ou não de acordo com determinados princípios de interpretação a que nos apegamos, a verdade é que ele revela claramente o seu desprezo por tudo isso e o público, que desconhece esses princípios, dispensa-os. Levemos a democracia para a estética. Há, certamente, um lugar para os artistas como Brailowski. Talvez ao lado do russo Tchaikovski, caso semelhante, se bem que, já aqui, esteja mais dividida a crítica, em prós e contras. Aceitemos Brailowski, na sua qualidade de e com os seus títulos — uma visão do romantismo completo com tísica, palidez, langores, suspiros, e deliquescências.

ROBERTO LYRA FILHO









## REPORTAGENS

|                                   |       |
|-----------------------------------|-------|
| Brailowky .....                   | 4/5   |
| Falam as mulheres .....           | 8/15  |
| O exílio de Monteiro Lobato ..... | 24/25 |
| Figuras e Fatos .....             | 36    |
| Atualidades Mundiais .....        | 44/45 |

## LITERATURA

|                                                        |       |
|--------------------------------------------------------|-------|
| O Convite (Maria String) .....                         | 23    |
| Brasil Votante (Escragnolle Doria) .....               | 26    |
| Astucia de caboclo (Ant.º Julio Gomes de Moraes) ..... | 32/33 |
| Livros Novos (João Luso) .....                         | 35    |
| O Aviso (Freeman Wills Croft) .....                    | 39    |

## FEMININAS

|                                  |       |
|----------------------------------|-------|
| Cabeças .....                    | 28/29 |
| Sugestões de Bette Davis .....   | 30/31 |
| Estampado .....                  | 34    |
| Trabalhos Manuais .....          | 42/43 |
| O indispensável "tailleur" ..... | 46    |
| Modelos de lá .....              | 47    |

## SECÇÕES

|                                        |       |
|----------------------------------------|-------|
| A Semana em Revista .....              | 6     |
| Coisas do Brasil .....                 | 18    |
| A REVISTA em Hollywood .....           | 19/21 |
| Nos Bastidores Femininis (Kitty) ..... | 27    |
| Rádio .....                            | 37    |

## CURIOSIDADES

|                         |       |
|-------------------------|-------|
| Eles beijam assim ..... | 40/41 |
| A geração nova .....    | 48/49 |

## HUMORISMO

|                     |    |
|---------------------|----|
| De Bom Humor .....  | 22 |
| CAPÉ O VELHO RAUL ? |    |

REVISTA DA SEMANA



## NA CAPA

Doroty Lamour, a veterana "estrela" do sarong, em uma pôse ligeiramente diferente. Sem trajes dos mares do sul.

(Foto Paramount).

## Casada ou Solteira

Quando levar uma queda, um susto ou tiver raivas, quando receber uma noticia má, que cause tristeza e aborrecimento, sempre que se sentir nervosa, triste, zangada e mal disposta, lembre-se que certos órgãos internos das mulheres se congestionam e se inflamam com muita facilidade, bastando para isto um abalo forte, uma comoção violenta, um resfriamento ou alguma imprudência.

Aos primeiros sintomas de congestão e inflamação destes importantes órgãos utero-ovarianos use **Regulador Gesteira**. Faça sempre assim que evitará muitas doenças perigosas.

Use **Regulador Gesteira**

**Regulador Gesteira** trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, peso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, peso, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, peso e dormencia nas pernas, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

**Regulador Gesteira** evita e trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo  
a usar **Regulador Gesteira**

CREME DE MASSAGEM  
RAINHA DA HUNGRIA  
De Mme. Campos  
ALIMENTA A PELE — CONTRA AS RUGAS  
A VENDA EM TODA A PARTE



## Os grandes Concursos Literários da "REVISTA DA SEMANA"

Ainda não estamos recebendo originais para 5.ª Série do Concurso Permanente de Contos. Mas a partir do dia 1.º de julho, essa recepção começará a fazer-se, estendendo-se até 30 de setembro. Como de costume, serão selecionados doze originais, cujos autores caberá respectivamente um prêmio de CR\$ 100,00, pago depois da publicação feita.

Todos os originais de peças de teatros recebidas e destinadas ao Prêmio Apolonia Pinto, estão entregues á comissão julgadora, bem como do Concurso de Romances (Prêmio Aureliano Machado). Estão portanto as peças em poder dos seguintes membros daquela comissão: Daniel Rocha (Club Ginastico Português), Joraci Camargo (S.B.A.T.), Floriano Faissal (Casa dos Artistas) e Bandeira Duarte (Associação de Criticos Teatrais), já tendo sido examinadas por um redator da REVISTA DA SEMANA.

OFICINA DE 1.ª ORDEM  
AVIAMESE RECEITAS MÉ-  
DICAS COM EXATIDÃO

O PINCE-NEZ DE OURO

OCULOS, PINCE-NEZ, LORGNETS

R. CARIOCA N.º 28

Joalheria

LUIZ R. RICART  
TEL. 22-4090 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES  
E ARTIGOS PARA PRESENTES





NOSSO MAL É O POLITICISMO, diz Dinah Silveira de Queiroz, a consagrada autora de "Floradas na serra", que já tem duas edições em espanhol. Temos o defeito de não fazer nada que não esteja comprometido com tal ou qual ideologia. E eu creio que se poderia trabalhar com muito mais proveito, em favor da coletividade, se isolássemos a intenção de fazer o que é preciso fazer dos inevitáveis rótulos políticos que se agarram a todos os nossos pensamentos e ações.

UE DIZ V  
tema das  
a consegui

A disc  
vista e c  
ção pess  
ternavan  
das em  
conduzio  
manha p  
da civili  
a chegar

Havia  
occos vib  
como gu  
vam a fu  
ta e o g  
de um co  
de falar

Todos,  
do do q  
quela ro  
física. N

F





QUE DIZ VOCÊS SOBRE A CRISE? — Eu? — E a simpática Eva Todor assume um ar de espanto como se fora acusada de todos os pecados de Madalena. — Bem, quanto ao problema das filas eu tenho uma restrição a fazer, em face da condenação unânime contra a falta de gêneros. As filas têm me dado a oportunidade de emagrecer um pouco, levando-me a conseguir inesperadamente aquilo que as receitas médicas não o fizeram, em muitos meses de dietas inúteis. Sendo assim, só tenho a dizer: bendita seja a falta de pão, de manteiga, de carne, de azeite, de banha e outras gorduras. Haja teatros e eu vivo contente.

A discussão chegara ao climax. Pontos de vista e opiniões traduzindo apenas uma reação pessoal em face dos acontecimentos, alternavam com afirmações categóricas apoiadas em verdades científicas e tudo isto era conduzido com tal veemência, animado por tamanha paixão que parecia depender o destino da civilização do acordo a que eles viessem a chegar.

Havia gestos que tinha a significação de socos vibrados no ar e palavras que cortavam como gumes de espadas. Todos se empenhavam a fundo na defesa dos seus pontos de vista e o grupo de estudantes dava a impressão de um comício em que todos tivessem o direito de falar e nenhum o dever de escutar.

Todos, não. Havia um inteiramente alheio do que se passava ali. Sua presença naquela roda de universitários era puramente física. Não havia o menor índice de identi-

**A CRISE NA OPINIÃO DE ARTISTAS E INTELLECTUAIS DO BELO SEXO — “OS PROGRAMAS SÃO ACADÊMICOS, TRANSFORMANDO A ESCOLA EM CAMPO DE CONCENTRAÇÃO” — MADALENA TAGLIAFERRO ACHA QUE TEMOS ÓTIMOS SUCEDÂNEOS PARA O PÃO DE TRIGO — “NOSSO MAL É O POLITICISMO”, — DIZ UMA ROMANCISTA — INFLAÇÃO, DEFICIÊNCIA DE TRANSPORTE E EXPLORAÇÃO DO TRABALHO — VIVA A CRISE!**

Reportagem de — Fotos de  
Paulo Tabajara — Arnaldo Vieira

cação com o assunto. Sua face não traduzia a menor emoção.

Um deles virou-se para o companheiro apático, e invocou a sua opinião a respeito de um ponto de vista combatido.

— Você sabe que eu não me interesso por este assunto. Não entendo de política. Minha preocupação atual é terminar o curso. Deixo a política para os profissionais, para os deputados, para os homens do governo, etc.

O reporter estava presente e notou que duas jovens que faziam parte do exaltado grupo eram as mais entusiasmadas. Veio daí a idéia desta reportagem, colhendo opiniões femininas sobre a atualidade econômica e política do país, animados pelo ardor com que debatiam o problema as duas jovens acadêmicas.

Realmente, as solicitações da vida moderna tornada complexa por um sem número de fatores atingem, não somente os homens mas, igualmente, as suas dedicadas companheiras. Nos dias que correm, principalmente, quando a crise econômica se fez sentir de maneira alarmante em todos os setores, notadamente no lar, a intervenção da mulher ganha evidência e adquire, mesmo, as proporções de

# FALAM AS MULHERES



bem fundamentados pareceres para resolver ou, quando não é possível fazê-lo, minorar os efeitos da sua incidência.

Em tais circunstâncias, estariam assim qualificadas para dar uma opinião bem informada sobre o assunto as mulheres que conhecem mais de perto, os efeitos da crise: as mulheres do povo, as esposas de operários e pequenos funcionários, as que discutem com o açougueiro, fiscalizam a conta do armazem, descobrem onde há banha para vender, conseguem manteiga pelo preço tabelado e andam meia légua para arranjar um litro de leite para os filhos.

Mas, acontece, por outro lado, que, de um modo geral, trata-se de pessoas que não dispõem de uma base de conhecimentos necessários para dar às suas informações o caráter de um depoimento que trouxesse, ao mesmo tempo, sugestões para a solução desses problemas que nos afligem.

Falamos com a srt<sup>a</sup>. Iva Vaisberg, técnico de educação e professora de filosofia no Colégio Andrews, títulos que honra com uma sólida cultura e um agudo espírito de crítica

na apreciação dos fenômenos sociais. Ela respondeu:

— O assunto é vasto e complexo. Seria melhor dar-me um prazo para eu coordenar alguns elementos e responder de modo mais fundamentado.

Fizemos-lhe ver que não queríamos um estudo aprofundado mas, apenas, um depoimento para reportagem.

— Bem, se é assim, vamos ao assunto. Primeiro que tudo, não se devem procurar as causas da situação a que chegamos no momento em que vivemos. Essas causas são algumas, bem remotas e vêem se amontoando, produzindo efeitos desastrosos e originando novos motivos cujos resultados tendem sempre a tornar mais calamitosa a situação.

— Seriam, por acaso, motivos de ordem econômica?...

— São de naturezas diversas. Mas você compreende: eu não quero fugir à regra geral quanto à tendências que se observa em todas as pessoas, de observar os fatos, de preferência pelo ângulo de apreciação que lhe

é mais familiar. Prefiro, por isso, encarar o problema do ponto de vista de um educador.

— Haverá muita coisa a consertar, nesse terreno?

— Consertar talvez não seja bem o termo. Há muita coisa a desmanchar para fazer de novo. No Brasil, o sistema educacional, — se é que podemos chamar de sistema esse amontoado de leis, esse caos de portarias, regulamentos, planos, normas e outras variedades de terminações oficiais que entulham os nossos arquivos e as nossas cabeças — o nosso sistema educacional, como ia dizendo, nunca foi construído de baixo para cima, isto é, partindo da observação das necessidades para reunir os elementos necessários à estruturação. De maneira que não se procuram adaptar, como seria inteligente, os programas às condições da coletividade que os vai executar. Essa coletividade é que tem de ser adaptada, com o sacrifício seja do que for, aos programas elaborados.

Aproveitamos uma ligeira pausa para almentar a dissertação com um novo motivo: — E os técnicos de educação para que servem?

**NÃO ME VENHA COM ESSA HISTÓRIA DE FILAS DE PÃO,** diz a grande pianista **Madalena Tagliaferro**. A natureza do Brasil é prodigiosamente rica. Há milho, batatas e outros sucedâneos para o pão de trigo, que afinal de contas não é mais de trigo. Não há motivos, pois, para essa afetação do problema. Coragem, brasileiro. Esta crise vai passar. O que é preciso é que, em vez de condenar a situação todos se disponham a colaborar para resolvê-la. O governo tem demonstrado boa vontade, em face da desagradável herança que recebeu. — Nestas e noutras declarações percebe-se que a grande intérprete do "Carnaval" de Schumann encara a situação com otimismo.





ar o  
dor.  
êsse  
ermo.  
er de  
— se  
mon-  
gula-  
clades  
nos-  
nosso  
nunca  
, par-  
para  
atura-  
adap-  
nas às  
cutar.  
ptada,  
rogra-  
ra ali-  
vo: —  
rvem?  
e outros  
. O que  
nça que



BIBI FERREIRA acha que a situação é calamitosa e recomenda medidas que considera eficientes, entre as quais a superprodução dirigida. E ninguém diria que a espanhola de "Conchita", com esse ar saudável com que aparece na fotografia, tomando um trago para se refazer das canseiras de um ensaio prolongado, aninhasse na cabeça pensamentos como esse, que preocupam os economistas e administradores. Mas a verdade é que as luzes da ribalta não a levam a perder a perspectiva da vida real.



SACDE E EDUCAÇÃO — A incansável lutadora d. Nuta Bartlett James, cuja presença na política brasileira vem desde o rumoroso governo Bernardes, acha que os problemas que nos afligem vêm de um passado de desatenção nacional a atacar, pura e simplesmente o governo, con- cluindo que a colaboração é a melhor crítica. Quanto aos problemas, cuja solução atacaria se fosse autoridade, figura em primeiro plano saúde e educação.

— Os técnicos de educação servem para mostrar que nós temos técnicos de educação. Mas os programas são elaborados sem que eles sejam consultados. Nós tomamos conhecimento do seu conteúdo depois de publicados. Mas isto não constitui, aliás, o defeito essencial. Não quero emprestar aos técnicos de educação a condição de oráculos. O que é lastimável é que tais programas não consultem às necessidades da coletividade escolar. E o resultado é que...

— Um momento, d. Iva. Parece que estamos nos afastando um pouco do motivo da nossa conversa. Pedimos sua opinião sobre a crise que atravessamos e...

— Não. Não estamos nos afastando do assunto. Veja bem. Suponho que a mocidade constitui as reservas da Nação — o que é uma verdade incontestável — quero fazer sentir que essas reservas são desaproveitadas, dissipadas com o enorme coeficiente de jovens que deixam os bancos escolares porque o conteúdo dos programas não lhes dá a preparação necessária, de acordo com as disposições de cada um, para enfrentar a vida prática que é um "test" perigoso. Nem todos os estudantes sentem disposição, por exemplo, para estudar latim. E sejamos francos: o latim será imprescindível à engenharia, à química, à direção de locomotivas, à agronomia ou à fundição de aço? Certamente não. E no entanto, todos os estudantes do curso secundário têm de queimar pestanas sobre declinações e conhecer textos clássicos de Cesar, de Horácio ou de Virgílio.

Por que não consultar, em vista disso, os interessados, antes de fazer os programas?

#### PROGRAMAS QUILOMÉTRICOS

— Por outro lado, os programas se estendem demasiadamente em superfície, abrangendo dez e mais matérias, o que redundaria, evidentemente, no estudo elementar de todas elas.

#### O FATOR TEMPO

— E em consequência disso, os alunos têm de frequentar quatro horas de aula por dia, pois só assim se pode dar cumprimento às obrigações estabelecidas por lei. Ora, ninguém ignora que para um estudante, não digo ser exemplar, dar conta dos seus deveres escolares, tem que repassar a matéria dada em aula e isto exige um espaço de tempo mais ou menos igual ao que ele passa na escola. Segue-se que o estudo ocupa, de cada um, a média de oito horas diárias. Isto num país onde a quasi totalidade dos estudantes secundários provém ou ajudam a próprio subsistência.

Não é preciso raciocinar muito para descobrir por que motivo eles deixam a escola antes de terminar o curso.

#### NENHUMA PRÁTICA

— Acrescente-se estas causas a circunstância de não incluir o programa do curso secundário nenhuma prática de que ele se possa valer para enfrentar as dificuldades da vida.

— Quero dizer, não se ensina nenhuma técnica.

— Por exemplo...

— Fosse desenho ou estenografia, fosse o que fosse. A verdade é que na elaboração dos programas não se cogita da eventualidade de que alguém interrompa o ciclo educacional ao terminar o secundário.

Imaginam-se condições ideais de existência,







...TRANSFORMANDO AS ESCOLAS EM CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO..." — A educação mal orientada, — diz Iva Vaisberg, é o fator da desorganização. Os programas são acadêmicos, inatuais, transformando as escolas em campos de concentração e afugentando os alunos que abandonam as escolas e se lançam na vida prática sem o treinamento necessário. Todos têm a obrigação de estudar latim e no entanto muitos serão engenheiros, químicos, agrônomos, etc. Precisarão de conhecer as catilnárias homens que vão construir cidades ou dirigir locomotivas? E insistindo nessa argumentação, Iva Vaisberg acusa os meios educacionais como inadequados à realidade brasileira. E daí vêm as causas da miséria.

dentro da qual todos têm possibilidades de fazer um curso superior. E isso mesmo com as deficiências a que me referi, decorrentes da superficialidade do estudo.

### "SOMOS DOENTES DE TEORIA"

E a st<sup>a</sup>. Iva Vaisberg continua:  
— Como se vê, de uma ligeira apreciação ressaltam aos olhos os motivos por que condeno os nossos programas e que levam os jovens a abandonar os bancos escolares. Somos doentes de teoria. O nosso mal é a inadequação dos meios de educação para as necessidades da nossa existência. Os nossos programas, transformam as escolas em verdadeiros campos de concentração. Terminado o curso, isto é, obtida a liberdade, a maioria dos que o conseguem fazer atira-se ao cinema, ao futebol, ao teatro de "chanchada", a tudo, enfim, que não lhe traga à memória sugestões de ordem educacional.

— E há outras que concorrem com as já enunciadas?

— Tudo isto, sem falar no custo do livro, no preço proibitivo dos colégios e em outras dificuldades cujos efeitos são mínimos em face dos desastrosos resultados a que nos leva a orientação do estudo.

— Agora, d. Iva, outra pergunta, cuja resposta é complementar ao que você já disse: — se lhe fosse dada a oportunidade de desempenhar um posto na administração pública ou ocupar uma cadeira na Constituinte, que faria para solucionar tais problemas que tanto a preocupam?

Enquanto os programas escolares forem feitos nos pincaros da lua para serem aplicados a pessoas que vivem aqui na terra, a situação perdurará: os jovens continuarão abandonando as escolas, desajustados com as solicitações da vida prática, as atividades produtoras como a lavoura e a indústria perdendo bons colaboradores e assim por diante. De modo que eu seria levada a aconselhar a que se quei-

masse toda a legislação educacional e a reestruturar o nosso sistema educacional em bases mais atuais e adequadas ao momento dinâmico em que vivemos.

### OTIMISMO EM SANTA TEREZA

Enquanto o carro do fotógrafo rodava para Santa Tereza, iam se reconstituindo o panorama que nos traçara Iva Vaisberg. Muito pessimista, e ela tem as razões que, certamente, não são somente dela. Há outras pessoas que também encaram o problema por esse aspecto. Mas há também as que não vêm as coisas tão pretas assim.

Talvez por que more em Santa Tereza, talvez por outros motivos, a verdade é que...

### MADALENA TAGLIAFERRO É OTIMISTA

A consagrada pianista brasileira Madalena Tagliaferro, que viveu por muito tempo em Paris e de cujo conservatório foi professora,



desfrutando lá e aqui de um público solícito e admirador das suas notáveis qualidades artísticas, é agora a nossa entrevistada. Propomos-lhe a questão, enquanto aguardava um aluno.

— Antes de tudo, é preciso notar que eu sou uma pessoa das menos indicadas para responder a perguntas dessa natureza. Se há um assunto com o qual não mantenho relações muito íntimas, esse é a economia política. Além do mais, passo a metade da vida a 1.600 metros de altitude, em Campos de Jordão, de maneira que não mantenho contacto com elementos que me possibilitem responder com segurança.

— Talvez, por isso mesmo, seja uma opinião curiosa a que poderia dar.

### NA EUROPA A SITUAÇÃO É MAIS TRÁGICA

— É verdade que não vivemos num mar de rosas. Há dificuldades de toda ordem. Mas isto a meu ver nada representa em face do

furação que passou pela Europa. Lá a situação é mais trágica. Sempre que lamentássemos esse estado de cousas contra o qual se protesta, seria conveniente lembrarmos-nos de que outros povos sofrem e continuam sofrendo muito mais.

— Mas afora a guerra, não haverá outros fatores que nos tenham conduzido a essa situação?

— Sem dúvida, a distância que nos separou dos campos de batalha deveria fazer com que as consequências da guerra não incidissem sobre o Brasil de maneira tão evidente. Temos possibilidades de recuperação econômica bem apreciáveis. A nossa natureza é prodigiosamente rica. Qualquer semente caída ao chão germina e brota generosamente. O problema foi bem abordado na história do matuto: "Plantando, dá". Não é demais insistir: devíamos pensar em que há outros povos que estão sofrendo muito mais. Ainda há poucos dias, recebi uma carta de Paris na qual uma amiga pintava um quadro desolador. Afora as inúmeras restrições que pesam

sobre gêneros alimentícios de toda ordem, há outras dificuldades que tornam a vida insuportável. Basta dizer que só há luz elétrica durante duas horas por dia. E isto é bastante significativo para um povo que tem na leitura uma de suas ocupações de todos os minutos de descanso.

### "NÃO ME VENHA COM ESSA HISTÓRIA DE FILA DO PÃO"

— Mas, d. Madalena, as nossas filas, a falta de pão.

— Sim, as nossas filas refletem uma situação angustiosa por que está passando o povo. E o pior é que levam pessoas que têm muito o que fazer a perder horas e horas diante de um armazem ou de um posto de distribuição de leite. Mas, não me venha com essa história de fila do pão. A natureza nos oferece magníficos sucedâneos como o milho, a batata, etc. De modo que ficar durante horas numa fila de pão afigura-se-me afetação da gravidade do problema.

A produção intelectual da mulher é sempre olhada com certa suspeita, dada a tendência que têm as filhas de Eva para se orientar no sentido de uma literatura amena, como diria o Eça. Mas Lia Correia Dutra não é desse "team". Na sua opinião está se precisando de uma redistribuição de terras afim de que a produção aumente de volume. Afora isso, acha que outro motivo da miséria que nos cerca é a presença comprometedora, no governo, de elementos reacionários e inimigos do povo. Que faria no governo? Adotaria as providências decorrentes dessa maneira de pensar.





O reporter tenta, ainda, evocar para a entrevista, alguma coisa de deficiente que não seja fruto de circunstâncias alheias à vontade dos governantes. Mas grande artista está bem humorada e não se deixa contaminar pelo pessimismo:

— Coragem. Esta seria a minha palavra de ordem. Coragem, brasileiro. Esta crise vai passar. O que é preciso é que, em vez de condenar, todos se disponham a colaborar. O governo tem demonstrado boa vontade de resolver os problemas, em face da desagradável herança que recebeu...

— E na hipótese de a sra. achar-se, no momento atual, à frente de um posto administrativo?

— Minha preocupação seria inicialmente acabar com as filas. Elas são, verdadeiramente, uma tragédia das ruas, concluiu a grande virtuose patricia, enquanto o seu aluno batia à porta. Ia começar, para Madalena Tagliaferro, uma entrevista sobre outro assunto mais interessante: música, divina música!

### UM SOLDADO DA DEMOCRACIA

D. Nuta Bartlet James, que foi candidata da U.N.D. a uma cadeira na Assembléia Constituinte, tem um passado de tradições democráticas na família. Seu marido, Bartlet James, foi deputado pelo Distrito Federal e militou no jornalismo, em ambos os campos de atividade pelejando contra potentados. Ela mesma conhece todas as agruras que sofrem os que se batem pela causa da democracia. Esteve presa e enfrentou a polícia em épocas turbulentas do nosso passado.

Dissemos-lhe o motivo da nossa visita e ela, embora pondo-se à disposição da curiosidade do reporter, frizou que não era uma figura de evidência mas apenas um soldado da democracia.

— Mas sem soldados não se ganham batalhas, — dissemos, ao mesmo tempo que mudamos de assunto para esquecer a infame acanada.

Ela respondeu:

— A nossa crise, do ponto de vista econômico, vem de datas remotas. As causas não são de hoje. Acumulam-se umas às outras desde muito tempo. Sob o aspecto político, isto é, considerando a questão dum ponto de vista mais amplo, quero acreditar que a causa é a falta de educação cívica.

— A expressão é um pouco vaga...

— Eu me explico. Quero dizer por falta de educação cívica a ausência de disposições para colaborar na solução dos problemas de governo. A crítica é necessária mas não se constroi somente criticando. E ainda a propósito dêsse aspecto da entrevista, faço questão de assinalar que tivemos, ao tempo da administração Pedro Ernesto, na Prefeitura, um revigoramento da democracia. Mas depois, santo Deus!

— Quais os culpados dêsse depois?

— Não quero citar nomes, mas a verdade é que assistimos a uma verdadeira degringolada. Não pretendo indicar aqueles que me parecem os responsáveis pela estagnação. Em todo caso, faço uma exceção para o padre Olímpio de Melo...

### UM APELO A TODAS AS MULHERES

A seguir, d. Nuta aborda a tese de que a mulher está confiada uma grande parcela de responsabilidade na solução dos nossos problemas, pois ela os conhece através de aspectos que os homens ignoram.

(Continua na pag. 56)

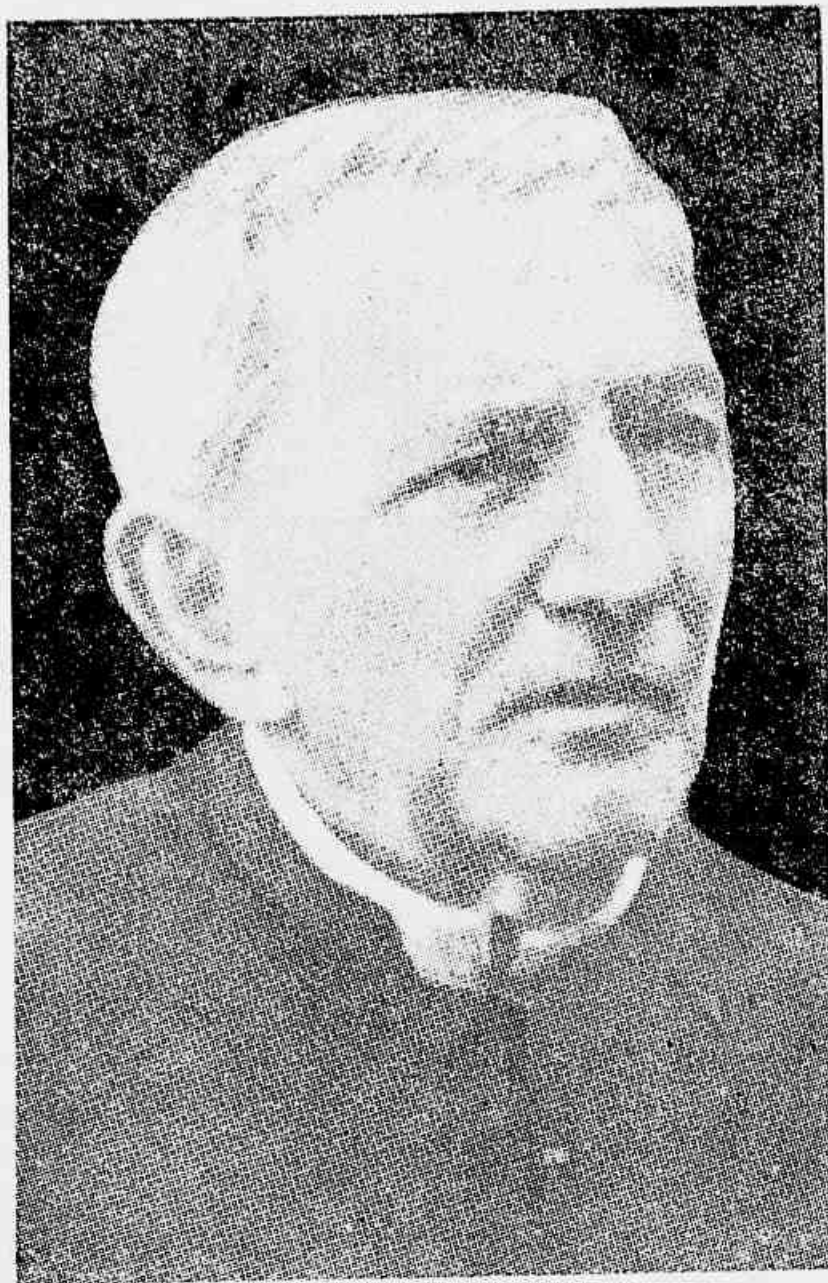


A CRISE NACIONAL E O TEATRO — Dulcina esboça a resposta e depois fala: "Realmente, a confusão do momento limita a liberdade de criação artística e perturba o ritmo dessa criação. Mas, da inquietação nasce a luta, outras vezes. Agora, todas as lutas do espírito trazem não é uma inquietação destrutiva, como tem acontecido as características de aperfeiçoamento. Há uma ânsia de elevação espiritual impulsionando todos os movimentos".





"Beata Mocinha", mordomo e secretária do Padre Cícero Romão Batista.



Padre Cícero Romão Batista, no seu retrato oficial, que ele oferecia aos amigos.



Beata Teresinha, a servçal que acompanhou o Padre Cícero durante sessenta e cinco anos.

O BRASIL, em 1932, atravessa uma intensa agitação política. Muitas opiniões são conhecidas e debatidas a respeito do retorno do país à sua vida legal. O jornalista Lauro Reis Vidal aborda o presbítero sobre o momento nacional.

— Não posso deixar de ter um justificado receio que a vida prematura da Constituinte faça o Brasil enveredar pelos tortuosos caminhos por que vinha seguindo no regime que passou.

Com estas palavras, o Padre inicia a sua entrevista e prossegue:

— Acho que o Brasil deve continuar sob a ação ditatorial, até que se consiga operar uma sensível modificação na mentalidade política dos nossos contemporâneos por meio de imediata instrução do nosso povo.

Quem fala assim é um campeão de fraude eleitoral e o sacerdote que deixa viver na ignorância, milhões de brasileiros.

Sugere a instalação de um tribunal independente e vitalício, "uma sentinela avançada e que teria por atribuições velar pelos interesses brasileiros, garantindo a execução dos programas governamentais, acumulando igualmente as funções de órgão técnico e consultivo, com poderes para combater os colapsos administrativos, evitando, assim, as inovações que de governo a governo se verificam."

Fala a seguir, da criação de uma comissão de 10 pessoas para elaborar o projeto de uma nova Constituinte e cujos membros seriam o Cardial D. Sebastião Leme, dois Ministros do Supremo Tribunal Federal, dois nomes indicados pela Ordem dos Advogados do Rio de Janeiro, um general, um almirante, dois jornalistas, um delegado da Indústria, e outro do Comércio e um representante do operariado.

No final, são doze...

Acha também que o nosso sistema eleitoral é defeituoso e mostra as vantagens da eleição indireta, o que ele chama de "cristalização do processo eleitoral".

Isto é aproveitado depois pelo sr. Getúlio

"Padre Cícero — O Santo de Juazeiro", é o título do volume no qual o escritor Edmar Morel reuniu numa série de interessantes trabalhos sobre a figura lendária daquele sacerdote. Sua personalidade é nessa obra apreciada sob seus múltiplos aspectos: político, místico, religioso, revolucionário, soldado do governo e nacionalista. Damos, a seguir, o capítulo final desse trabalho, que inclui o episódio da morte do Padre Cícero, o que fazemos "data vênica".

## De EDMAR MOREL

Vargas, em 1934, para ficar no poder mais um quadriênio. Antes de terminá-lo, em 10 de novembro de 1937, dissolve a Câmara, rasga a Constituinte de 1934, proclama o Estado Novo e oferece ao país, uma nova Constituinte...

\* \* \*

Entre as últimas cartas enviadas ao sacerdote, pelos seus afillhados, transcrevo trechos de uma que revela até onde iam a confiança e a resignação do sertanejo no pároco.

"Umburunas. 30-10-1932. Tenho vivido muito contrariado devido os grandes prejuizos na minha fazenda no município de Piancó, Estado da Paraíba. Roubaram-me grande quantidade de gado e criações, tocaram fogo na minha propriedade e casas, mataram-me o filho Cícero, um homem sem crime e fui obrigado a abandonar a fazenda, tudo por causa de política. Peço mandar-me dizer o que devo fazer".

Um homem vivendo em centros mais civilizados, diante de tanta perseguição, teria a calma necessária para esperar pela Justiça?

O fazendeiro Luís Santos Alves, em vez de empunhar o bacamarte para vingar a morte do filho, prefere narrar os fatos ao seu padrinho e perguntar:

— Que devo fazer?

— Confie em Deus que a Justiça Divina não falha! — responde o Padre.

\* \* \*

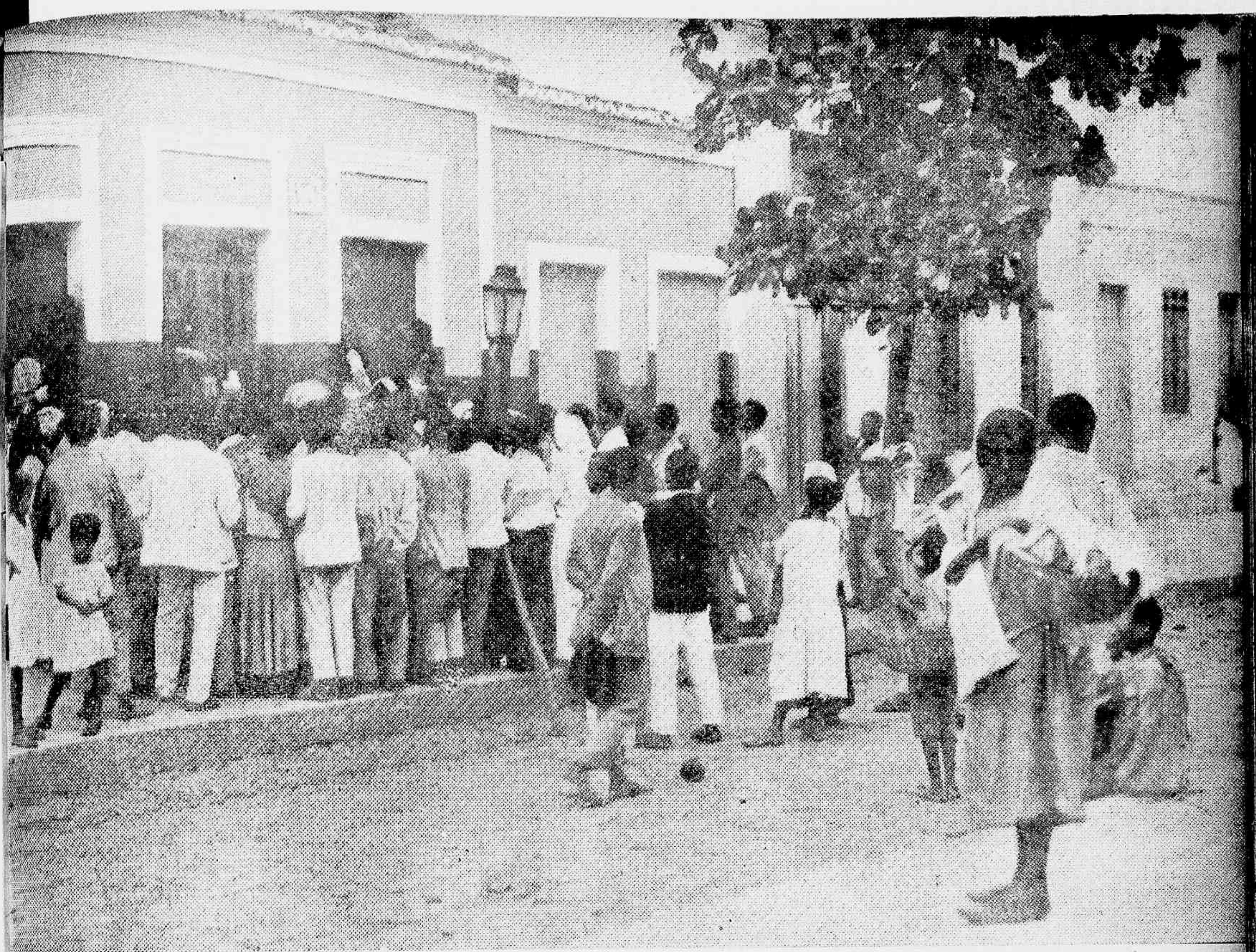
Estudando o patriarca sob os mais diferentes aspectos, Azarias Sobreira, capelão de Cascavel, confronta-o com o Cura d'Ars,

S. Vicente de Paula, S. Francisco de Sales, Eutíquio, Frei Jerônimo de Savonarola e Antônio Conselheiro, dizendo:

— O padre Cícero é um cruciante ponto de interrogação para quase todo o mundo. Nem mesmo os que privaram com ele e com ele viveram, puderam jamais decifrar, inteiramente, sua psiquê, penetrar o âmago de sua mentalidade, tocar as raízes de sua impar atuação. Mutatis Mutandis, foi ele, perenemente, um objeto de contradição, não somente na região nativa, onde passou toda a vida pública, porém ainda alhures, onde chegou a repercussão de seu nome. Nêle se encontravam as marcas mais disparatadas que costumam assinalar as grandes personalidades. Não era nem um arróio manso e tranquilo, de águas claras e silenciosas; nem era também uma torrente impetuosa e gritante, com imprevistos remansos e cachoeiras. Porque era tudo isto, ao mesmo tempo. Do Cura d'Ars, teve o zêlo da glória de Deus. Zêlo que lhe fez passar cerca de dezenove anos em missão permanente, na humilima capelinha de Juazeiro. De Francisco de Sales teve até à morte, duas das principais características: a mansidão e a pureza. São Vicente, aos oitenta anos de idade, confessava haver se irado duas ou três vezes. Pois o padre Cícero poderia dar, de si próprio, idêntico testemunho. De Eutíquio, possuiu a temeridade de sustentar, sem vacilação, uma opinião teológica, indiscutivelmente arriscada e havida por todos como ortodoxa. E, a despeito do clamor suscitado, em torno dêle, por bispos e teólogos respeitáveis persistiu no apêgo à sua tese, convencido da justiça de sua causa. Contrariamente ao monge oriental, manteve-se, todavia, em respeitoso silêncio. De Antônio Conselheiro, teve o messianismo restaurador. De Frei Jerônimo de Savonarola herdou a coragem das próprias convicções, o empenho de reeditar, no Brasil, o fervor e a pureza da Igreja primitiva; o desejo ardente do martírio; a simplicidade na pregação. Herdou ainda os pendores políticos, tendo em mira a salvaguarda de seu povo."

# FIM DE UMA PEREGRINAÇÃO





Um flagrante curioso e eloquente da popularidade do Padre Cícero. Por detrás de uma grade, em sua residência, o sacerdote abençoa os seus afilhados. Esta cena repetia-se frequentemente durante a vida do "Santo de Juazeiro".

O ano de 1932 é o ante-penúltimo da vida do padre Cícero, já então um corpo alquebrado como ombro caído para o lado esquerdo, a cara cheia de rugas e uma palidez de impressionar. Dir-se-ia uma mumia saída de um sarcófago. Seus cabelos brancos têm a forma de um floco de algodão do Seridó. Seus olhos claros não têm mais o brilho fascinante. Fala com dificuldade e os seus passos são miudos,

andando devagar sob a proteção do inseparável cajado. As orelhas abertas em leque se sobressaem e a cabeça chata de autêntico cearense cai sobre o pescoço curto. Mas o seu rosto é de uma rigidez de bronze. É uma máscara de ferro esculpida sem retoques. A própria batina, suja e gasta pelo tempo, faz aumentar a austeridade e sisudez no fim de sua vida.

— Uma coisa ele não esquecia. Apalpa-va, vez por outra, as suas roupas proibidas de usar.

E Terezinha Maria de Jesus, a "Terezinha do Padre", para quem o sacerdote é apenas o seu "Sinhorzinho", mostra-me uma mala de couro. Abro e, nela deparo vestes paramentais, desde o amicto, alva, ângulo, manipulo, estola e casula, peças que ele usou pela última vez, na missa de 4 de junho de 1921, quando foi de novo suspenso de ordens pelo Bispo do Crato.

A servical espera, agora, a morte no fundo de um quarto do casarão, onde o seu amo viveu mais de 70 anos até expirar. Percorro todas as dependências e paro diante de um altar.

— Aqui, o "Sinhorzinho" rezava noite e dia.

Num relance, vejo têrços e breviários dentro do santuário. Pelas paredes, quadros representando algumas das 14 estações de Cristo, rumo ao Calvário. Este é o seu primitivo altar. O segundo, mais simples e menor, é instalado no seu próprio quarto de dormir, na casa onde o taumaturgo falece, prédio com relativo conforto.

\* \* \*

Em 1932 estoura um movimento revolucionário em São Paulo. O Padre, como todo o povo do norte do país, vítima de uma insi-

diosa campanha governamental, não vê a revolta com bons olhos. É voz geral, de que São Paulo quer se separar do Brasil e que o chefe da sedição é o general alemão Bertholdo Klinger...

Na verdade, o colosso do São Paulo, com o seu povo intrépido e querendo salvaguardar  
(Continua na pag. 56)

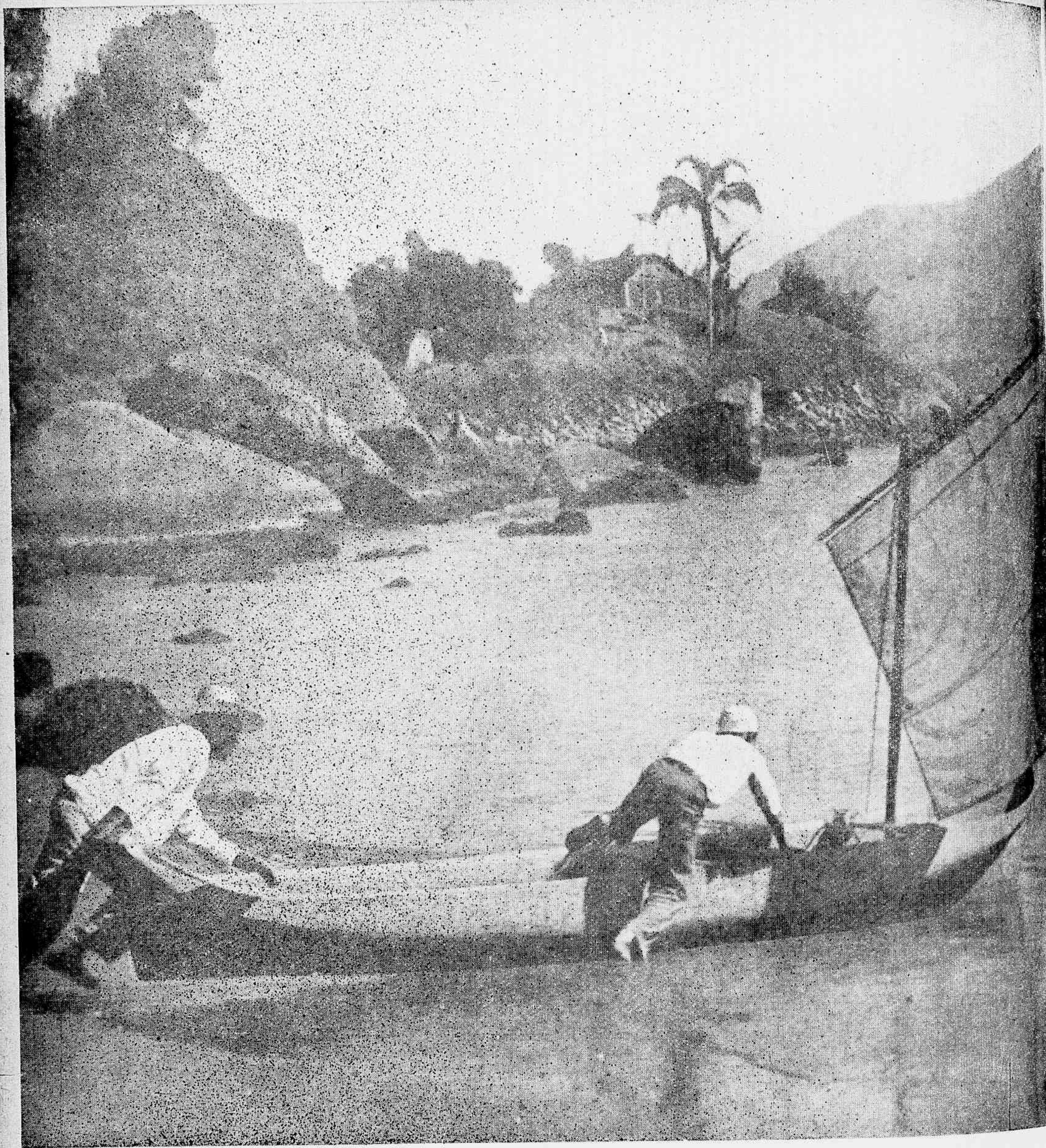


O Padre Cícero, em estátua, frente à Igreja do Perpétuo Socorro, onde foi enterrado.



Religiosos, dando à frente padres salesianos, destroem as colunas da capela do Horto, sonho do Padre Cícero.





# COISAS DO BRASIL

Os pescadores de Mangaratiba fazem a sua vida quase à parte do mundo, ou melhor, fazem a vida dos homens bravos e destemidos que em toda a parte exercem a sua profissão. Rústicos que se afeiçoam aos elementos e despertam muito antes do sol ralar, esses homens são criaturas mais em contacto com a Natureza que os citadinos, chamados pomposamente de "homens de gabinete". Eles têm a epiderme tostada pelo sol e por isso mesmo sadia, e seus nervos estão aclimatados às fortes emoções dos mares ainda os mais violentos. Pescadores de Mangaratiba, eles preparam as suas rédeas à tarde, e na madrugada seguinte preparam a sua partida, e lá vão, mar adentro, velas desarmadas, à busca dos peixes que hão de alimentar-nos e com o qual também eles, os pescadores, levam o pão para a mulher e os filhos. Sua profissão é sagrada, porque a exerceu São Pedro, e foi ao pescador incrédulo que o Senhor encontrou um de seus discípulos amados e a quem deveria mais tarde entregar as chaves do Paraíso.

Por isso todos os pescadores, no seu rústico mourelar, são sempre os cativos da gente que possui uma profunda noção de arte. No trabalho do arranjo das rédeas, da partida dos barcos, de descarregar da pescaria, vai a palheta de um pintor encontrar motivos exuberantes e inspiração feliz para a confecção de muitas obras primas. É um desses motivos que também um fotógrafo amador foi encontrar, madrugada clara, nas águas quietas de Mangaratiba, ao assistir à partida desse modesto veleiro. Lá vão eles, os pescadores fluminenses, confiados no destino de Deus e certos de que Ele os protegerá. Mais peixe nas suas rédeas, maiores compensações em seus bolsos para a compra do pão destinado à família — e um dia mais terão eles vivido, dentro do espírito sagrado da profissão e be-  
atados pela boa sorte que sempre os acompanha, os companheiros de Pedro — e incrédulo.

No alto e  
Kinney e  
filme da

A  
EM

O be  
filmado, é  
película  
Hitchcock,  
que prod  
cena por  
outra, co  
caracteriz  
é a alien  
samente  
para fazê  
mória pe  
Alfre  
de suspen  
ênna co  
glam ext  
que los p  
United A

Em baix  
close-up  
Cooper é  
que corr





No alto da página: Uma visita cordial aos estúdios da Warner Bros, feita pelo nosso correspondente especial Luís Serrano, que se fazia acompanhar da jornalista Miss Violet Kinney e do casal paulista sr. e sra. Paulo Reis Magalhães, onde foram recebidos pelo ator Roberto Alda, que neste momento divide as horas de estrelato com Gary Cooper, no filme da United States "Cloak and Dagger". Em baixo: Joan Crawford, a recém-premiada da Academia, ao lado de sua filha adotiva Christina, ambas apresentando idêntico modelo de chapéu, que foi especialmente desenhado para Mr. Crawford. O seu próximo filme será "Humoresque", para a Warner Bros.

## A REVISTA EM HOLLYWOOD

O beijo mais intrigante e significativo até hoje já filmado, é o que Ingrid Bergman dá em Gregory Peck, na película "Quando fala o coração" (Spellbound), de Alfred Hitchcock, apresentação de David O. Selznick. O efeito que produz esse beijo está magistralmente ilustrado na cena por uma fileira de portas que se abrem, uma após outra, ao longo de um corredor. No filme, Gregory Peck caracteriza a vítima de uma amnesia temporária e Ingrid é a alienista que trata com abnegada paciência, possível somente em uma mulher possuída de um amor insensato, para fazê-lo voltar à normalidade e restituir-lhe sua memória perdida.

Alfred Hitchcock, o gênio criador das maiores cenas de suspense e mistério que já foram filmadas, realizou esta cena com tanta maestria que os espectadores a contemplam extáticos, admirados do simbólico significado daquelas portas que se abrem. Esta película, distribuída pela United Artists, será estreada breve, no Rio.

Em baixo: A fotografia mostra-nos como se filma um "close-up" de uma carta ao ser escrita. A mão de Gary Cooper é fixada de menos de 50 cent. no momento em que corria sobre o papel, numa cena de um dos seus próximos filmes.









Na página, à esquerda, ao alto: Oficiais da FAB, estagiando nos Estados Unidos, em visita aos estúdios da Metro-Goldwyn-Mayer. Na fotografia, Esther Williams, durante a filmagem de "Fiesta", recebe-os sorridentes, vendo-se da esquerda para a direita: capitão Ruel e io, ten-cel. Menezes, Esther Williams, brig. Gervasio Duncan, chefe da missão, e rap. Amílcar. Em baixo: dois flagran-tes de Gregory Peck e Ingrid Bergman, no filme da United Artists "Quando fala o coração". Mr. Peck tem neste filme uma das maiores oportunidades de sua brilhante carreira, ao lado da grande "estrela" sueca.

★

Ao alto, à direita: Cecil B. DeMille, o realizador escrupuloso de filmes épicos, no seu gabinete de trabalho, onde está ultimando os preparativos para a sua nova película "Unconquered". Com tais preparativos o seu escritório tem a aparência de um pequeno museu.

★

Em baixo: Durante a recente visita do almirante Jorge Dodsworth Martins, Ministro da Marinha do Brasil, e de sua comitiva aos estúdios de Walt Disney, foi obtido o flagrante, onde se vê além do Consul do Brasil em Los Angeles, dr. Afonso de Almeida Portugal e de várias patentes da nossa Marinha; em baixo, ladeando o gerente geral dos estúdios de Disney, o almirante Dodsworth Martins e sua esma. senhora, vendo-se ainda na fotografia a filha do distinto casal.







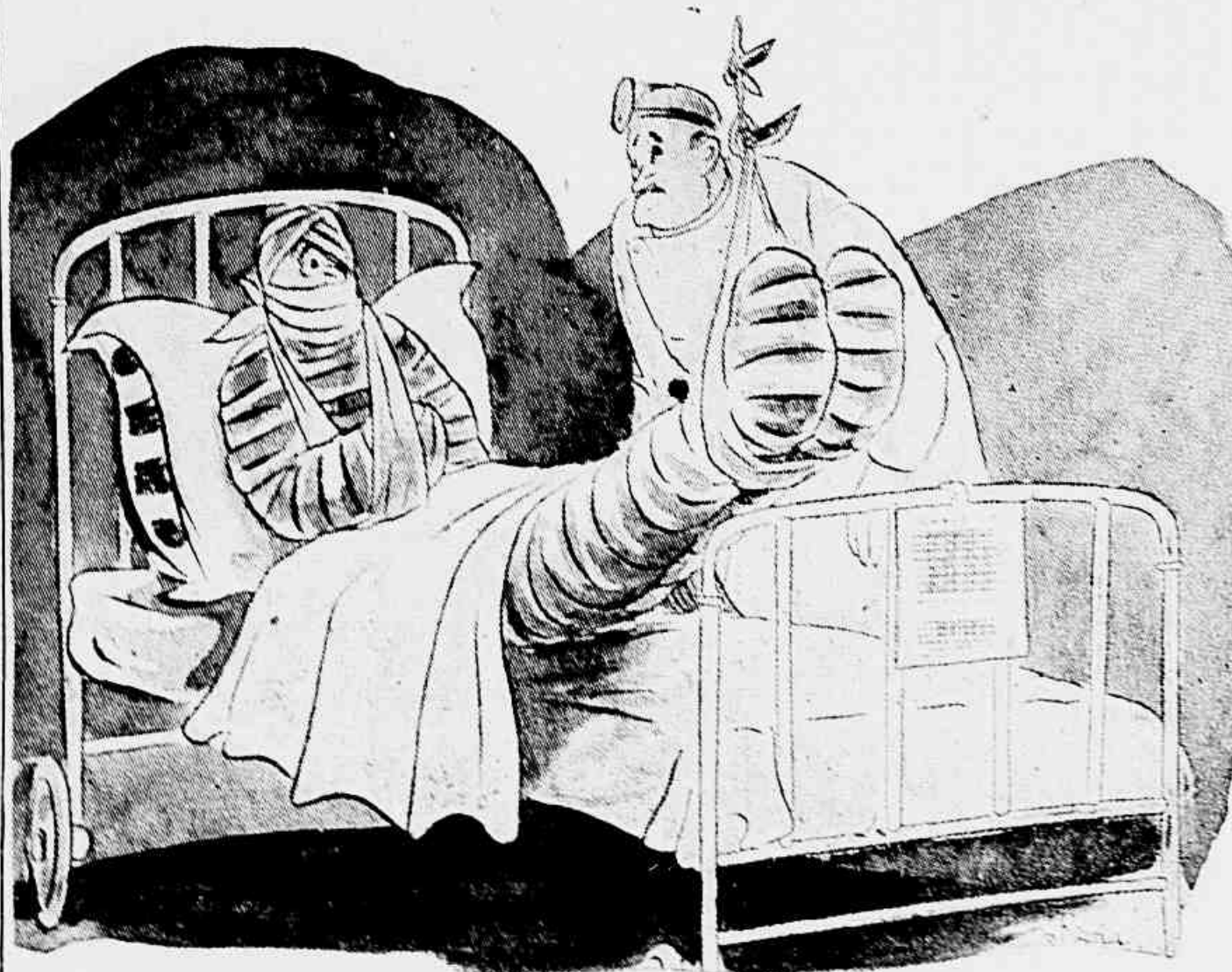
— Não sei o que é, doutor, mas, ultimamente, venho sentindo umas pontadinhas no peito e nas costas...



— Vamos acabar com isso, "seu" moço! Só quero vêr quando é que sai a carteira!



— Perdão, cavalheiro, mas o senhor tem que falar primeiro com o gerente do Departamento de Compras!



— Estou passando bem, doutor, apenas quando preciso rir, dóe muito...

## DE BOM HUMOR



— Eu também sou assim, Zilócal! Não costumo dar crédito à essas cartas de amor mimeografadas...



## Conto de Maria String

**D**ATENDO a porta, ela saiu da sala, com o rosto afogueado e as lágrimas muito próximas dos olhos rasgados. O pai queria à força impor-lhe o noivo. Há muito tempo ela vinha lutando contra aquelas ameaças que eram bastante vagas, mas que, naquele momento, se concretizavam, assustadoras. Tinha que casar.

O pai, desde pequena, lhe comunicara o desejo de vê-la casada com um rapaz, filho de amigo seu. Cresceu a menina longe do "noivo", e sempre ouviu com um sorriso a conversa do pai, prometendo a si mesma que, quando chegasse o momento de escolher o futuro esposo, o pai cederia aos seus caprichos, como era seu hábito. Mas, verificando que ele cedia somente aos seus caprichos com o fito de obter submissão à sua vontade, ela ficava subitamente desorientada, sem saber para quem se voltar. Donde, a aparição oportuna do convite.

Há muito tempo, ela vinha sendo seguida. Sabia disso. Já comentara, até, com a amiga íntima, Laura, e ambas tinham decidido que não era conveniente alimentar as esperanças do moço da baratinha. Ele as esperava à saída do trabalho. Uma vez se oferecera em levá-las mas elas haviam recusado. Naturalmente não poderiam aceitar condução de um extranho, principalmente se ele demonstrava um interesse demasiado vivo em levá-las até em casa. Uma tarde, soube o nome dele: Joy, Nicholas Joy. Quem lh'o disse foi uma companheira de serviço na loja, acrescentando, a seguir, que ele era conhecido como "lobo" mais temível da Quinta Avenida. Filho de milionários, mimado, pensava que à sua disposição estava toda a moça que lhe despertasse o menor capricho. Assim, agia sempre da mesma forma: comprava a entrada no coração da moça desejada e comprava a saída, terminando as lamúrias da despedida com um casaco de peles ou um colar de pérolas. Não era o tipo de Annie e desde aquele dia ela alimentara uma aversão sempre crescente em relação ao seu admirador. Contudo, naquele momento, quando o pai quase que à força lhe queria impor o noivo, chegava-lhe aquele convite: uma carta em papel azul, de linho, convidando-a para uma festa no apartamento do Nicholas Joy. Estava assinada com uma letra firme, voluntariosa.

Aceitou. Não saberia bem explicar o motivo daquela decisão. Veio-lhe num impulso de rebeldia e acentuou-se diante da insistência do pai. Iria, de



qualquer forma, à festa. Mandou passar o vestido de baile — único que possuía — e preparou-se. Deu uma desculpa em casa. Uma festinha em casa de Laura.

E foi. Nunca esperava encontrar aquela animação. Dentro de meia-hora, estava completamente tonta com aquela exibição de riqueza, de luxo. O apartamento era coisa superior à que ela já vira no cinema, base dos seus sonhos mais ousados. E os convidados, todos, traziam na elegância impecável dos trajes, o signo da aristocracia, do dinheiro. Ela sentia-se diminuída, com seu vestidinho — o melhor que tinha — um trapo em comparação às toilettes decotadas e cobertas de jóias das outras moças. Divertiu-se imensamente.

Nicholas esperava-a na porta. Com um sorriso, fê-la entrar e, tirando-lhe a capa, murmurou:

— Tive que encher a casa de gente para ter uma oportunidade de falar-lhe. Sabe que isso é raro?

— Não insisti, nem ao menos sugeri, a realização desta festa.

— Não a responsabilizo pelas minhas loucuras. Exceto, é claro, por ser a causa principal de todas elas.

— Não diga! Foi para dizer-me isso que me convidou?

— Não sou egoísta. Quero vê-la divertir-se.

A despedida, ele fez-lhe uma proposta. Ela quase que a esperava. De certo modo, ele estava cumprindo um dever: justificar sua reputação de homem leviano. Disse-lhe:

— Quando quiser, a casa está às ordens.

— Obrigada.

— Então se esqueça de que eu gosto de fazer presentes. Peça, que eu darei.

— E, como poderei pagar o que me der?

Ele sorriu:

— Está se fazendo de ingênua ou realmente não sabe?

Ela deu-lhe uma bofetada e retirou-se. Ele também quase esperava aquele resultado. Perfeitamente cínico, tinha, quase que por desengano de consciência, feito a proposta. O resultado também estava previsto. Tratava-se de esquecer aquela carinha bonita. As mulheres não valiam um desapontamento: em suma, esta era sua filosofia.

\*\*\*

Não podia continuar assim. Que acontecera com seu pai antes tão cordato? Queria, à força, vê-la casada. E com aquele rapazinho do interior que ele nem sequer conhecia. Não era possível. As coisas estavam piorando de tal modo que ela previa, bem próxima, uma crise muito séria. Teria que decla-

(Continúa na pág. 52)

# O CONVITE



# O EXÍLIO DE MONTEIRO LOBATO

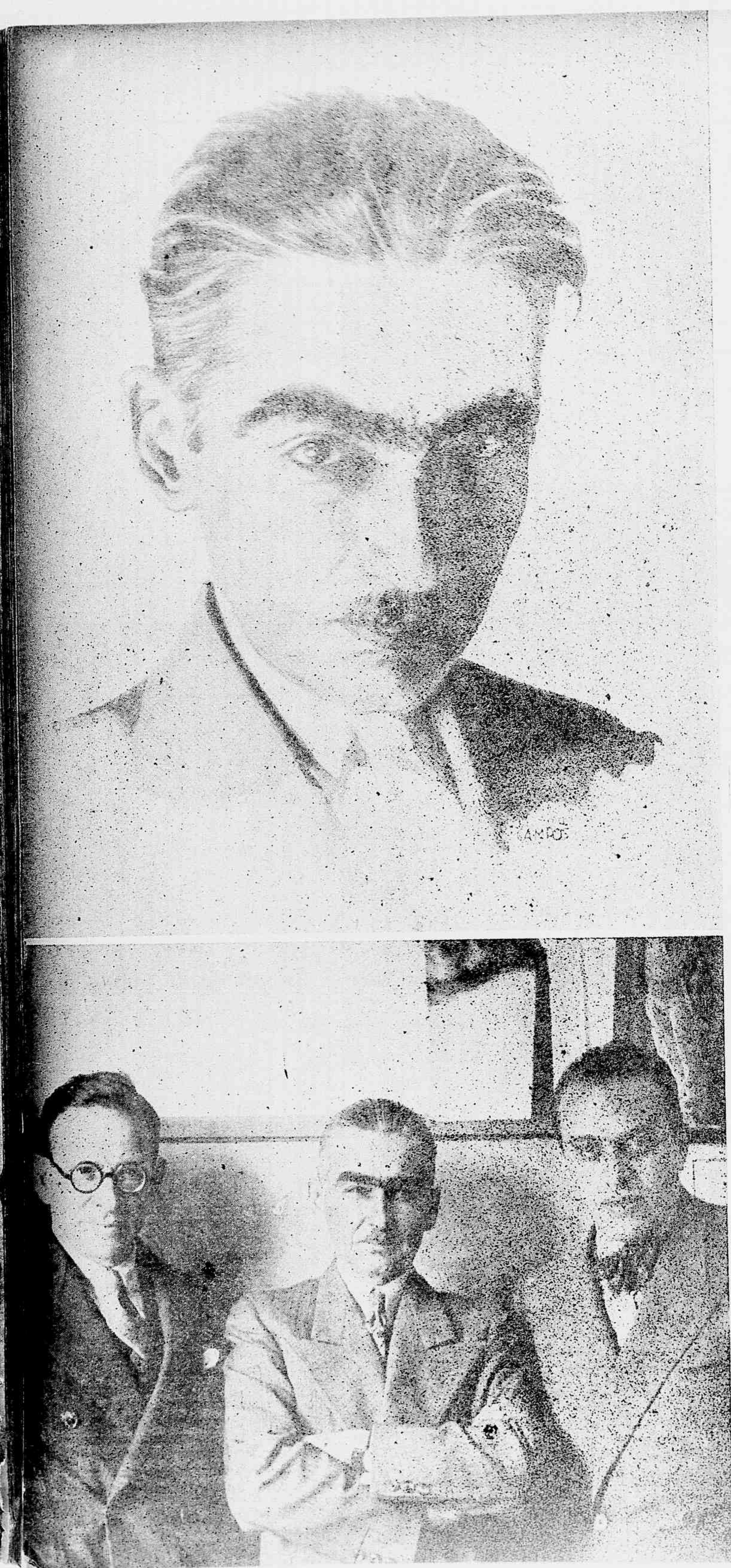
O RECENTE e tão discutido exílio voluntário de Monteiro Lobato para a Argentina criou nos meios intelectuais, e não somente neste círculo, mas em grande parte do nosso povo leitor de notícias, uma onda de debates, afirmações e contradições as mais violentas contra a sua atitude de exilado. Os que o atacam julgam encontrar no seu ato manifestação pura e simples de um egoísmo interesseiro, à procura do seu bem-estar físico. Abandonar sua terra — comentam — para fugir às privações de alimentos que pesam sobre todos; não suportar o suplício das filas, da falta de carne, do pão, do leite, de quase tudo, afinal, é egoísmo primitivo e barato. E acusam-no por aí a-fóra. Crêm que o seu dever de patriota seria enfrentar, pessoalmente mesmo, para dar mais valor ao seu patriotismo, a humilhação das filas, para comprar ao fim de duas horas o seu páosinho de milho.

Contra esses acusadores levantou-se incontinenti os que aplaudiram a sua atitude. Mas o interessante é que também julgaram ser este o seu motivo. E defendem-no. O escritor está com o seu direito e com toda razão. Se aqui escasseia o que comer, se o que se encontra é falsificado, deteriorado, a preços de cambio-negra, nada mais justo que procurar o paraíso dos pampas, onde o trigo abarrotado o depósito das padarias e o churrasco sangrento e macio é propriedade de qualquer mortal que tenha um "pêso" no bolso.

Em geral a discussão foi vista dête único ângulo. Sob o prisma da fome. E' natural, neste momento em que o estômago fala bem alto que se atribua a êle os nossos gestos mais íntimos, as nossas atitudes mais interiores. Mas temos para nós que é um ponto de vista completamente errôneo atribuir-se à sua ida como em busca de melhor alimentação.

Não podemos acreditar que o interesse pelo seu bem-estar pessoal e o de sua família o levassem a abandonar o Brasil pelo qual tanto lutou. Mesmo porque a um homem de recursos financeiros, como inegavelmente o é, a crise não tortura tanto, diríamos mesmo, quase nada. A grande sofredora é a classe média que está se tornando de vida pobre, e a classe pobre que se tornou paupérrima. Logo, se a crise não o aflige, não seria este o motivo d sua partida, em busca de me-

Ao alto: O retrato classico do autor de "Urupês"; sobre-  
cenho ligeiramente franzido, olhar enérgico, o cabelo tel-  
moso a cair-lhe continuamente sobre a fronte. Em baixo:  
Monteiro Lobato entre Menotti del Picchia, à esquerda, e  
Cassiano Ricardo. Os outros dois paulistas já se tornaram  
oficialmente imortais, ingressando na Academia Brasileira  
de Letras. Lobato agradecendo o convite para sua inscri-  
ção disse textualmente: "...hoje só desejo o esquecimento  
de minha insignificante pessoa."







Monteiro Lobato ao lado de sua família, na sua residência de São Paulo, que foi agora forçado a abandonar. Na ocasião desta fotografia, entrevistado por Celestino Silveira, declarou a uma pergunta do reporter: — "Se tenho ideais? Conservo uma coleção deles muito bem conservada em alcool." Já nesse tempo era grande a desilusão do escritor patriótico sobre os nossos homens, que tinham em mãos o destino do povo. Nunca poderíamos imaginar, entretanto, naquela data, que daí a dois anos exilar-se-ia em coerência àqueles mesmos ideais.

lhores bifes, muito leite e muito pão, nas plagas do sul.

E' necessário não esquecer que Monteiro Lobato foi sempre um espírito jovem e sempre um grande batalhador. Quem não se recorda de quando voltou dos Estados Unidos, em 1931, a celeuma que levantou com o seu alerta cheio de experiência sobre a questão do petróleo no Brasil, sobre a metalurgia e altos fornos? Já muitos anos antes, em 1916, fôra o primeiro a atacar as mazelas do nosso caboclo. Não se contentou em criticar as aflições das nossas populações do interior, minadas pela maleita durante toda a vida sem que houvesse quem os socorresse. Escreveu um livrinho de bolso, de leitura acessível a qualquer alfabetizado, o célebre "Jéca-Tatú", em que ensinava para todo o Brasil o meio de se tratar e de se evitar o "amarelão". Apregoava, sugestivamente, as vantagens que os nossos fazendeiros obteriam em seguir o que preceituava.

Pois bem, esse batalhador incansável, que criou a primeira casa realmente editora nesta terra, que criou toda uma literatura infantil nacional, hoje traduzida em muitos países, não seria este o lutador que abandonasse o campo de batalha por falta de "rancho".

A sua atitude é mais subjetiva. E' uma reação, acreditamos, contra a irresponsabilidade que os nossos homens de mando, nossos técnicos responsáveis pela Agricultura, Pecuária, Metalurgia, etc., vêm mantendo por longos anos a direção dos seus postos, muitos dos quais de verdadeira repercussão na fase que atravessamos.

A sua atitude foi, talvez, de amargurada descrença ao nos abandonar. Não à sua terra e à sua gente, que sempre amou, como provou tantas vezes durante a sua existência. Descrença talvez de fazer como estamos pro-

curamos resolver os nossos grandes problemas de hoje, vindos muitos dos erros de ontem, e que amanhã ainda nos serão mais trágicos.

Politicamente não lhe caberia lutar. Já tempos atrás teve uma experiência amarga de lutas políticas. E nunca foi político em sua vida de batalhador. Foi e é antes de tudo, um "libertário", como tão acertadamente o definiu Tristão de Thayde. Amante de todas as liberdades, repudiou, a seu modo, o que observou durante os últimos anos em sua própria pátria. E' a sua réplica de homem intelectual à direção atual dos nossos problemas.

Sua partida, dramaticamente assinalada pelas suas frases de despedida, já nos serviu de algo. Desesperançoso das atitudes dos homens, como é nossa crença, fez-lhes sentir isto com a sua retidão. E fez mais: abriu os olhos de milhares de "ufanistas" que ainda teimam em achar a nossa situação privilegiada. E querem comparar o que chamam de abastança (?) com a miséria que campeia pela Europa e para finalizar acrescentam: — "Podia ser muito pior."

— Mas será muito pior — disse-lhes Monteiro Lobato, com o seu exílio. E profetizou dias mais tristes, se uma solução não for sinceramente procurada por todos.

Esta a grande causa do voluntário afastamento do nosso grande escritor. Homem de atitudes francas e coerentes, cumpriu sempre com a sua parte construtiva na vida nacional. Querer disfarçar essa atitude, emprestando-lhe um caráter puramente de bem-estar físico, é sabotar o patriota, é esquecer o escritor brasileiro de todos os tempos.

Desejamos, apenas, uma coisa. Que sirva de aviso a partida de Lobato, justamente àqueles a quem ele desejou dirigir-se. E que

estamos certos, — ele também deseja — possamos tomar o caminho certo da segurança e da prosperidade, para que de novo o tenhamos ao nosso lado.

Brasileiro até à médula, suas saudades dos amigos que aqui deixou, da fazenda do "Picapáu Amarelo", da São Paulo que tanto amou, o exílio vai pesar-lhe como um sacrifício. Esperamos que este não seja longo.

Uma fotografia pouco conhecida do escritor. A descrença moradora de sua alma, transparece nítida no seu olhar. Lembramo-nos, a propósito, da divisa que escolheu para si: — "Sê fiel a ti mesmo".





ou de dois graus, a primitiva eleição por províncias modificada em 1846. Em 1855, a eleição legislativa passou a ser por distrito de um só deputado com suplentes, herdeiros presuntivos que nem sempre logravam substituir. Se herdeiros presuntivos régios muitas vezes não logram trono, bem podiam suplentes não terem cadeira na Câmara.

As suplencias duraram pouco, extintas em 1860, na compensação da eleição de tres deputados por distrito. Assim foi até 1875, quando uma lei mantendo o sistema eleitoral indireto consagrou a representação das minorias, boas fideis das maiorias.

E assim foi até 1881. Então a chamada lei Saraiva introduziu no Imperio a eleição direta por distritos representados por deputado unico.

A lei Saraiva conferindo o direito de voto por censo alto dessecou muito a politica, para muitos marnel onde muitos se afundam.

O proprio ministerio decretador da eleição direta perdeu dois ministros não re-eleitos, um deles, Homem de Mello, referendador da lei de 9 de Janeiro de 1881 moralizadora das eleições.

Até a queda do Imperio a lei de 9 de Janeiro regu o sistema eleitoral experimentada com favoráveis resultados em tres legislaturas.

Em segunda pratica trouxe a lei a Camara tres deputados republicanos, Prudente de Moraes e Campos Salles, representantes de eleitorados paulistas, e Andrade Botelho, mandatario de eleitorado mineiro, aqueles deputados só eleitos em segundo escrutinio significando opposição e luta voto a voto.

O interesse manifestado pela applicação da eleição direta melhor se exprime numericamente. A sua primeira eleição compareceram mais de 95.000 eleitores, a segunda eleição mais de 121.000 votantes, a terceira um pouco menos, 117.000 votantes em todas as tres eleições numerosos segundos escrutínios.

A ultima legislatura do Imperio ainda foi de deputados diplomados pela eleição direta, dissolvida porem a Camara pela proclamação da Republica cheia de promessas, estas em geral cumpridas só pelos que recorrem a intercessão dos santos para obtenção de graças.

As eleições mais importantes do Imperio foram sem duvida, dada a importancia do cargo, as eleições para regentes na minoridade de D. Pedro II. O parlamento elegeu duas regencias trinas, o voto eleitoral do paiz escolhendo Feijó e Araújo Lima, aquele renunciante de motu proprio, este contra vontade.

Ainda é cedo para apreciar o sistema eleitoral da Republica cujo primeiro regulamento do genero foi taxado de rolha e o officio das rollhas é sempre obstrutor.

Apezar de por muito tempo as eleições no Imperio se processarem nos consistorios e irmandades e portanto no interior de templos, nem por isto corriam sempre pacificas, ninguém querendo perder eleição.

A par de eleições sossegadas e incontestes outras havia de turbulencia e sangue, mormente quando intervinham os "falsos" ou eleitores falsificados. A eleição direta apagou de vez com os "falsos", extinguindo a capangada da "flôr do gente" sem que a pobre botânica pudesse protestar contra tal "flôr".

Depois de 1889 votaria pessoal todo calma, para necessidades de triunfo eleitoral votando eleitores já deitados nos cemiterios e nos seus leitos só esperando coveiros, exumações, e não entregas de cédulas.

Profligando as desordens de antigas eleições e manobras indecentes de cabos eleitorais, o barão de São Felix escreveu um poemeto intitulado *Psorophobia* zurrindo praticas viciadoras de eleições. Felix Martins era medico, lente de medicina, devia conhecer males e diagnosticos a mingua de remedios.

No vasto consistorio da Irmandade do Santissimo Sacramento, de sede em templo chamado da Antiga Sé, à Avenida Passos, existe retrato de corpo inteiro do citavo vigario da freguesia, monsenhor José Antonio Marinho, pela politica envolvido na revolta de Minas em 1842.

A tela do citado consistorio mostra furos de bala, lembrança de votantes exacerbados sem respeito ao local da eleição, o sacerdote retrato ferido em effigie.

Na eleição de dois graus buscava-se seleccionar eleitores do segundo grau de maior responsabilidade no exercicio do direito de voto exercido na respectiva paróquia.

Sirva de exemplo a paróquia carioca de Santa Ana ao eleger 44 eleitores de segundo grau para servirem no decurso da legislatura mandada convocar para 1845 e de fim em 1848.

Realizadas eleições paroquiais primarias, na matriz de Santa Ana apurou-se segunda eleição, recolhidas 1870 cédulas.

Verificou-se que, por maioria de votos, estavam eleitos 44 cidadãos de segundo grau da paróquia no quadriennio 1845-1848.

A lista impressa dos eleitos recomenda-se pela qualidade dos cidadãos nela incluídos, o mais votado tendo obtido 1853 sufragios.

Numero 1 da lista — Manuel Alves Branco, senador do Imperio.

Numero 3 — Manoel Antonio Galvão, senador do Imperio, eleito por 1845 votos.

Numero 4 — Antonio Nunes de Aguiar, coronel de engenheiros, com 1844 votos.

Numero 5 — José Carlos Pereira de Almeida Torres, senador do Imperio, 1855 votos.

Numero 12 — Christiano Benedito Ottoni, 1.º tenente da arma de lante da Academia de Marinha, 1826 votos.

Numero 14 — José Maria da Silva Paranhos, 2.º tenente de engenheiros, lente da Academia de Marinha, 1822 votos.

Numero 38 — Conde de Lages, senador do Imperio, 1699 votos.

Numero 40 — Francisco de Lima e Silva, brigadeiro, ex-regente e senador do Imperio, 1674 votos.

O termo de apuração dos votos obtidos pelos 44 eleitores da paróquia de Santa Ana, limita-se a mencionar-lhes os simples nomes, sem preceder-lhes ou pô-los a seguir de qualquer titulo cargo ou especificar de posição social. Apenas uma exceção, a do Conde de Lages, mencionado por seu titulo nobiliarquico e não pelo nome de João Vieira de Carvalho, o de quem fora tão longamente Ministro da Guerra, até em breve gabinete, o de dois dias precedentes da madrugada do Sete de Abril.

No Conde de Lages depositára D. Pedro I toda a confiança. Vimos carta do imperador a Lages, tendo ao alto o este tratamento — *Meu Vieira*. Curiosa a missiva na qual o soberano recomendava a observação dos atos de certa pessoa, que no conceito imperial merecia "um exemplo rijo".

Foi isto em 1825, Primeiro Reinado incipiente portanto. Voltamos ao Segundo Reinado e às suas eleições para a 6.ª legislatura do Imperio, a principiar em 1845 com os seus 44 eleitores na paróquia de Santa Ana.

A matriz paroquial erguia-se no Campo de Santa Ana na parte dele fronteiro depois à estação da Estrada de Ferro D. Pedro II cujo nome hoje recobre o de Estrada de Ferro Central do Brasil.

Cristiano Ottoni fora um dos secretarios da mesa apuradora das eleições dos 44 eleitores da paróquia de Santa Ana em 1845. Mal sabia Ottoni que no local da igreja da Santa haveria com seu nome praça e até estatua assaz movédica pois já tres vezes mudou de posição.

Varios dos 44 eleitores da paróquia de Santa Ana moravam ao Campo, um deles o brigadeiro Lima e Silva, ou nas suas imediações, o eleitor 2.º tenente José Maria da Silva Paranhos habitando na travessa do Senado, pequena, estreita via publica onde entretanto nascera, e justo em 1845, quem muito contribuiria para a defesa e alargamento do territorio patrio. Está nomeado o Barão do Rio Branco.

No tempo das eleições por províncias ou por distritos as votações do Municipio Neutro englobavam-se nas da provincia fluminense, a do Rio de Janeiro. Da eleição direta em diante se começou a distinguir umas de outras, a representação propriamente do Municipio Neutro sahida dos tres primeiros distritos da provincia do Rio, contando ela, reis mesmos, nove distritos, principando pelo 4.º, o do Niterói de cabeça corçada com as honras de Imperial Cidade.



O CONSELHEIRO JOSE' ANTONIO SARAIVA — (1823—1895)  
RETRATO DE 1881, DATA DA LEI DA ELEIÇÃO DIRETA

UM dito de outróra, repetido por ironia, afirmava ser o Brasil um paiz "essencialmente agrícola". Mas os tempos mudam e o homem gira-lhes em torno. Se o Brasil foi agrícola já não o é, o exodo para as cidades pondo desertos os nossos campos. Aham quantos os desamparam valer mais *colher* na cidade que plantar na roça.

Que o Brasil tem sido, é, e parece será um paiz essencialmente votante não padece duvida. Isto desde os dias em que começou a contar e cantar a sua Independencia para não remontar ao tempo em que mandavamos deputados às Côrtes de Lisboa, e nestas a oratoria de nossos representantes adocicando na pronuncia a lingua portugueza alem mar de silabas tão sincopadas.

As primeiras urnas bem nacionais enviaram legisladores à Constituinte de 1823, irmã mais velha da familia de nossas Constituintes, nossa primeira lei magna falecida de syncope de regimes em 1889, só com tempo de se lhe passar atestado de obito.

A primeira legislatura ordinaria nossa, na temporariedade da Camara dos Deputados e na vitaliciedade do Senado, recebeu deputados pelo sistema eleitoral indireto

# BRASIL VOTANTE

— ESCRAGNOLLE DORIA —



# NOS BASTIDORES FEMININOS

**N**ÃO TENHO TEMPO!"  
É o que mais comumente ouvimos de mulheres que ainda não se convenceram de que é preciso lutar! Lutar contra o tempo, lutar contra a gordura, lutar contra a magreza, lutar contra o abatimento moral, enfim, lutar contra tudo aquilo que possa prejudicar a sua beleza.

Minha amiga, ponha-se agora mesmo diante do espelho e responda sinceramente: está satisfeita com a sua figura? A sua indecisão está condenando-a. E então? Então, é preciso agir sem demora. Analise bem todos os detalhes e procure encontrar aquilo que a torna descontente. É o seu peso? Sua pele? Seu cabelo? Seja qual for o seu problema, tenha a certeza de que nem tudo está perdido, ou melhor, tudo poderá ser conseguido. Basta para isso força de vontade; uma força de vontade capaz de tirar você da cama meia hora mais cedo, a fim, de que você possa fazer seus exercícios para emagrecer ou engordar; uma força de vontade capaz de fazer com que você esqueça as guloseimas e aqueles pratos gostosos e pesados dos quais tanto gosta, para comer somente aquilo que possa beneficiar a sua pele, como, legumes e frutas; uma força de vontade que obrigue-a a dedicar ao seu cabelo dez minutos diários para escová-lo e uma hora por semana para o "shampoo"; que faça você escolher sempre não aquilo que a "fulana" usa, mas aquilo que lhe fica bem. Diariamente examine-se diante do espelho (ninguém precisa saber disso) e vá reformando, retocando, tudo aquilo que a seu ver prejudica a sua personalidade e, tenha a certeza de que tudo está em suas mãos. Lembre-se também de que não é um rosto de beleza clássica o que torna uma mulher atraente; são pequenas coisas reunidas que dão à mulher esse encanto inexplicável e irresistível.

KITTY

★

BRENDA JOYCE (Universal)







Fa  
bu  
bel  
tan

O  
é

Es  
nh

Ma  
cin

O  
em  
pa





Fay Baker, da RKO Rádio; Jinx Falkenburg, da Colúmbia e Helen Turpin a "cabelereira-chefe" da Warner Bros, apresentam as nossas leitoras quantos belos penteados.



O de Jinx, na página ao lado, para o alto, é mais negligente, caindo o cabelo em pequenos cachos sobre a testa.



Este penteado de Helen Trupin, é a conhecida "coroinha" sempre de grande efeito, e sempre na moda.



Mas Turpin, apresenta um penteado para cima, com ondas dos lados e no alto o cabelo armado sem "boucles"



O de Fay Baker é para o alto, enrolado em "boucles", com onda na frente, próprio para ocasiões de gala, como jantares, bailes, teatros, etc.

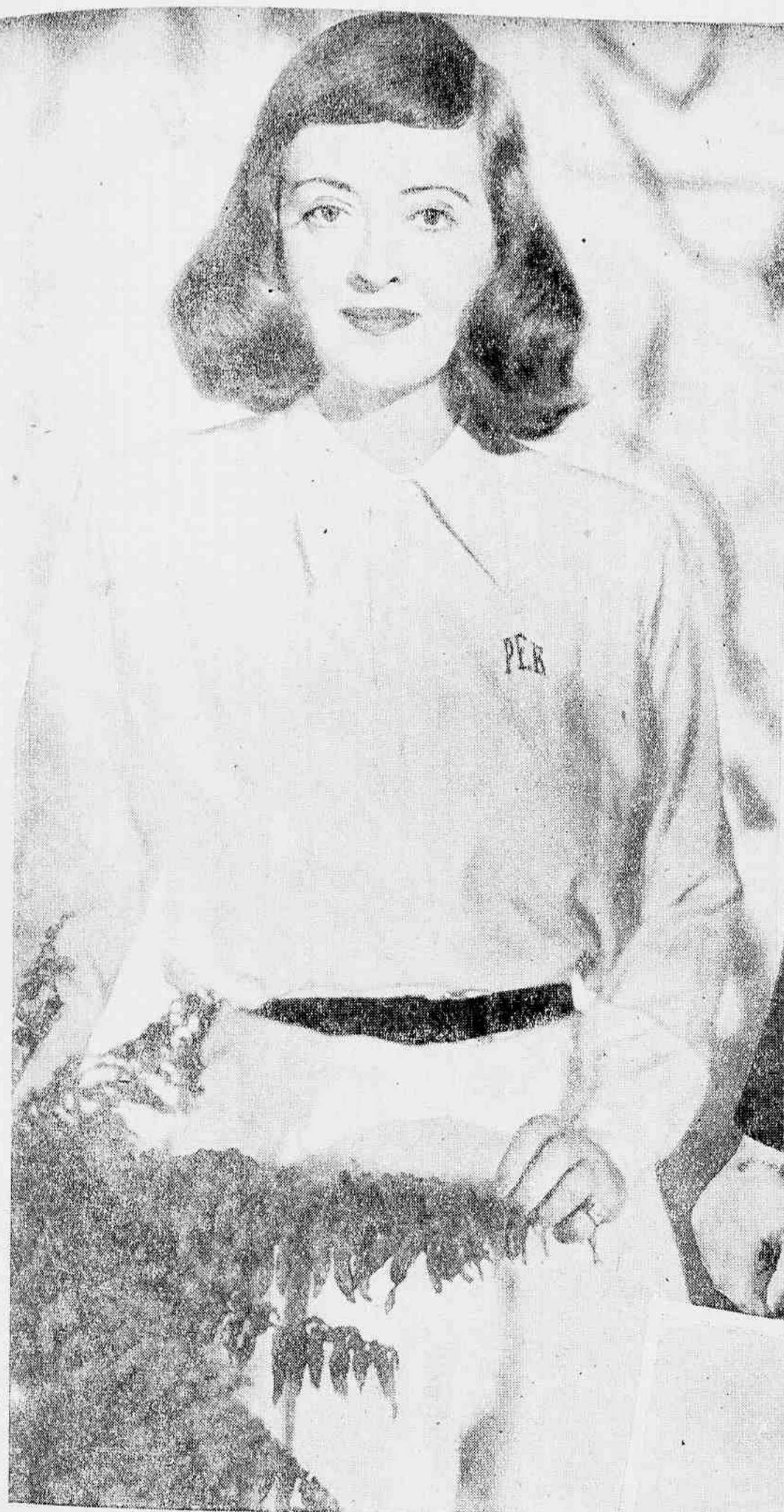


# CABEÇAS









# SUGESTÕES DE BETTE DAVIS

Na página ao lado: Casaco de lontra marron de talhe inteiramente inédito. Mangas largas ajustadas e abotoadas nos pulsos. Gorro "tricot"

Ao alto, à esquerda: Com uma calça de flanela branca, Bette Davis, a "genialíssima", usa uma blusa de "rayon" tipo "chemisier". Iniciais bordadas com linha azul, forte. Cinto de couro crú.

A' direita: Vestido em lã azul-marinho, de linhas bastante sobrias. Recortes originais formam a gola. Mangas de cava larga, punhos virados

Em baixo: Sobre um vestido escuro, Bette Davis, a grande "estrela" da Warner Bros, usa essa elegante capa de lã bege, com frente de pele de leopardo. Chapéu de feltro preto com "puff" de "tulle" na copa







# ASTÚCIA DE CABOCLO

ORLANDO  
MATTOS

**L**OURENÇO FIGUEIRA já estava velho e começava a ambicionar um ocase sossegado para sua existência custosa de homem rural labutador e aventureiro.

Sitante de parcas posses, mourejava todo o dia, auxiliado na faina quotidiana por alguns agregados, passando a sua vida de homem do campo no círculo vicioso anual do arar, semear, cuidar e colher. Agora, no declínio da existência, recordava saudoso a mocidade, revivia na mente as suas proezas de rapaz, fazendo desfilar pela memória todas as aventuras, patuscadas e folganças da juventude.

Lourenço Figueira fôra um rapagão aventureiro, valente, pândego e não muito amigo do trabalho constante e rotineiro. Só mais tarde, com a experiência que dá a vida, compreendeu a necessidade de mudar de costumes para a sua felicidade futura. Assim casou-se, e com a vida parcimoniosa que iniciou, conseguiu economisar o suficiente para adquirir o sítio.

Tinha três filhos, duas moças e um rapaz, o José ou Juca, como era conhecido. O pai espelhava-se no filho.

Juca herdara todo o gênio tempestuoso do Lourenço Figueira de vinte anos, e o velho satisfeito revia-se naquele moço robusto, desembaraçado e boêmio. Tinha, às vezes, vontade de adverti-lo sobre a vida que levava, mas lembrava-se de que um dia o filho seria

um vel  
mo par  
sentir  
Vivend  
e rend  
dade p  
gueira  
filho, s  
exterior  
ímpeto  
por sua  
o rapa

Na  
xara o  
em pân  
A'  
tado à  
o filho  
a vind  
sabia q  
voltava  
costum

Pe  
respon  
sivas p  
situaçã

do Mig

dum g  
serven  
sujeito  
onde e

a políci

O Mar  
Moreir  
com o





Conto

ANTONIO JULIO GOMES DE MORAES  
Ilustração de ORLANDO MATTOS  
CLASSIFICADO NO CONCURSO DA "REVISTA DA SEMANA"

um velho e não se decidia a refrear-lhe o ânimo para que ele também pudesse mais tarde sentir saudade da juventude despreocupada. Vivendo de expedientes, sem ocupação certa e rendosa, lá ia Juca consumindo a mocidade prazerosa. Na realidade, o velho Figueira tinha até orgulho das malandricas do filho, satisfação esta, que prudentemente não exteriorizava. O velho sentia ainda, às vezes, ímpetos do seu gênio de moço, como mostrou por sua ação, de uma certa feita, para livrar o rapaz de sério embaraço com a polícia.

Na manhã de um dia festivo, Juca deixara o sítio rumo à vila, para consumir o dia em pândega e estroinices.

A tardezinha, Lourenço Figueira, sentado à porta, divisava, ao longe, na estrada, o filho que vinha a galope, célere. Extranhou a vinda do rapaz assim, às ave-marias, pois sabia que quando Juca ia folgar, na vila, não voltava senão noite alta. Era velho este seu costume.

Perguntou ao filho a razão da sua vinda, respondendo o rapaz, em poucas mas expressivas palavras, que pintaram ao velho a sua situação angustiosa:

— Meti-me numa encrenca no botequim do Miguel.

— Com quem?

— Com o Manuel Rosa. Insultou-me dum jeito insolente e tive de mostrar-lhe a serventia destes braços. Já há tempos aquele sujeito vem me provocando. Hoje chegamos onde eu queria e ele viu quanto é bom!

— É coisa grave?

— Não, mas ele apanhou um pouco e a polícia vem aí.

— Então é preciso darmos um jeito nisto. O Manuel Rosa é capanga velho do Coronel Moreira. Se você for preso, o Coronel tramará com o delegado e você tomará cadeia grossa.

Vá comer alguma coisa e prepare-se para dar o fóra.

O dia logo continuava animado na sala, quando se ouviu um tropel de cavalos que se aproximavam. Os dois tremeram e a imaginação de ambos acertou: eram alguns homens da polícia. Juca escondeu-se no quarto enquanto o pai tramou com ele um plano incerto de fuga. Assomando à porta, Lourenço Figueira esperou pelos cavaleiros e reconheceu no primeiro o sub-delegado da Vila, que apeando-se, falou-lhe ríspido:

— Seu filho está?

— Está, sim senhor.

— Somos da polícia, vimos buscá-lo.

— Por que?

— Fez desordem na Vila. Brigou com o Manuel Rosa e o feriu.

— Há risco de vida?

— Não, mas o Manuel teve duas costelas quebradas. Houve queixa à polícia e precisamos prendê-lo para apurar responsabilidades.

— Pois bem, ele irá com os senhores, falei sair. Esperem um instante. Ele virá.

Era quase noite. Defronte à casa sertaneja aqueles cinco homens de semblante carregado espreitavam dando do pátio fronteiro um aspecto sinistro que contrastava com a beleza do lugar banhado pela luz pálida da lua cheia. Um deles afastou-se mais do grupo e teve, num momento, a atenção despertada por um vulto que saltou misteriosamente a janela da cozinha e se precipitou em corrida acelerada. Surpreso, gritou pelos outros, dizendo-lhes que Juca tentava fugir.

O silêncio naquela paragem mansa foi quebrado pelo vozêrio daqueles homens que corriam pelo campo afóra na perseguição de outro que em carreira violenta procurara uma evasão quase impossível. E o vulto correndo e fugindo sempre, aos saltos e passos largos entrou no pasto cujo capim abundante roçando-lhe às pernas dificultava um pouco a sua carreira impetuosa. Cães ladravam tornando mais exquisita aquela perseguição que assim, à luz da lua tomava tons fantásticos

medonhos. Os perseguidores surpreenderam-se de repente.

O fugitivo parara e estava esperando por eles.

Aproximaram-se mais e extático reconheceram no perseguido a figura séria de Lourenço Figueira.

Pasmados, boquiabertos, diante do velho sitiante, que aparentando uma austeridade serena, perguntou-lhes:

— Que querem de mim? Vieram prender-me? Por que?

Os cinco homens estavam atônitos e espantados, e o velho continuou:

— Corri porque não queria ver meu filho preso, o que seria muito doloroso para mim. Quando saltei a janela ele já ia entregar-se aos senhores e o meu coração mole de pai não suportaria assistir a este triste espetáculo. Não poderia supor que os senhores fossem perseguir-me. Voltem, ele deve estar esperando.

Se acelerada foi a corrida em perseguição do velho, vertiginosa foi a de volta.

Mas, chegados à casa, tiveram de constatar a ridícula realidade do momento.

De Juca Figueira, nem sinal. Dos seus cavalos ficaram os rastros.

O resto compreenderam por si. Juca Figueira aproveitando a ausência dos aprisionadores, montou a cavalo e fugiu espantando os animais em que tinham vindo buscá-lo. Foram então falar ao velho que continuou na sua manha de caboclo experimentado, como se não tivesse nada com o sucedido, mostrando-se muito surpreendido com a nova.

E os cinco malogrados detetives de sertão puseram-se a pé para a Vila, perto da qual encontraram os animais, mas de Juca Figueira, nem sombra.

O tempo solucionou o caso. O doente restabeleceu-se e esqueceu-se a culpa. A polícia "arquivou" a queixa. E quando Lourenço Figueira se lembrava de tudo, soltava uma gargalhada e caçoava da cara apalermada daqueles detetives ingênuos.





## ESTAMPADO

Um modelo sugestivo e alegre, próprio para a "toilette" matinal das nossas praias ensolaradas, apresentado por Joan Leslie, da Warner Bros. Embora inspirado nos motivos da praia de Acapulco, no México, parece ter sido feito para as exigências do nosso clima tropical. Não há dúvida que é uma ótima sugestão para os nossos "magazines" padronarem os seus tecidos exclusivos e lançamentos para os modelos do próximo verão.

INQUET  
P  
A  
outros  
a expres  
assim di  
ximo  
a escrit  
Tod  
facto, o  
Trabalh  
verdade  
sofre du  
Não e

exigência  
supera  
se orien  
movê-la  
como a  
para ta  
nasceu  
parece  
riam, n  
desistir  
em trab  
ser de v  
Não ga  
compas  
pela em  
Ne  
perante  
propria  
indigna  
da subs  
sent ver  
esta m  
pírito e  
pero ne  
história  
nobre

CAROL  
Liv

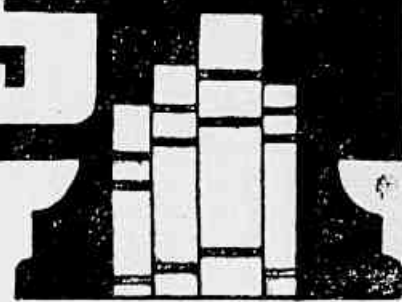
para u  
descen  
A gran  
de fig  
contass  
Dreiser  
todo re  
tilidade  
ele assi  
faltar  
Os vol  
conseg  
assim,  
tanta  
só por  
dos U



# Livros

# NOVOS

Por JOÃO LUSO



INQUIETAÇÃO, romance de Ondina Ferreira — Companhia Nacional Editora — São Paulo, 1946.

A Sra. Ondina Ferreira mostra-se hoje uma romancista consumada. Através de outros livros: *Outros dias virão*, *Ele te dominará* e o volume presente, parece ter atingido a expressão completa da sua personalidade. Esta se veio afirmando e acentuando, por assim dizer, de página em página. Adquiriu um prestígio que hoje se nos afigura máximo — e quem sabe se amanhã o não veremos superior ainda no quarto romance que a escritora anuncia.

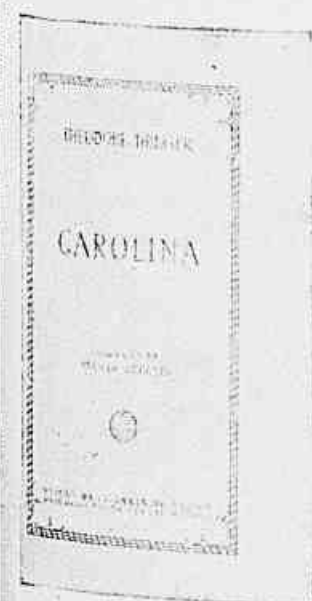
Todos os bons êxitos devem estar reservados a Ondina Ferreira, porque, de facto, os merece. É uma estudiosa, sincera e veemente, uma apaixonada da sua arte. Trabalha com uma energia e uma esperança, um afínco e uma compenetração verdadeiramente raros nos que, entre nós, cultivam as letras. Em geral, quem escreve sofre duma ponta mais ou menos aguda, mais ou menos aprofundada, de ceticismo. Não credita como dever a para seu próprio bem moral ou intelectual na honestidade dos editores, nem no gosto do público — e quase a desconfiar de si próprio. Daí, sem dúvida, provém a nota pessimista ou melancólica em tantas obras, especialmente nas da gente moça, verificada. Ondina Ferreira, com quem tivemos a boa fortuna de conversar algumas vezes, não se mostra nada orgulhosa, nada "convencida", no sentido popular do termo, do valor das suas obras. Preza-os, porém, no mais alto grau e com dignidade perfeita. Por isso, a cada novo empreendimento se entrega mais possuída de força laboriosa e de fé criadora. Assim tem trabalhado e triunfado sempre.

Myriam, a heroína deste novo romance, duas vezes merece tal qualificativo: porque é a figura principal da acção e porque atravessa uma vida de revêzes e aguras sem deixar de lutar valorosamente, sem se dar por vencida. Talvez o fundo sentimental prejudique, num ou noutro momento, aquilo que poderia ser a solução absoluta, incombustível da inteligência... Myriam não é uma "cerebral". A sua razão clara, independente de influências estranhas, nem por isso deixa de atender aos impulsos afectivos, às

exigências do coração. Myriam sofre, às vezes, de mais porque a sua emotividade supera o seu, embora tão límpido, tão vivo raciocínio. Tudo, porém, se passa, se orienta e se decide na sua pura intimidade; debalde parentes e amigos tentam movê-la dos seus propósitos sinceros, das suas espontâneas decisões. Não lhe faltam, como a qualquer de nós aparecem de sobra, os conselhos e advertências de pessoas que para tanto se consideram especial ou até, em caráter único, autorizadas: — "Você nasceu para isto ou para aquilo, tem que proceder forçosamente assim ou assim...". "Você parece que tem nuvens na cabeça em lugar de miolos...". Se você pretende ser feliz, Myriam, não espere muito do casamento... Você precisa de ter um filho... Você deve desistir do desquite... Não seja orgulhosa, Myriam... Não sei porque a senhora insiste em trabalhar. Deixe o trabalho para as feias... Reflita um pouco, Myriam: Que vai ser de você quando envelhecer?... Largue êsses livros que não lhe trazem proveito... Não gaste suas lágrimas à toa...". Todas essas palavras, porém, dogmáticas, amistosas, compassivas ou maliciosas, tantas vezes meras palavras, passam pelo critério como pela emotividade da criatura, sem que produzam efeito ou deixem sinal de si.

Nem sempre Myriam fará o que quer; só, porém, obedecerá ao que sente. A revolta, perante a conduta cínica do marido; a morte do filho, condenado por natureza, pela própria fatalidade do nascimento; a hostilidade dum lei tão frequentemente estúpida, indigna de prevalecer; outras iniquidades ou incompreensões da gente; a luta material da subsistência, o esforço penoso, ingrato, para viver, como diziam os nossos maiores, sem vergonha do mundo; todas as dificuldades, todas as adversidades constituem para esta mulher problemas que ela quer resolver por si mesma e de fato, com o próprio espírito e a própria emotividade, vai vencendo. A inquietação não a leva nunca ao desespero nem mesmo a certo desânimo. Myriam padece deveras, mas luta sempre. E a sua história, que cativa pela intensidade sentimental, ao mesmo tempo vale como bela e nobre lição.

CAROLINA, romance de Theodore Dreiser, tradução de Moacir Augusto — Edição da Livraria do Globo — Porto Alegre, 1946.



Theodore Dreiser começou, como tantos outros homens de letras que haviam de se tornar célebres, lutando como um herói para simplesmente sair da obscuridade. Sem aquela força de vontade; aquela faculdade de persistência, aquela confiança no reconhecimento final dum mérito tão negado, tão combatido, não chegaria o escritor a enfrentar o julgamento público para este decidir da sua carreira. Ele próprio, numa espécie de prefácio ao presente volume, nos conta as suas tribulações e revêzes de romancista estreante. Justamente se tratava de *Carolína*, que no original se intitula *Sister Carrie*. Nenhum diretor de revista, nenhum editor a quem Dreiser se dirigisse deixava de lhe devolver os originais, elogiando a obra com evidente sinceridade — e com uma das desculpas que as empresas do gênero sempre arranjam para se recusarem à publicação. No caso de Dreiser, alegava-se a índole demasiado franca e audaz do romance. Naquele tempo — por volta de 1900 — a massa dos leitores norte-americanos só apreciava as histórias de sentimento ou aventura, cuja nota dominante fosse a otimismo e que se encaminhassem para um desfecho feliz. A observação sincera da vida a análise sem disfarces nem condescendências, o estilo sem rodeios nem enfimismos irritavam a clientela das livrarias.

A grande maioria, de cujo critério e cujo gosto dependia a sorte da chamada literatura de ficção, só realmente apreciava a ficção amaneirada e agradável. Não queria que lhe contassem a pura verdade em linguagem directa e exata. A "maneira" de Theodore Dreiser ia de encontro aos tabús literários da época perante os quais era condenado todo realismo, todo naturalismo. Mas o jovem romancista não se resignava àquela hostilidade inconsciente. Não desanimava de a vencer. A primeira empresa editora que com ele assinou contrato para o lançamento de *Sister Carrie*, arrependeu-se depois e resolveu voltar ao compromisso. A lei a obrigava a imprimir o romance, não, porém, a vendê-lo. Os volumes ficaram armazenados, sequestrados... Foi cinco anos depois que Dreiser conseguiu fazer editar, por outra firma, a sua obra de estréia com a condição, ainda assim, de a preceder doutro romance. E ninguém se admirará ao saber que, depois de tanta adversidade e tanto escândalo, *Sister Carrie* apareceu com uma publicidade que, só por si, lhe garantia o primeiro triunfo. Mas o seu triunfo não foi só esse. Nos Estados Unidos como na Inglaterra e em numerosas traduções se tornou completo.

As aventuras de Carolína, jovem provinciana, partida da sua modesta cidade para ir tentar vida e fortuna em Chicago, constituem, além do mais, um exemplo para dos aqueles a quem a sorte leva a lutar por assim dizer, sózinhos, contando apenas consigo mesmos, para alcançar não inteira ou exatamente aquilo que desejavam mas alguma coisa pela qual valcu a pena ter esperado.

\*\*\*

CEM CARTAS DE MULHER, por Sandra — Editora Aurora — Rio de Janeiro, 1946.



As cartas desta senhora não se assemelham às de Mme. de Maintenon. Não são "históricas" nem "edificantes". Não versam questões de ensino nem de religião nem de patriotismo. E não andariam de certo com muita prudência as mães de família que as empregassem — como podiam ser aplicadas as de Françoise d'Aubigné, viúva do poeta Scarron e segunda mulher de Luiz XIV — para a educação das respectivas meninas. Chamemos-lhes epístolas ou, mais apropriadamente, bilhetes de amor. Em geral se limitam a uma página e, às vezes, não passam de meia. E dispensam realmente longas explanações, porque usam de uma linguagem intensa, veemente e porque o assunto é sempre o mesmo. Todas dizem de amor e do mesmo amor. Nenhuma deixa de falar em beijos, beijos que a missivista deu ou recebeu, promete ou espera, finge às vezes negar mas de facto oferece — e em que pensa sempre. Poderíamos atribuí-las a uma Soror Mariana bem moderna, mais que moderna, um tanto futurista...

Sandra vem a ser, como se sabe, um pseudônimo de estação transmissora. Todos os rádio-ouvintes conhecem o timbre e as inflexões daquela voz insinuante bem como aqueles processos psicológicos para resolver as questões sentimentais das outras mulheres. Sandra criou um consultório especial para as criaturinhas presas da inquietação causada por aquele mal que "vem não sei como e doe não sei porque". Distribuiu receitas de esperança, tenacidade, indiferença, simulado ou ostensivo despreso, respondendo à angústia de milhares de consultantes. E, no prefácio do presente livro, o Sr. Peregrino Junior, depois de declarar que disse adeus à literatura e por isso mesmo entrou para a Academia de Letras, atesta, como médico e sem absolutamente a clássica inimizade do oficial do mesmo ofício, ter a doutora Sandra obtido curas em profusão e das mais admiráveis. Nas *Cem cartas de mulher* não prescreve Sandra remédios nem regimes aos corações alheios. Trata do seu próprio. Ou do que literariamente bate no peito da amante por ela imaginada? Uma nota liminar nos diz que a missivista, Areuza, "existe... e não existe". Sandra, porém, existe com certeza tal como estas páginas a celebram? Quem sabe?

\*\*\*

BELITA, poesias de Arthur Heráclito Gomes — Rio de Janeiro, 1946.

São versos, como diria Alberto de Oliveira, "de amor viúvo". Inspirou-os, tornando-os incontíveis no coração, o sofrimento da saudade. O tão citado conceito de Garrett nem sempre tem aplicação. Permanece na poesia, como verdade eterna; não raro, porém, a vida o desmente e, para os que ficaram sózinhos ou desemparelhados, o torna incompreensível. Nesses, o espinho que se cravou no pensamento ou na sensibilidade nada tem de "delicioso". Não lhe corresponde espécie alguma de doçura ou consolação. Revolve-se dentro da ferida que abriu; e de dia para dia a sua crueldade se torna mais profunda. Não há para os que padecem se não chorar, rezar ou fazer versos. Foi este último o derivativo que Goethe recomendou. E Arthur Heráclito Gomes seguiu o conselho.

Além de alguns "Poemas da mocidade" que fecham o volume, nêle se encontram trinta sonetos, oferendas maguadas à musa morta. Comovem pelo sentimento que encerram, não deixam de cativar pela singeleza e espontaneidade da forma; e ainda se fazem amar na edição presente, como preito enternecido dos filhos de Heráclito Gomes ao poeta recentemente falecido. Eis o soneto *Doce Ilusão*, pelo qual se fará idéia de todos os outros:

*Doce ilusão que acalentei outrora,  
de quantos sonhos tu me encheste a vida.  
Partiste em busca de uma nova aurora,  
e fiquei só na trepidante lida.*

*No mesmo instante em que te foste embora  
eu vi que esteve sempre em ti, querida,  
nos dias que passaram como agora,  
toda a minha existência resumida.*

*E hoje, tão longe da felicidade,  
o coração partido de saudade,  
vivo sem rumo, a tudo alheio, a esmo.*

*Curvado ao peso desta dor, tristonho,  
não sou mais do que o espectro do meu sonho,  
sou apenas a sombra de mim mesmo.*

\*\*\*

RECEBEMOS:

*Comer para viver*, da série *O mundo e suas maravilhas*, por V. Lefevre, Editora Anchieta S. A. — São Paulo, 1946.

*Constantino*, da colecção *Vidas singulares*, por Jean-Rémy Palanque, Atlântica Editora — Rio de Janeiro, 1946.

*A cadeira de Rodrigo Octavio*, brochura que contém o belo discurso do recipiendário Sr. Rodrigo Octávio filho na Academia Brasileira de Letras e a oração, não menos brilhante do paraninfo, Sr. Pedro Calmon — Rio de Janeiro, 1946.

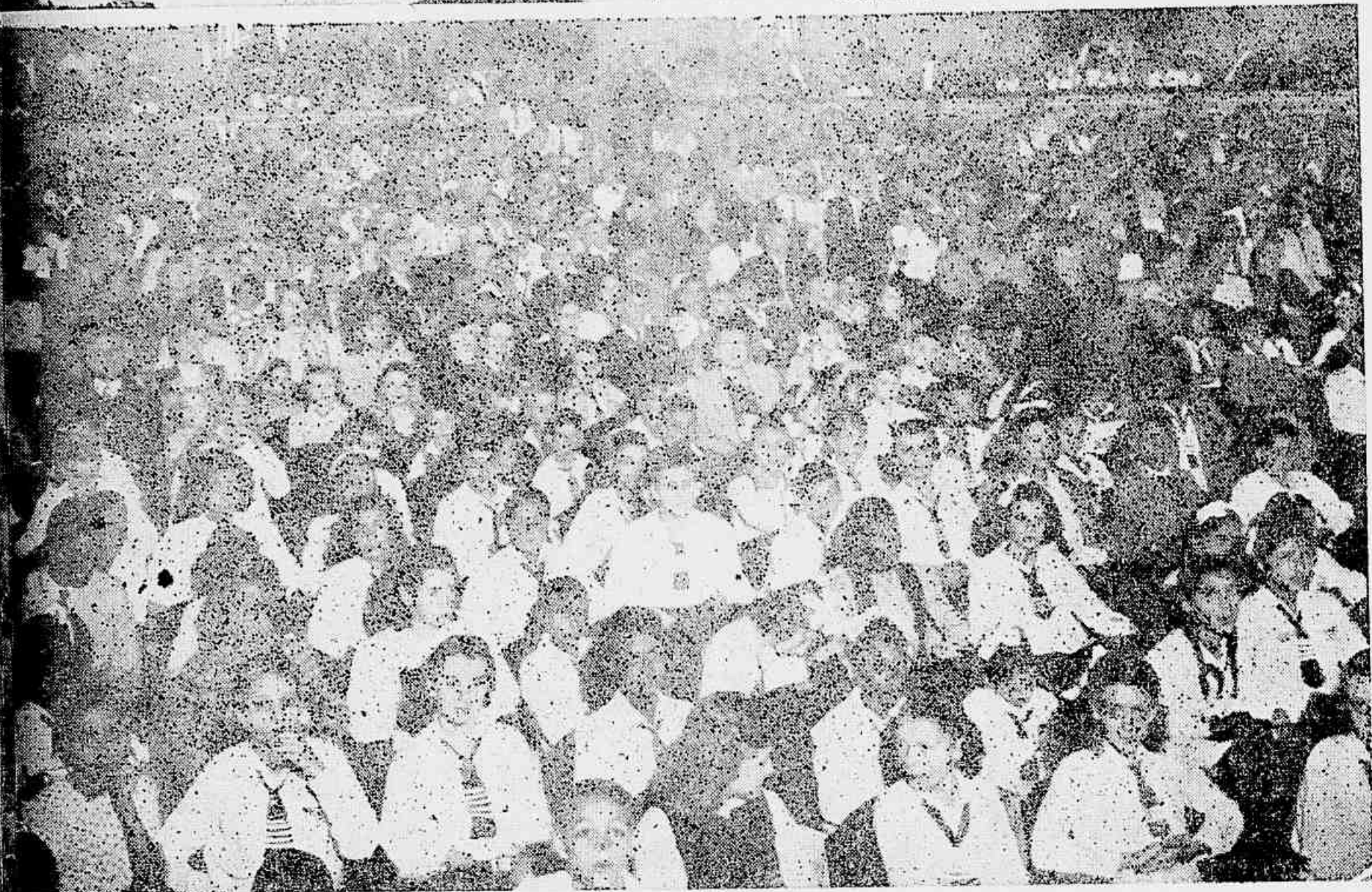
A PRINCEZA MARIVALDA, curioso conto fantasista e de propaganda, texto e desenhos de Albano Lopes de Almeida, publicação do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio — Rio de Janeiro, 1946.

VIDA DO GENERAL MANOEL LUIZ OSÓRIO, valioso estudo histórico de Luis Pinto da Academia Paraibana de Letras, do Instituto Histórico da Paraíba e da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro — Rio de Janeiro, 1945.





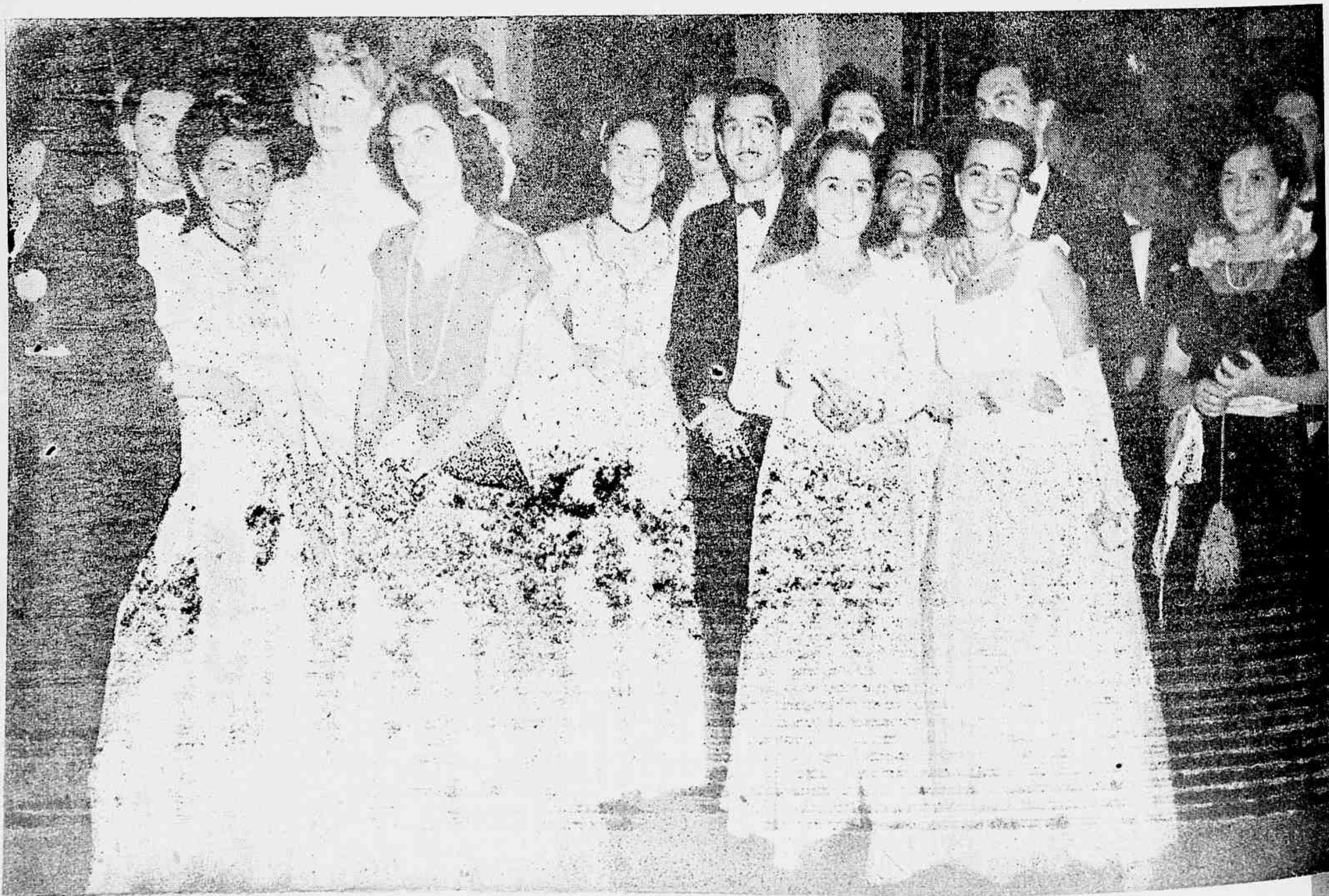
# Figuras e fatos



Promoção pelo Rotary Club do Rio de Janeiro, a exemplo do que tem feito nos anos anteriores, realizou-se no Teatro João Caetano, dia 9 do corrente, a festa das cadernetas escolares, da qual damos acima dois flagrantes

A menina Delmita, filha do dr. Deoclydes de Carvalho Leal e sua esposa dona Sulamita da Silva Carvalho Leal

Comemorando o 18.º aniversário de sua fundação, a Associação Atlética Banco do Brasil levou a efeito no dia 1.º do corrente, nos salões do Clube Ginástico Português, um animado baile de gala. Ali se reuniram os associados e pessoas amigas daquela entidade, transcorrendo as danças até madrugada alta. E' dessa brilhante festa o aspecto da gravura inferior







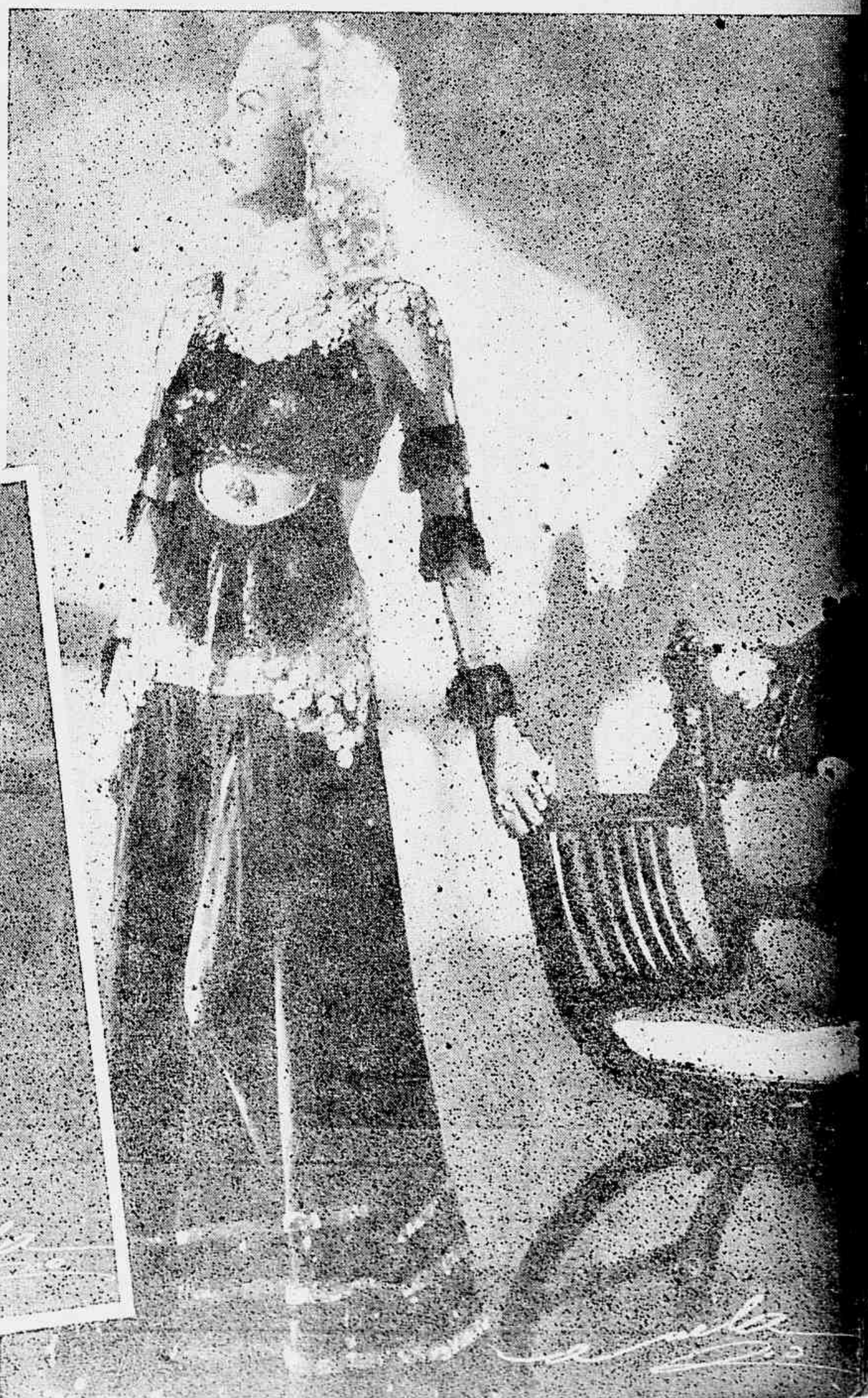
# R A D I O

Notícias avulsas da semana: Ari Barroso voltará a comandar os Calouros da Tupi, dentro do seu novo contrato com aquela emissora. — Graziela Salerno e Marilú estão de malas prontas para uma viagem a Buenos Aires. — Luiz Jantobá, segundo se informa, estará de regresso muito breve, devendo fechar contrato com uma emissora local. — Rodolfo Arena vai trocar — temporariamente, embora — o rádio pelo teatro, estreando no Fenix, com a Companhia Maria Sampaio. — Pedro Bloch deu entrevista anunciando estar preparando uma novela para a Nacional, intitulada "O Apartamento 203". — Os programas de Lauro Borges e Castro Barbosa, principalmente o "PRK-30", continuam mar-

cando um ponto alto no humorismo radiofônico local. — Nossos locutores radiofônicos estão quase todos, senão todos mesmo, transformados em jornalistas: Ari Barroso no "O Jornal", Oduvaldo Cozzi em "Diretrizes", Antônio Cordenro em "Vanguarda", Oduvaldo Corzi na "Folha Carioca", e por aí adiante. Em compensação, alguns cronistas de jornal estão se passando para o microfone. Donde se conclui que no fim dá certo.

\*\*\*

As gravuras desta página reproduzem três interessantes poses de Nilza Margrassi, rádio-atriz da PRE-3.







## JOCKEY CLUB MUNDANO

Realizou-se domingo último, no Hipódromo da Gávea, mais uma reunião turística, à qual compareceram os elementos de maior destaque da nossa sociedade. Como sempre, as graciosas aficionadas do nobre esporte concorreram para maior brilhantismo da reunião, e enquanto assistiam entusiasmadas aos lances emocionantes das carreiras ou passeavam pela "pelouse", foram colhidos os sugestivos flagrantes que aqui reproduzimos.

P  
aviã  
man  
—  
assas  
O  
dido  
—  
meu  
O  
cum  
com  
—  
bess  
se a  
—  
Quer  
men  
—  
única  
se t  
tar  
—  
quer  
—  
dize  
mes  
bem  
—  
pala  
bem  
de u  
crim  
mos





**P**OUCO antes da hora de partir, o homem entrou no avião, procurou o piloto e, chamando-o a um canto, disse:

— A bordo do avião há um assassino.

O piloto olhou-o surpreso:

— Quem é o senhor?

— Sou detetive. Aqui estão meus papéis.

O rapaz examinou os documentos em silêncio. Depois, com ar grave, perguntou:

— Que devemos fazer?

— Agir como se de nada soubesse, e como se nada houvesse acontecido, decolar.

— Mas... e o assassino? Quem é? Diga quem é, pelo menos. Ele pode ser perigoso.

— Não. Não é perigoso. Seu único intuito agora é fugir. Só se tornará perigoso se suspeitar que o descobrimos.

— Nesse caso...

— Ademais, não sabemos quem é.

— Como?!

— Justamente. Não podemos dizer-lhe quem é porque nós mesmo, da polícia, não o sabemos.

— Mas...

— Explico-lhe tudo em duas palavras. Esse homem — veja bem, só sabemos que se trata de um homem — cometeu um crime. O único indício que temos é de que comprou passa-

## O A V I S O

Conto de FREEMAN WILLS CROFT

gem neste avião, segundo a vítima declarou, pouco antes de morrer. Sabemos, portanto, que, a bordo deste avião há um criminoso. Porém, não pudemos descobrir-lhe nem o nome, nem ao menos obter uma descrição. Não sabemos se é velho ou moço, alto ou baixo, gordo ou magro.

E como pretende descobrir a sua identidade?

— Ainda não sei. Mas tenho a viagem toda para isso.

— São quatro horas.

— Bastam.

— Nesse caso, vou dar o sinal. Partimos.

— Que horas são?

— Quatro horas, justamente.

— Quer dizer que até às oito tenho tempo para descobrir o criminoso.

— Isso.

\*\*\*

Amélia Lister sentou-se a um canto, mal humorada. Jack não fôra despedir-se dela no aeroporto. Onde estaria? Sem dúvida passeando... Era assim, des-

de que crescera, tornara-se independente. Era bem o termo que êle empregava com frequência e arrogância. "Eu sou independente". Mas, só por ser independente, argumentava ela, não há motivos para ser também ingrato. Sim, isso é que êle era, ingrato. Um menino que ela criara como seu filho, e que, agora que se apanhava educado, com tudo o que havia de melhor à sua disposição, tratava de livrar-se dela, como quem se livra de um imbecilho a sua liberdade. Ela não lhe queria roubar a independência, mas esperava gratidão, afeição, carinho... Isso, e ele nunca lhe daria. Ela sabia bem com quem estava lidando. Sempre rude, sempre mal educado. Nunca conseguira quebrar-lhe aquela rudeza, apesar de todos os esforços. Hoje, livre, ele se afastava e não queria mais submeter-se não só aos seus conselhos como à sua amizade. Ingrato: eis aí.

Preocupada com os seus pen-

samentos, Amélia não notou o homem que, sentado ao seu lado, lia uma revista, distraidamente. Na realidade, observava-a, de modo furtivo. Estava observando a todos, com os mesmos receios. Pensava que cada pessoa que o olhava era um agente de polícia. Com razão. Acabava de cometer um dos mais bárbaros crimes. Contudo, animava-o, sob esse aspecto, a inconsciência dos criminosos. Ele estava certo de que fôra plenamente justificável sua ação. Sim: não fôra ele provocado, até os últimos limites de sua resistência, posta à prova em meses insuportáveis? Mark o atormentara com a idéia daquele crime. E êle só pedia tranquilidade, repouso, um caminho para uma velhice sem atropelos. Mark pusera-se à sua frente e acenara, implacável, com o passado:

— Você não tem o direito de ser feliz com ela, fôra o argumento.

O outro sentiu uma onda de sangue invadir-lhe a cabeça. Suas têmporas latejaram, com o esforço que fez para conter-se, seus punhos se crispavam. Ele aguentou silencioso o discurso... Mas já naquele momento germinara a idéia do crime. O crime que o afastava, agora, do verdadeiro objeto de

(Continua na pag. 53)



Srs. comerciantes, industriais e banqueiros,  
utilizai um dos mais eficientes veículos de publi-  
cidade da Capital da República, anunciando nos:



## ALTO-FALANTES LOCALIZADOS NA ESTAÇÃO D. PEDRO II,

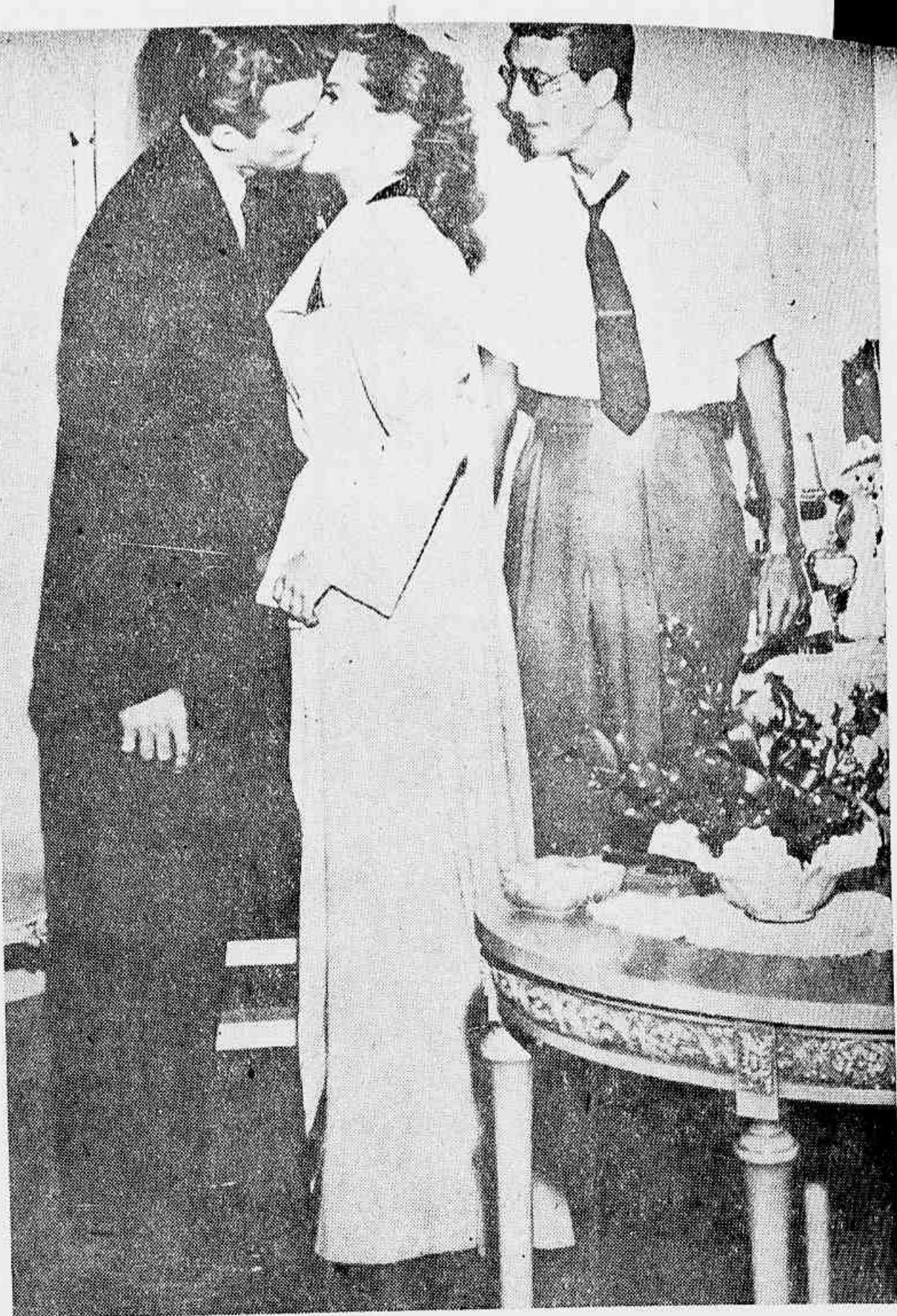


por onde passam, diariamente, 360.000 pessoas, e  
na Estação do Meier, e Restaurantes dos Servido-  
res da Estrada de Ferro Central do Brasil (11.º and.  
da Estação D. Pedro II), Francisco Bicalho e Ofi-  
cinas do Engenho de Dentro em irradiação feita  
simultaneamente.



## INFORMAÇÕES:

SERVIÇO DE TURISMO E PUBLICIDADE DA  
ESTRADA DE FERRO CENTRAL DO BRASIL  
11.º andar do Edifício da Estação D. Pedro II,  
—— Fones 43-9331 e 43-9562 ——



## ELES BEIJAM ASSIM



Um be-  
o ensa-  
minarm-  
do gal-  
epider-  
Mr. de



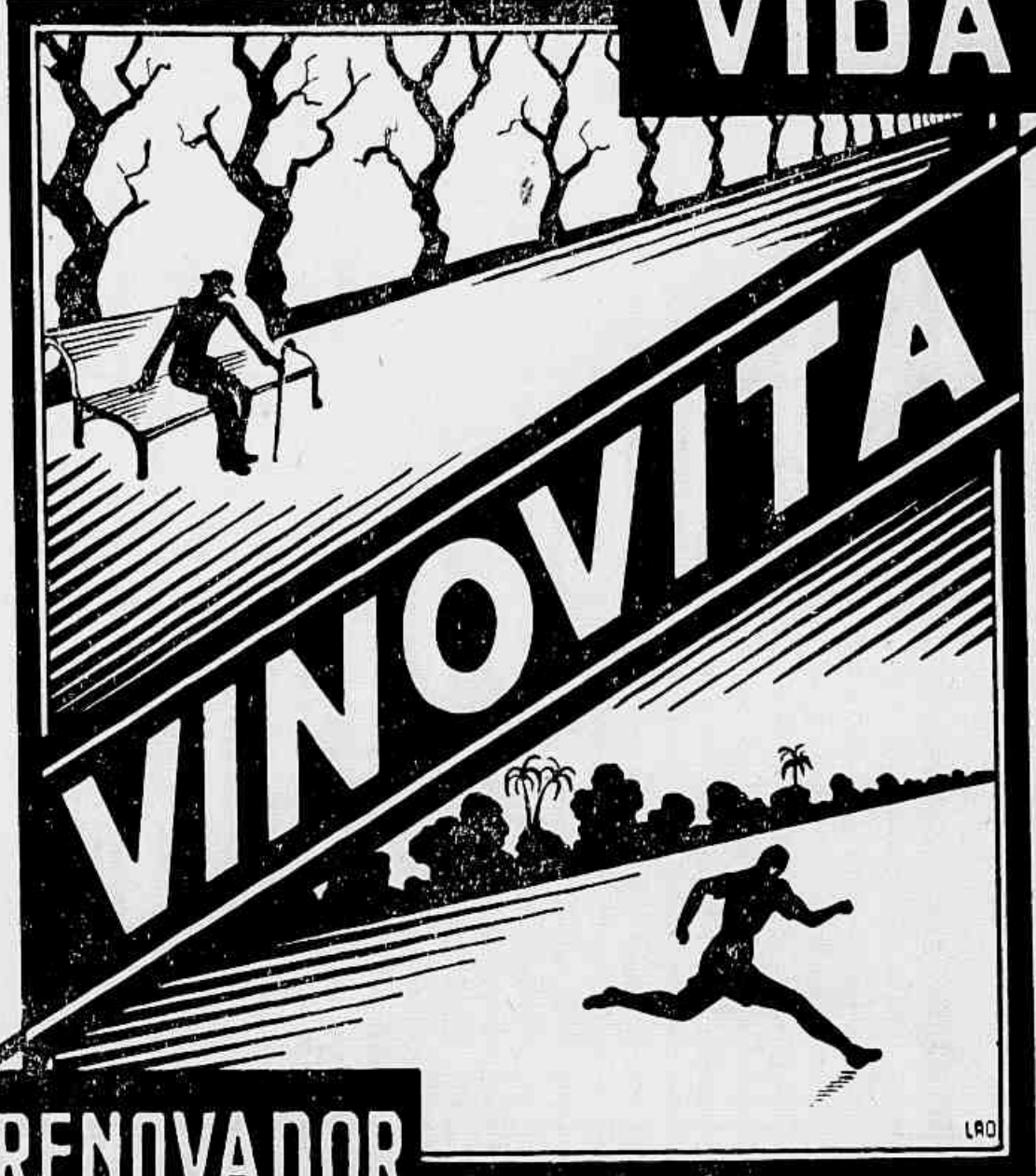


Um beijo em quatro tempos — mas que beijo! — de Zachary Scott em Janis Paige, desde o ensaio feito na presença do diretor Frederick de Córdova, até ao "assalto" final. Preliminarmente, um simples roçar de lábios à maneira de "test". Logo em seguida, o rosto do galã acariciado pela mão bem cuidada da "estrela". Mais adiante, o contacto da epiderme — e finalmente o beijo, violento e explosivo, que mereceu a aprovação de Mr. de Córdova. Depois, a cena foi filmada ainda dez ou quinze vezes até sincronizar na mais perfeita ordem. E acabou-se a história... (Fotos da Warner)



*Contra o esgotamento físico e mental!*

**VINHO DA VIDA**



**RENOVADOR DAS FORÇAS**

*Tônico poderoso*

**PETROLINA MINANCORA**

**O TÔNICO CAPILAR POR EXCELENCIA**

**O verdadeiro Elixir da longa vida... dos Cabellos**

**REVIGORA  
PERFUMA  
HIGIENISA**



**INFALIVEL NA CÁSPA,  
QUÊDA DOS CABELOS  
e demais Afecções do Courn Cabeludo**



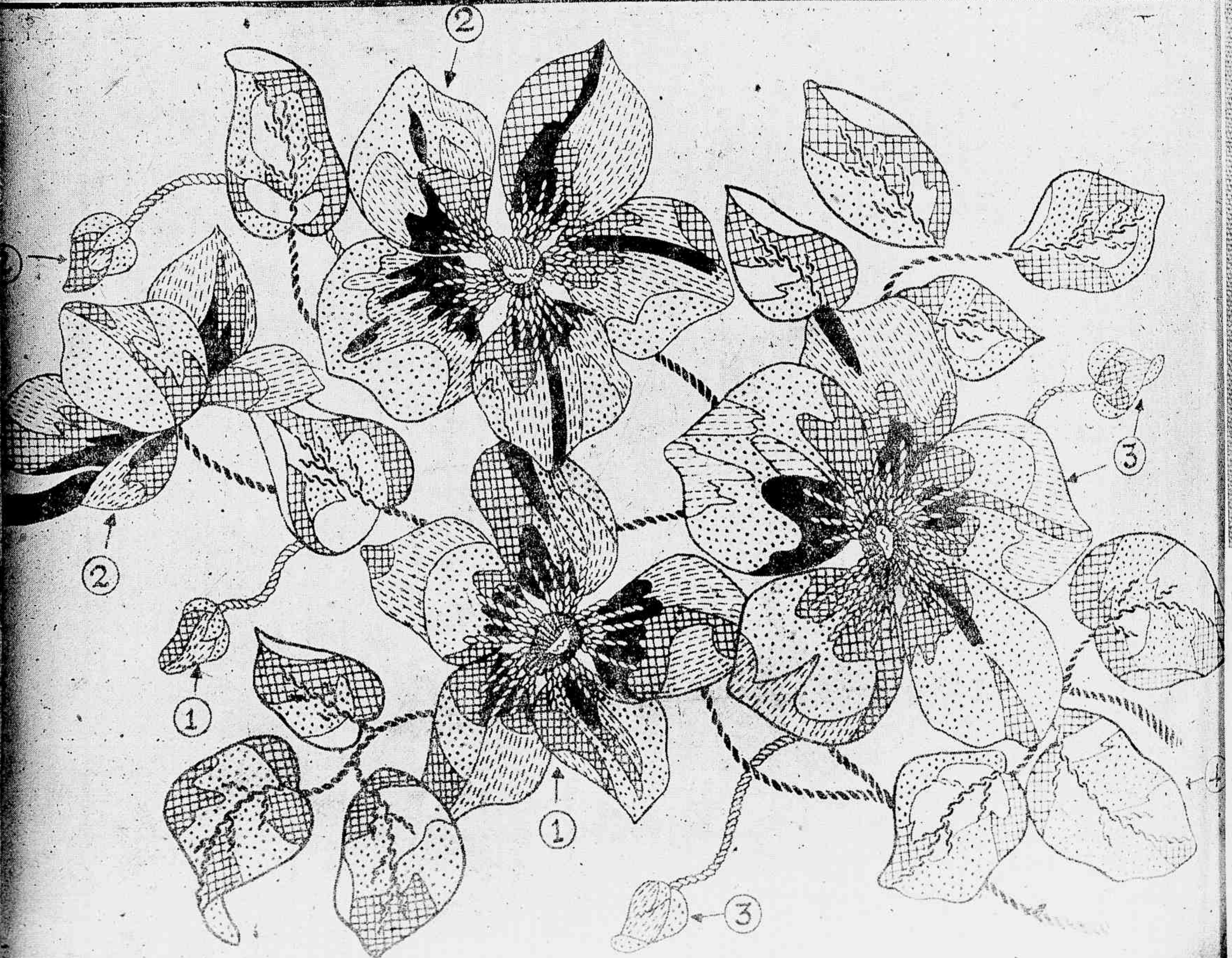
## CHAVE

|                                                                                     | ①     | ②   | ③   | ④   |
|-------------------------------------------------------------------------------------|-------|-----|-----|-----|
|  | = 599 | 555 | 606 | —   |
|  | = 586 | 414 | 449 | 464 |
|  | = 585 | 413 | 448 | —   |
|  | = 583 | 412 | 447 | 785 |
|  | = —   | —   | —   | 783 |

---

|                                                                                     |       |   |
|-------------------------------------------------------------------------------------|-------|---|
|  | = 445 | 5 |
|  | = 816 |   |
|  | = 476 |   |
|  | = 477 | 6 |
|  | = 477 |   |
|  | = 443 |   |

# TRABALHOS MANUAIS (ALMOFADA)







**MATERIAL NECESSARIO: — Linha Mouliné (Stranded Cotton) Marca "Ancora".**

Meada de cada — F-412 (Violeta claro); F-413 (Violeta); F-414 (Violeta médio); F-443 (Laranja claro); F-447 (Heliotropo médio); F-448 (Heliotropo); F-449 (Heliotropo escuro); F-464 (Verde maçã médio); F-476 (Beije claro); F-477 (Marron); F-555 (Lilás bem escuro); F-583 (Ciclame claro); F-585 (Ciclame médio); F-586 (Ciclame escuro); F-589 (Vermelho cardeal); F-606 (Azul petúnculo escuro); F-783 (Verde bronzeado); F-785 (Verde oliva escuro); F-816 (Terra médio).  
(Usar três fios de linha).

70 cm. x 90 de linha cinza-prateado.  
1 agulha Milward Crewel n.º 6.

A parte superior da almofada deve medir 55 cm. x 70 cm. e a parte inferior 35 cm. x 50 cm.  
Traçar o desenho de conformidade com o modelo e seguir diagrama e chave para colocação de cores e pontos.

Os diferentes coloridos das flores são numerados: 1, 2 e 3, e as folhas 4. As cores usadas para cada são dadas sob esses mesmos números na chave.

As letras na chave representam os pontos usados e São como segue:

- L — Ponto Matizado (usado para folhas, pétalas das flores e parte interna dos botões).
- S — Ponto Chelo (usado para o centro das flores, partes viradas das pétalas, folhas e botões; usado também para cálice dos botões e hastes).
- U — Ponto de Haste (usado para as linhas no centro das flores, e que são feitas depois de feito o ponto matizado, usado também para as nervuras das folhas).

Para os botões deve-se seguir a chave para as folhas, para o cálice e partes viradas, e o número de chave da flor para a parte interna.

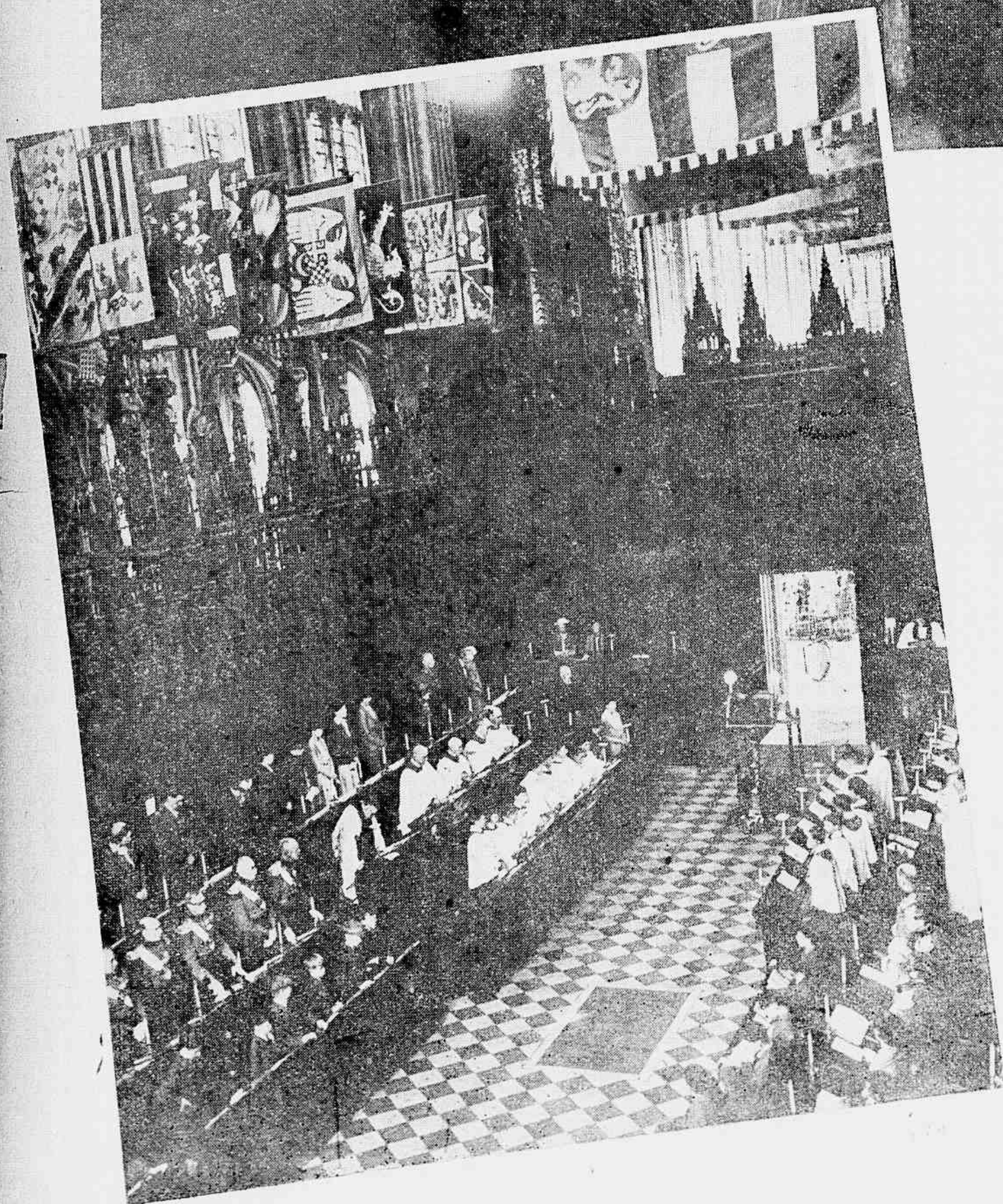
**Bainha** — Retirar um fio do tecido a 11 cm. da borda, em toda a volta, virar uma bainha de 5 cm. quadrar os cantos e fazer ponto "ajour" com linha de cor semelhante à do tecido. Depois de ter feito ponto "ajour" de um lado do desfiado, fazer do outro pegando as duas partes da almofada, menos de um dos quatro lados da almofada, que é preciso deixar aberto para inserir a armação. Desse lado faz-se o ponto "ajour" pegando somente a parte inferior. Colocar a armação dentro da almofada, e fechar a parte aberta com um ponto pequeno.

Este trabalho também pode ser feito em: Linha Brilhante Pérola marca "Ancora" n.º 8 (nov. de 10 gramas), usando-se um novelo de cada uma das cores acima mencionadas.





O "slogan" da Boa-Vizinhança tem servido nos Estados Unidos, principalmente nos centros estudantis, para que a sua mocidade procure conhecer melhor a nossa arte e nossa cultura. Um exemplo disso é a visita que estudantes do "Teachers College" fizeram ao "atelier" da escultora brasileira Irene Hamar, conforme mostra a fotografia acima.



## ATUALIDADES MUNDIAIS

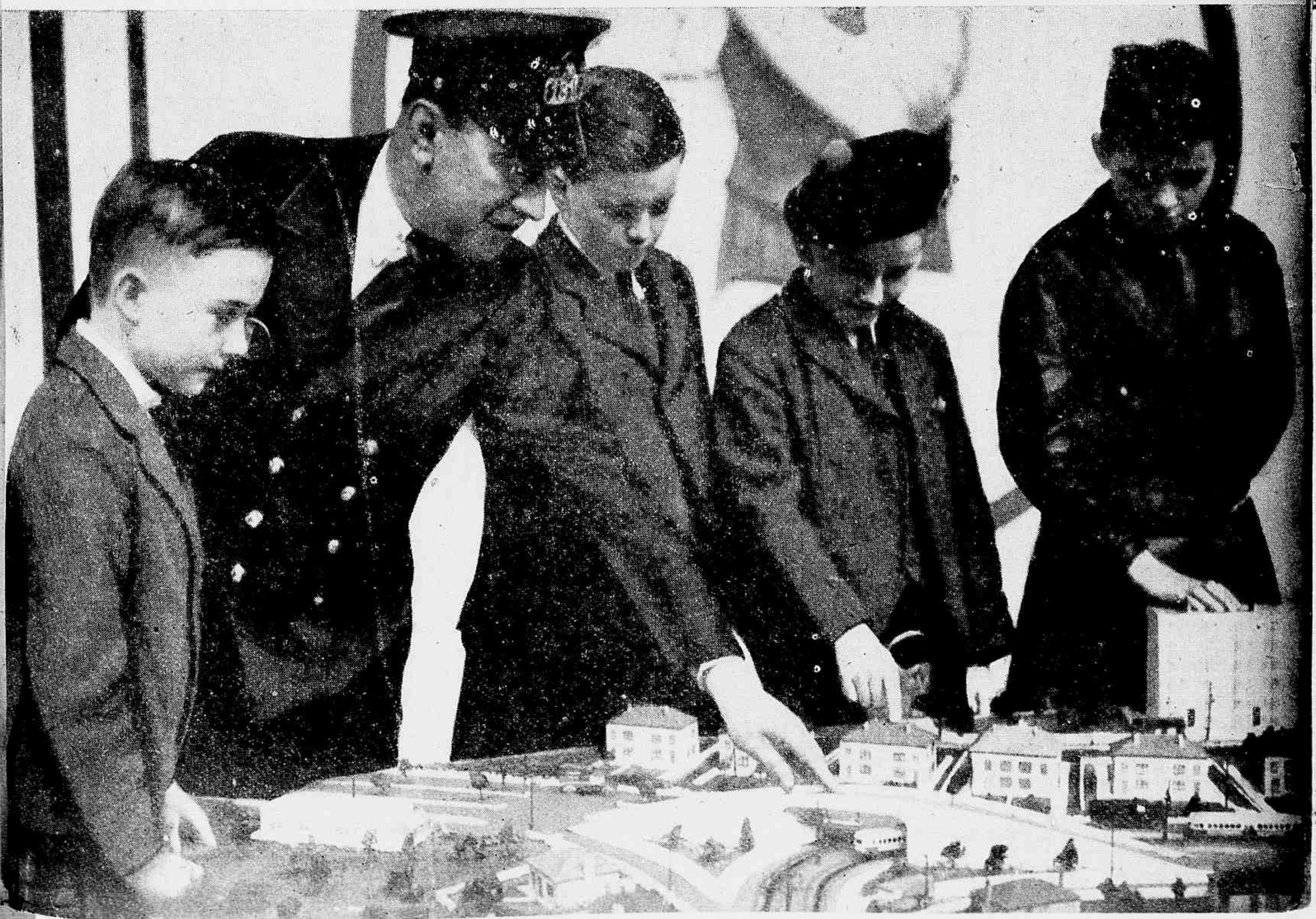
A reversão da indústria bélica norte-americana à indústria de paz tem sido feita naquele país debaixo de cuidadoso estudo técnico, a fim de evitar a paralisação repentina de centenas de fábricas, o que ocasionaria o desemprego em massa de milhares de ótimos artífices. Controlada por técnicos capazes, ela vem se adaptando às exigências da vida civil, aproveitando a especialidade de cada operário em serviços congêneres aos que tinham no tempo de guerra. Com isto lucrou extraordinariamente grande número de indústrias, que apresentam agora ao público os seus produtos, maquinismos, brinquedos, etc., fabricados com a precisão a que se tinham habituado aqueles operários. Damos na página ao lado vários dos novos brinquedos fabricados já no período de adaptação dessas fábricas.

A protestante Inglaterra conta, apesar disso, com famosos templos de Religião Católica, como por exemplo, a secular Capela de São Jorge, no Castelo de Windsor. Na foto ao lado, uma cerimônia religiosa matinal onde se observa o solene aparato que emprestam à cerimônia os representantes de diversas ordens religiosas.





A fábrica que apresenta agora, ao mercado consumidor os diversos tipos de brinquedos focalizados nesta página, foi uma das muitas que durante o conflito se especializara em viaturas de diversos tipos para o exército. Situada em Glasgow, Inglaterra, de lá saíram para os exércitos aliados "jeeps", ônibus, vagon para estrada de ferro e tudo mais que, dizia respeito a transporte. Hoje, os seus operários continuam fabricando modelos em miniatura que irão encher de contentamento as crianças de todo o mundo. Observem, no alto, à esquerda, o "baby jeep" como é uma cópia fiel dos modelos militares. Com esta solução tem-se resolvido em grande parte o fantasma do desemprego que pairava ameaçador sobre milhares de criaturas.





## O INDISPENSÁVEL "TAILLEUR"

9 — "Tailleur" de lã bege, com aplicações de lã marrom. 10 — De grande "chic" é este "tailleur" de lã verde escuro, com aplicações de "astrakan". Botões cobertos completam a elegância do traje. 11 — Também com aplicações de "astrakan" é este outro modelo de lã azul forte. O casaco é cintado, terminando em pontas na frente. "Pentes" saindo da pala sobre os ombros. 12 — Suntuoso casaco de lã bege, com mangas, gola e bolsos de pele de castor. Seta de lã marrom. 13 — Em cima da página 2 interessantes modelos em casemira, cinza e azul-marinho.





# MODELOS DE LÃ

1 — Modelinho em lã azul turquesa com quatro bolsos originais e cinto de couro. 2 — Eis uma variante do clássico "chemisier". Uma "pestana" encobre o fecho ou botões. Recorte pespontado na blusa. Botões da mesma fazenda. 3 — "Duas-peças" de lã verde escuro, com pespontos e botões. Graciosa pala sobre os ombros. 4 — Vestido em lã amarela, com grande motivo bordado em linha de seda preta. Mangas "raglan". 5 — Gracioso modelo em lã listrada, aplicada em direções opostas, formando desenhos. Mangas "raglan".



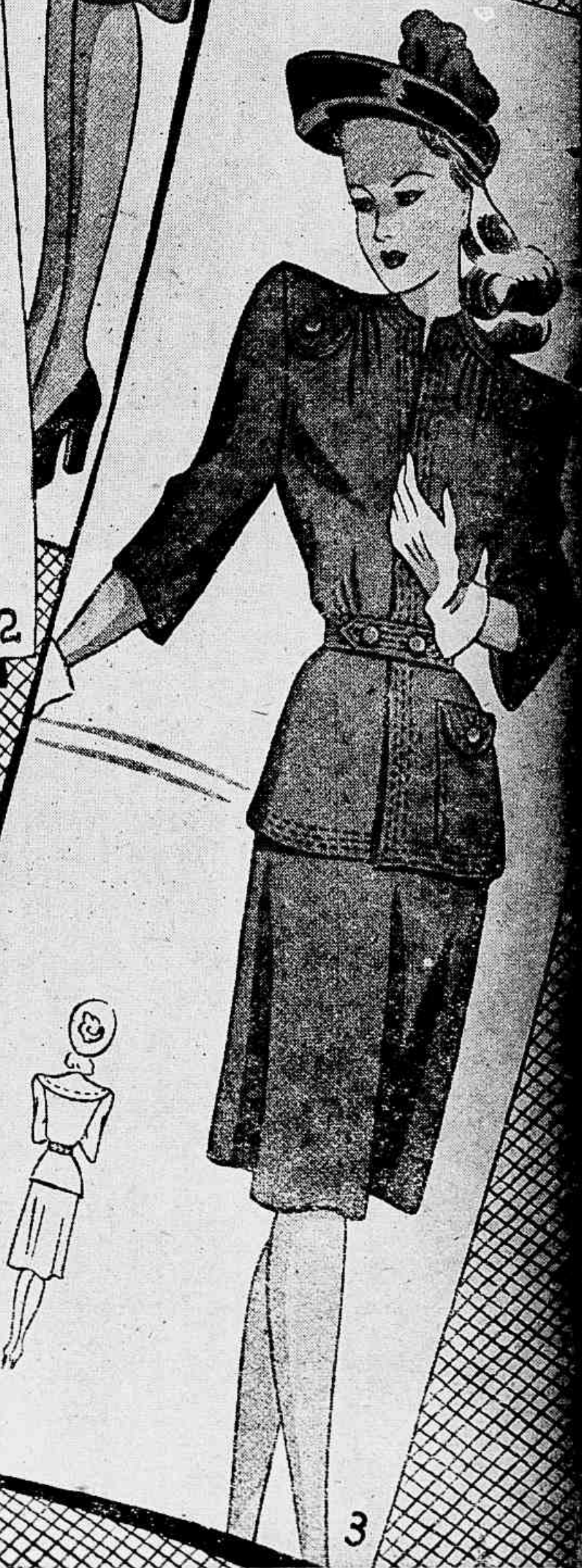
5



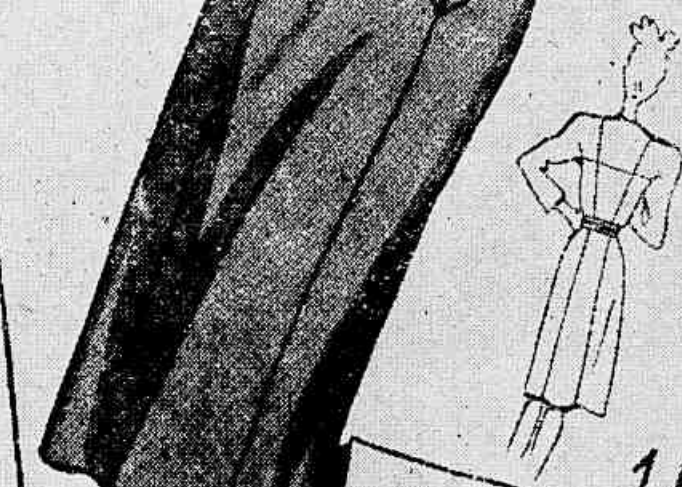
4



2



3



1



# A NOVA GERAÇÃO

Nada menos de três festejadas "estrelas" cinematográficas receberam a visita da cegonha, nos três primeiros meses do corrente ano: Deanna Durbin, Maria Montez e Judy Garland. Pouco antes, também Rita Hayworth se havia convertido na "mamãesinha mais glamorosa de 1946", o que lhe valeu um título honorífico da Society of American Florists. E assim, aos poucos se prepara uma nova geração de filhos de artistas, destinados, quem sabe, a substituir seus famosos papais, em futuro que não vem distante. Lembremo-nos que aos cinco anos Shirley Temple filmava com extraordinário sucesso, e ainda hoje sendo embora uma senhora casada, ela continua sendo para sua antiga legião de "fans", o tipo da menina bem comportada e direitinha. Seu primeiro beijo — na tela — foi um acontecimento mundial. Os lares dos artistas de cinema são o seu refúgio, após os dias de laboriosa atividade nos estúdios. Quem entrar em casa de Maria Montez e Jean Pierre Aumont, dificilmente os encontrará dando "cocktails" aos amigos, mas cuidando da alimentação da pequenina Maria Christina. Dick Powell foi por muitos anos o marido exemplar de Joan Blondell, e do casal existem três filhos já crescidos. Não deixou de ser alguma coisa de inédito o divórcio de Dick Powell, e quando se soube que ele estava noivo de June Allyson, muita gente em Hollywood perguntou se esse novo casamento iria dar certo, o que só o futuro poderá dizer. Judy Garland ainda não voltou a filmar depois que se tornou mãe, o mesmo acontecendo com Deanna Durbin, que está sendo reclamada pela Universal. Mas em primeiro lugar estão os "baby", elas mesmas o afirmam, deixando em plano secundário suas obrigações profissionais. Aliás está ficando em grande moda a visita da cegonha à residência das atrizes de cinema, a ponto de Bob Hop ter contado a propósito uma divertida anedota no seu programa radiônico, onde terminava dizendo que estava procurando uma "estrela" ainda disponível, tarefa não muito fácil... E assim uma nova geração se prepara para divertir-nos em dias vindouros: Filho de peixe sabe nadar. Logo, as filhinhas de Maria Montez, Judy Garland, Rita Hayworth e Deanna Durbin devem estar sendo contratadas pelos estúdios dentro de breve tempo. Ou talvez já tenham filmado, quem sabe?

Sim, a constituição da família é também um dos predicados da gente de cinema. Aqui está, ao alto, um dos casais felizes do cinema, pôsando pela primeira vez com sua primeira filhinha: Maria Cristina Aumont, filha de Maria Montez e Jean Pierre Aumont. O matrimônio data de 1943 e a garotinha nasceu no princípio do corrente ano. Seu nome é também o de sua avó materna. — Em baixo, à esquerda, Shirley Temple palestra com sua "double", que a substituirá enquanto ela vai, nessa tarde, passear com o marido. E à direita, Dick Powell quando noivo de Jane Allyson, vendo-se também Harold Cleveland. Aliás Dick Powell foi marido muitos anos de Joan Blondell, de quem tem nada menos de três filhos...







Rita Hayworth foi aclamada pela Society of American Florists, a "mãe mais glamorosa de 1946". Por esse motivo ela ganhou de presente esse bonito ramo de flores. Em baixo, a "estrela" dando o alimento matinal à garotinha, por sinal "a cara do pai". O pai os senhores sabem quem é: Orson Welles, tipo do chefe de família que nunca está em casa. Mas nem por isso deixa de ser um pai amantíssimo.





Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.



## PARA O FRIO

Andrea King e Bette Davis apresentam-nos estes dois lindos modelos em lã e casemira, próprios para as manhãs de inverno.

CABELOS BRANCOS?  
LOCÃO  
*Brilhante*



*Aos 50 como aos 20 anos*

## UM HOMEM PERFEITO

O homem deve alcançar a maturidade em plena posse de todas suas faculdades. Quando por excessos físicos ou intelectuais, seu sistema nervoso se desequilibra, sérios transtornos e malestares, e ficando a situação embaciada e desagradável. Entretanto, estes distúrbios não devem ser tomados muito a sério. Basta fortalecer o sistema nervoso com as Pilulas Maratú para que o organismo recupere seu vigor e se torne o de um homem perfeito.



PILULAS  
**MARATÚ**





Grupo feito pela REVISTA DA SEMANA após a cerimônia religiosa, na matriz de N. S. do Rosário. Da esquerda para a direita: sr. dr. Emilio Martins de Sá e sra. Maria Nogueira de Sá, pais da noiva; emte. João Paiva de Novaes e sra. Eduarda Rodrigues de Novaes, pais do noivo; os noivos, srta. Lelia Nogueira de Sá e ten. Aécio Rodrigues de Novaes; sra. Maria Candida Gonçalves de Sá e sr. dr. José Gonçalves Sá, tios da noiva.

CONSTITUIU um acontecimento social de raro brilhantismo o enlace matrimonial da srta. Lélia Nogueira de Sá, filha do sr. dr. Emilio Martins de Sá e de sua esposa, sra. Maria Nogueira de Sá, com o 1.º ten. Aécio Rodrigues de Novaes, filho do comte. João Paiva de Novaes e de sua esposa, sra. Eduarda Rodrigues de Novaes.

Serviram de padrinhos nas cerimônias civil e religiosa, por parte da noiva, seus tios, sr. dr. José Gonçalves Sá e sua esposa, sra. Maria Candida Gonçalves Sá, e os pais do noivo; e por parte deste, o sr. dr. Emilio Martins de Sá e senhora, e o comte. João Paiva Novaes e senhora.

O ato civil realizou-se na residência dos tios da noiva, sra. e sr. dr. José Gonçalves Sá. A solenidade religiosa efetuou-se na matriz de Nossa Senhora do Rosário, no Leme, cujo templo acolheu o que de mais fino e seletos possui a nossa sociedade.

Após as cerimônias, o industrial José Gonçalves Sá abriu os salões de sua residência da Avenida Atlântica, recepcionando os noivos e convidados. Foi uma festa magnífica, casando-se harmoniosamente o luxo ambiente com o esplendor das "toilettes" e a "finesse" da mais legítima representação das nossas altas rodas mundanas, que ali cercou os noivos, seus pais e parentes das maiores demonstrações de afeto e merecido apreço.

## ENLACE LELIA NOGUEIRA DE SA -LAECIO RODRIGUES DE NOVAES

.....Flagrante do momento em que os noivos partiam o magnifico bolo nupcial.....







## O CONVITE

(Continuação da pag. 23)

rar, formalmente, que eram inúteis todas aquelas recriminações e que, de uma vez por todas, se recusava a fazer a vontade ao pai.

Esse momento chegou precisamente dois dias após a festa que terminara da maneira convencional e esperada. O pai, querendo forçá-la a um pronunciamento definitivo, indagou:

— Afinal, não te submetes à autoridade de teu pai?

E esse apelo obteve como resposta um grito de rebeldia. Ela nunca se submeteria.

\*\*\*

Que fazer? Andando apressadamente pela rua, ela nem sabia

### Como conservar a DENTADURA POSTIÇA com firmeza na boca

Sua dentadura postiça o incomoda, caindo quando come, fala ou ri? Passe sobre ela uma camada de FIXODENT. Este pó alcalino (não ácido) mantém a dentadura postiça com maior firmeza e comodidade na boca. Não deixa nenhuma sensação pegajosa. Não amarga a boca. Perfuma o hálito. Compre FIXODENT hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário.

Distribuidora para todo o Brasil: OBONTOLOGIA AMERICANA LTDA. Av. Rio Branco, 114, 1.º - Rio de Janeiro



# SEAGERS

[(DIGA Siga)]

DESDE 1805

SEAGERS

SIGNIFICA

SUPERIORIDADE



ao certo para onde iria. A verdade é que saíra de casa com a intenção de não mais voltar. Parecia um absurdo, uma coisa inverossimil que ainda houvesse um pai que tentasse impor à filha um amor. Mas a verdade é que isso tinha acontecido e com ela. Ansiava por libertar-se completamente.

Sem mesmo saber como isso acontecera achou-se, de repente, em frente ao apartamento de Nicholas. Haverá quem veja nisso um movimento subterrâneo do subconsciente, impelindo-a para ali. O fato é que ela lá chegou.

— Mr. Joy está?

O criado evidentemente estava acostumado a ver surgirem moças no apartamento, perguntando pelo patrão. Mas também se mostrava afeito às respostas, uma vez que era sua função defendê-lo das ex-namoradas afastadas com um cheque, porém que se mostravam recalcitrantes.

— Não, senhora.

Mas o próprio Nicholas surgiu, fazendo-a entrar.

— Perdoa o criado. Ele tem ordem de dizer que não estou.

— Eu é que peço perdão por vir aqui.

Nicholas, um pouco surpreso com a visita, não esqueceu a galanteria:

— Honrado com a visita.

— Sempre amável

— Em que posso servi-la?

— A última vez que aqui estive, você me fez uma proposta.

— E se não me engano, levei uma bofetada.

— Indignou-me.

— Pela sua presença aqui, presumo que sua indignação já diminuiu.

— Justamente. Quero eu fazer uma proposta.

— Sou todo ouvidos.

— Sei que você não presta para nada.

— Obrigado.

— Quero ser franca.

— Tanto melhor.

— Eu preciso de dinheiro: Por motivos particulares, quero fugir daqui. Ver-me livre deste ambiente. Para isso, estou disposta a tudo. Se você me der o dinheiro necessário, partirei amanhã. Até então me esforçarei por diverti-lo da maneira que lhe aprouver.

— Sabe, realmente, o que está propondo?

Ela hesitou um pouco. Depois disse:

— Sei.

— Nesse caso, está aceita a proposta.

\*\*\*

Passou uma noite completamente louca. Ele comprou-lhe um vestido caríssimo, peles e jóias. Passaram horas dançando num cabaret. Eram duas horas da manhã quando ele disse finalmente:

— Onde vai passar a noite?

Pela primeira vez ela pensou naquilo.

— Na verdade, não sei.

— Pode dormir no meu apartamento se quiser.

Ela sentiu de certo modo que aquilo não estava direito.

— Não sei...

Mas, depois, acrescentou:

— Está bem.

Já no automovel, ela ia aprensiva, receiosa. Afinal de contas, aquele homem, se bem que fosse simpático e agradável, era um desconhecido. Lentamente, depois da loucura das última hora, ela viu a enormidade do que fizera. E estava ali, à disposição dele, a sua

Ele conduziu-a até a porta do quarto, depois, repetindo o sorriso cínico que ela conhecia, mas com uma súbita luz de ternura, ele entregou-lhe a chave e disse:

— Tranque a porta. Pode aparecer algum ladrão.

Nunca ela poderia imaginar o que significava aquele gesto dele. Mas a simplicidade com que o fez, permitiu que, pela sua atitude, ela tivesse a intuição de que acabava de ser poupada e de que estava protegida por alguma coisa mais forte e mais alta.

No dia seguinte, pela manhã, ela já estava pronta e de pé, quando alguém bateu na porta. Abriu. Era ele, sorridente, com um "bouquet" de flores na mão. Meio risonho, meio sério, incorrigivelmente alegre, ele disse:

— Bom dia, senhorita. São nove horas e tudo vai bem. O céu está claro e limpo. Brilha o sol. E eu estou apaixonado. Não diga nada. Somente sim ou não. Aqui está seu cheque. Mas eu preferiria que ficasse. Deseja casar comigo?

Tudo isso foi dito num fôlego só. Ele notou de repente que ela deixara cair as flores no chão e estava trêmulo como um menino que fez travessuras.

Não foi preciso mais nada. Bastou um monossílabo:

— Sim.

## Desperte a Bilis do seu Fígado

e saltará da cama disposto para tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pilulas Cartera para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pilulas Cartera para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00





## O AVISO

(Continuação da pág 39)

sua paixão. Um último recurso: a fuga, porque o plano, o crime perfeito, falhara.

Poderia contar com todos os imprevistos, menos que Mar sobrevivesse o bastante para falar à polícia.

Que dissera? Não sabia que se tornava urgente fugir, afastara-se o mais depressa possível. Só havia um meio... O avião...

A mulher que estava sentada ao seu lado adormecera. Entretanto, no seu sono, murmurava uma palavra: Jock, Jock...

O detetive perguntou ao piloto quanto tempo faltava.

— Não trouxe relógio.

— Ainda restam duas horas.

— Isso é horrível. Todos dormem placidamente. Não há meios de conversar com eles. Eu esperava ganhar sua confiança, falar com todos e assim descobrir o criminoso.

— Dentre todos os que dormem, haverá um, certamente, que estará somente fingindo dormir, ponderou o piloto.

— Você não conhece a inconsciência do criminoso. O mais cheio de crimes é o que dorme mais profundamente porque nada o detém: faltam-lhe escrúpulos. O remorso é privilégio dos homens honestos.

— Que espécie de assassino é esse que está no avião?

— Um assassino... bárbaro. A vítima sofreu muito antes de morrer.

A tranquilidade do tom com que o detetive pronunciava aquelas palavras, proveniente da familiaridade com a morte que lhe vinha do ofício, era assustadora: sugeria horrores.

O rapaz pediu:

— Quando voltar para lá, pode me mandar aqui a aeromoça?

— Pois não.

\*\*\*

Jean ouviu o recado, espantada. Que queria ele? Não tinham combinado que, nas horas de serviço, não se fariam? O regulamento da companhia era rigoroso e poderia haver complicações. Mas sem dúvida, se ele a mandava chamar era porque alguma coisa de grave havia acontecido. Seria conveniente atender. Por isso, levantando-se do seu posto, dirigiu-se à cabine do piloto. Uma surpresa a aguardava. Ali estava, também, o telegrafista:

— Entre e sente-se, disse o piloto, com ar indiferente.

Ela compreendeu que ele a mandara chamar por motivos do serviço. Para todos os efeitos, eles mal se conheciam.

— Que há?

Sem rodeios, o piloto anunciou:

— Há um assassino a bordo. E depois, acrescentou:

— E eu sei quem é.

O rádio telegrafista ageitou-se na cadeira, incomodado. A aeromoça, desconcertada, disse:

— Que horror!

\*\*\*

Matar, enfim, que era? Exterminar um ser humano, crime este punido com penas severas, até com a morte. E, no entanto, a guerra? Não era premiado quem mais matava e melhor, com maiores requintes de crueldade e em maior número? O herói da pátria e o assassino... Qual a diferença?

Um torpor o invadia lentamente. O ambiente dentro do avião era calmo. Os outros passageiros dormiam ou descansavam de olhos fechados. O piloto abandonara seu posto, deixando o companheiro encarregado e



## TINTURA FLEURY

DÁ JUVENTUDE AO SEU CABELO

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agrada.

## APLICAÇÃO FACILÍMA:

Peca ao nosso serviço técnico todas as informações e solicite o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos grátis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 40-50. Rio

Nome .....

Rua .....

Cidade .....

Estado .....

R3

fôra conferenciar com a aeromoça numa cabine ao lado. Outro membro da tripulação estava com eles.

O movimento do avião em balava. Não havia saltos, como sempre; o céu parecia um mar calmo. Tranquilidade. Se ao



VOCÊ SERÁ REALMENTE BELA

EVITANDO A Beleza

de Máscara!

QUE É BELEZA-DE-MÁSCARA? É esta falsa aparência de beleza conseguida com os recursos de um "maquillage" excessivo, com o fim de ocultar ou disfarçar imperfeições da cutis. Além de artificial e efêmera, essa "Beleza-de-Máscara" constitui perigo para a vital respiração da pele.

PORTANTO, NÃO OCULTE, NÃO DISFARCE! CORRIJA AS IMPERFEIÇÕES COM LEITE DE COLÔNIA!

Não adie para amanhã... Consulte seu espelho agora mesmo... Veja o que ele lhe diz! E, se notar o aparecimento de alguma imperfeição, não siga o primeiro impulso. Pense bem! Rugas, espinhas, cravos, sardas, manchas? Não há erro maior do que pretender ocultar ou disfarçar os defeitos da pele... Proceder assim será apenas ostentar uma perigosa "Beleza-

de-Máscara". O certo é seguir este caminho fácil, prático e simples — corrigir as imperfeições, eliminando-as! A partir de hoje confie esse cuidado ao incomparável Leite de Colônia, que limpa, alveja e amacia a pele, libertando-a das imperfeições. Dessa forma, conseguirá, enfim, dar à sua cutis uma beleza jovem, radiante e, principalmente, real!



Esse é o fiel tratamento diário para sua pele!

Use Leite de Colônia pela manhã e durante o dia como base para pó. À noite, para tirar o "maquillage" e limpar a pele. Use igualmente para proteger sua cutis contra os efeitos do sol.

Leite de Colônia

— LIMPA, ALVEJA E AMACIA A PELE!





# Prisão de Ventre!

O MAIOR INIMIGO DA SAÚDE!

Purgar-se, quando atacado da prisão de ventre é ir contra a natureza. O resultado desta medida é agravar ainda mais as dificuldades dos intestinos. É preciso ajudar a natureza, e as Pilulas Aloicas ajudam a natureza. Seu uso regular reduz os intestinos, normalizando suas funções e desintoxicando o organismo envenenado pelas fermentações dos detritos alimentares retidos por muito tempo. As Pilulas Aloicas lhe restituirão a saúde, o bem estar e a energia.

## Pilulas ALOICAS



menos eu pudesse prolongar indefinidamente este repouso, pensou ele. Depois, acrescentou: Mas, afinal de contas, por que? o estratagema foi vitorioso.

Estou livre. Vou a Paris, gozar a vida. Olhou o relógio: sete horas. Mais uma hora. Tempo para cochilar também. Estava tão tranqüilo... Tão seguro de sua

fuga... Quem seria aquele homem que olhava atentamente, do outro lado? Um detetive? Bah! tolices. Ele já providenciara o caso dos detetives... Estava tudo bem previsto, planejado...

Acomodou-se melhor: Dormir... sonhar... talvez, quem sabe? Shakespeare... O maior poeta inglês, nasceu em Stratford ou Avon em... em... que data? Não havia controvérsia a respeito? Ou ele teria simplesmente esquecido?

Os pensamentos se tornaram mais lentos. As idéias mais vagas, mais confusas. Adormeceu.

\*\*\*

— Mas, como? Isso é que é importante.

O piloto sorriu:

MÁSCARA DE LAMA  
RAINHA DA HUNGRIA  
Do Mme. Campos  
LIMPA OS POROS — MODELA O ROSTO  
A VENDA EM TODA A PARTE

— Está com medo?  
O telegrafista corou:  
— Ele pode estar armado. Nós não temos nem ao menos um revólver.

— Porém, estamos em maior número.

— Devemos contar com as surpresas.

— E com os recelos, também devemos contar? Não está vendendo que essa é a nossa oportunidade? Ele dorme como outros...

— E o detetive?

— Bem, é justamente sobre isso que eu queria lhes falar. Nós vamos dizer ao detetive que...

\*\*\*

O criminoso adormecera. Sonhar... Pouco antes de dormir, pensara nisso e, naquele momento, justamente, ele sonhava. Via-se com Lana, sozinho, passeando, de mãos dadas. Era estranho aquele sonho. Ele sempre pensara em Lana como uma moça bela, atraente. Seus sonhos a respeito dela, antes, não tinham sido sonhos castos. Pensara em beijos apaixonados. Agora, contudo, só lhe ocorria um idílio puro. Mãos dadas, como duas crianças. E ela o olhava com um sorriso confiante. De repente, porém, surgia a figura de Mark e a arrebatava. Ele sentia-se só, desamparado e — curioso fenômeno — sentia-se, também, diminuído... Era como se, do seu tamanho normal, ele fosse diminuindo até se tornar um anão... E Mark, ao contrário, crescia, crescia desmesuradamente, até atingir proporções inacreditáveis. Onde estaria Lana? Procurava-a em vão, mas os seus pés eram pesados, como se toneladas de chumbo e não sangue lhe corresse pelas veias. As mãos pareciam ter luvas de ferro. A cabeça, terrivelmente pesada, caía para o lado...

Lana! De repente, ela surgia à sua frente, mas havia um obstáculo: Mark. Estendido, como uma barreira, o rival impedia sua passagem. Era esmagá-lo com os pés de chumbo, com as mãos de chumbo, com o seu corpo que sentia pesado. Pisou no rival e sentiu que seus pés afundavam, como num pântano. Sentiu que a carne do outro cedia.

Mas Lana, o fim almejado, vencido o obstáculo, se afastava. Ele estendeu mãos sófregas,

## Em casa estamos de acordo!

este creme dental antisséptico...

### limpa mais

Kolynos não é um mero dentífrico: é um creme dental antisséptico. A generosa espuma de Kolynos limpa e embeleza os dentes sem arranhar o esmalte.

### agrada mais

Kolynos satisfaz a adultos e crianças. Kolynos encanta, refresca a boca... e perfuma suavemente o hálito, deixando uma grata sensação ao paladar.

### rende mais

Kolynos é concentrado: com uma quantidade menor de creme se consegue maior limpeza. Kolynos custa menos porque rende mais.

Todos estão de acordo: para um belo sorriso não há como Kolynos



Basta um cm. na escova seca!

**RUGOL**  
O CREME  
EMBELEZADOR DA PELE





mas, como uma miragem, suas mãos nunca a atingiam. Lana não tinha existência material. Ele atravessava a imagem sorridente, que o desafiava e sentia que ela era inatingível. Uma angústia tremenda tomou conta dele. Acordou.

De pé, à sua frente, estavam a aeromoça, o piloto e o telegrafista. Ainda meio tonto, ouviu o piloto dizer aos outros passageiros:

— Não se assustem. Está tudo em ordem. Viemos somente prender este homem. E' um criminoso.

Mal podendo articular as palavras, porém, o outro protestou:

— Mas... mas eu sou o detetive!

O piloto sorriu:

— Nada disso. Fez-se passar por detetive somente.

Os passageiros murmuravam, a um canto. Perdido, acuado, o homem repetia:

— Mas eu sou o detetive... está tudo planejado... De acordo com o plano eu chego livre na França...

Ninguém o atendia. Desesperado, ele ainda berrou:

— Eu sou o detetive!

Mas sentiu que mãos fortes o seguravam. Não podia defender-se. Estava preso.

O piloto olhou para ela, quando ninguém estava observando, e piscou. Ela sorriu, tranquila. Se a companhia não permitia namoro entre os passageiros, eles poderiam burlar a vigilância da companhia... Os chefes não sabiam de tudo...

O rapaz foi explicando às autoridades o que acontecera.

— Pouco antes de partir, um homem, evidentemente transtornado, apresentou-se diante de mim e me informou que era um detetive. A seguir mostrou-

### A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feliz quem quer. Essa é a verdade. Os crimes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já nasce o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado, que se caracteriza por sua ação rápida para branquear, alisar e refrescar a pele.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua pele ganha um ar de naturalidade encantadora à vista.

A pele que não respira resaca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, os manchas e asperidades e a tendência para pigmentação.

O rijo, o brilho de uma pele viva e saudável volta a imperar com o uso do "Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

E' um produto dos Laboratórios Alface de São Paulo.

me documentos. Ora, notei, logo de início, que os seus documentos eram falsos e que não houvera nem ao menos a mais grosseira tentativa de falsificá-los. Eles eram simplesmente de outra pessoa. Isso me fez logo notar que aquele homem era um louco, ou que, pelo menos, estava fóra de si. Ele me avisou que havia um assassino a bordo. Eu, imediatamente telegrafei à polícia e recebi um relatório completo. Ele tinha seu plano: fazer-se passar por um detetive; mas traiu-se, justamente porque não contou com os efeitos psicológicos do crime.

— Onde achou os documentos que apresentou?

— Roubou-os de um verdadeiro detetive. E' preciso com-

## DIABETE-OBESIDADE-MAGREZA

Modernos métodos de tratamento de ENGORDA, EMAGRECIMENTO,

DIABETE e PRISÃO DE VENTRE

Aparição digestiva e Nutrição (regimes). Glândulas da secreção interna

METABOLISMO BASAL e TUBAGEM DUODENAL

CLÍNICA ESPECIALIZADA DO

**DR. ALARICO SOARES**

Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe da Seção de Obesidade e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlínica Geral do Rio de Janeiro. Consultório: Edif. Góes — R. Alvaro Alvim, 27-3.º and. sala 33 — Cinelândia. Fones: 22-5110 ramal 33 e 25-4380 — Consultas: Das 13 às 16 horas.

prender como vinha este homem, depois de cometer um crime, completamente transtornado. Qual o meio de fugir, para ele, que se sabe perseguido pela polícia? E' justamente passar por um policial à procura dele mesmo, isto é, do criminoso. Mas a discrepância dos papéis com o nome e retrato de

um outro, são devidas precisamente à sua perturbação, ao estado muito próximo da loucura em que ele estava. Contava que não descobrissemos seu estratagemma. Mas bastou um telegrama para ficarmos a par de tudo e saber quem era o criminoso procurado e obtê-lo a descrição.

**O SABONETE IDEAL PARA O BANHO!**

**VALE QUANTO PESA**

**GRANDE, BOM E BARATO!**

• Ao comprar um sabonete Vale Quanto Pesa, verifique, com atenção, se o mesmo tem gravada em seu envoltório a figura de uma balança. O verdadeiro sabonete Vale Quanto Pesa tem essa figura gravada como símbolo de sua legitimidade.

# VALE QUANTO PESA

## GRANDE, BOM E BARATO!

• A VENDA EM TODO O BRASIL •

Alface





**Em São Paulo...**

*é sempre agradável uma visita aos maiores estabelecimentos de Modas do Brasil.*

**Casa Anglo-Brasileira**

Successors of Mappin Stores

Pr. Ramos de Azevedo, 131

## Fim de uma peregrinação

(Continuação da pág. 17)

o que há de mais sagrado na vida de uma Nação, a sua Constituinte, levanta-se contra o regime ditatorial, — aliás elogiado pelo padre Cícero — em defesa das instituições democráticas do Brasil. Nunca a República teve tanto a um Estado, como a União, em 1932, a São Paulo.

Do Ceará, de todos recantos do nordeste, partem homens para lutar contra os paulistas, acusados de separatistas, quando, na realidade, querem a integridade nacional assegurada pela Carta Política de 1891, no governo de Floriano Peixoto, por um congresso presidido por Prudente de Moraes e da qual Ruy Barbosa é o melhor colaborador. Da luta fratricida, no arquivo do patriarca, vindo a minhas mãos, com a morte da "Beata Mocinha", em 1944, tenho um só documento. E' o telegrama do general Góis Monteiro ao chefe da Revolução Constitucionalista, pedindo para que um seu irmão, residente em São Paulo, tenha permissão para passar as linhas rebeldes a fim de juntar-se às tropas legalistas e vingar a morte do seu mano, o capitão Cícero, do 9.º Regimento de Infantaria e que tombou em operação no Vale do Paraíba.

*Adquirir o direito de ser jovem e bela usando* VELAS ANTISSEPTICAS



EM TODAS AS FARMÁCIAS E DROGARIAS DO BRASIL

## FALAM AS MULHERES

(Continuação da pag. 15)

— Sobretudo no terreno da educação, o seu papel é relevante. E aproveito aqui, a oportunidade para fazer um apêlo às mulheres brasileiras, no sentido de que se faça um movimento de unificação de todos os esforços e capacidades de realização em torno dos nossos problemas. Dentro destes quero salientar os referentes à educação e saúde, compreendendo uma assistência eficiente, desde as creches até a educação universitária.

Na minha opinião, o nosso atraso ou, para ser mais otimista, a nossa evolução excessivamente lenta e pontilhada de enguiços e retardos vem da deficiência com que se tem cuidado, até o presente, de assunto tão relevante para a Nação. No que se refere ao que eu faria, se fosse deputada a resposta está no programa do partido a que eu pertença. Particularmente, os empreendimentos relativos à saúde pública e à educação teriam preferência na minha atividade parlamentar. Mas, para concluir, quero pedir-lhe que não se esqueça do meu apêlo às mulheres de todo o Brasil: por uma unificação de esforços e boa vontade em torno dos nossos problemas.

Descemos as escadas do escritório da U.D.N. na rua Visconde de Inhaúma. Lá fora, em frente a uma loja, estava estacionado uma "limousine" de luxo em cujo para-lama um garoto mal trapilho fazia a sua "refeição": uma pera estragada que o dono do armazem jogou fora porque não achou quem a comprasse. Uma rotunda grafina vai-se aproximando do automóvel sem que o garoto a veja. O infeliz apenas ouviu:

— "Levanta daí, moleque. Ora, era só o que faltava... Sujando meu carro.

E virando-se para a filha:

— Deve ser comunista. Que gente horrível!"

Nós ficámos pensando no idealismo de d. Nuta Bartlet James. Será que a grafina rotunda atenderá ao seu apêlo?



### MEDIDAS PRÁTICAS, — NADA DE DEMAGOGIA

Em geral observa-se com certas suspeita a produção intelectual da mulher, dada a frequência com que as filhas de Eva se deixam enveredar pelo terreno literário da poesia amena, como diria o velho Eça. Mas Lia Correia Dutra não é desse "team". Para ela, as relações econômicas têm mais importância na vida do que os suspiros multi-seculares das donzelas de todos os romances açucarados. As suas declarações têm, pois, o caráter de um programa.

As causas dêsses estado a que chegamos são bem conhecidas. Em primeiro lugar, a Ditadura que pela sua própria natureza tomava as mais graves providências sem uma consulta ao povo. Durante um certo tempo, caminhámos para o nazismo e sofremos todas as consequências que essa orientação acarretava. Isto felizmente terminou com a declaração de guerra à Alemanha e o consequente envio de nossa brava força expedicionária.

## CORTE E COSTURA



Aproveite suas horas de folga para aprender por correspondência, SEM SAIR DE CASA, uma profissão que de muito lhe valerá para o futuro. Torne-se UMA PERFEITA MODISTA graças ao nosso sistema exclusivo e nossa organização superior. Poderá exercer sua nova profissão logo depois de iniciar os estudos. Mensalidades suavis-simas Envie-nos hoje mesmo o coupon abaixo:

**GRATIS**

Cada aluna receberá: Figurinos moderníssimos - Carteira de Identidade - 100 Cartões de Visita - Serviço especial de consultas.

INSTITUTO POPULAR DE ENSINO

Caixa Postal 5317 - São Paulo

522

Impr. Sr. Diretor: Peça enviar-me GRATIS, o folheto completo sobre o curso de Corte e Costura por correspondência.

NOME: .....

RUA: ..... N.º .....

CIDADE: .....

ESTADO: .....

### INFLAÇÃO, DEFICIÊNCIA DE TRANSPORTES E ESPLORAÇÃO DO TRABALHO

Além disso, a inflação decorrente das sucessivas emissões contribuíram de maneira apreciável para o empobrecimento do povo paralelo ou consequente do encarecimento da vida. A deficiência dos nossos meios de transporte agravou o problema de abastecimento. Como sabe, os produtos se perdem, às vezes, à distância dos centros consumidores, onde a sua necessidade assume as proporções de calamidade, por falta de trens ou de navios.

Outro mal do nosso panorama econômico é a exploração do trabalho, o que se torna ainda mais revoltante quando influenciada pelo capital estrangeiro colonizador. Creio que, resumindo, satisfiz a sua curiosidade.

— Ainda uma pergunta: que medida tomaria se se achasse no governo?

— Em primeiro lugar, a distribuição de terras aos lavradores, seguindo-se medidas imediatas contra a inflação. Medidas que não implicassem numa brusca deflação, bem entendido. E não esquecer que para fazer qualquer coisa, consultaria o povo de cuja vontade o governo deve ser fiel servidor a cujo bem estar tem que dedicar todos os esforços. Afora isso, afastaria elementos que comprometem o governo, como inimigos do povo que são. Em síntese é o que eu tinha a responder.

Não! Há ainda outro problema, o da educação, que a meu ver, merece um cuidado especial. Não digo que se fizessem novos decretos. Temos ótimas leis que jamais foram cumpridas.

### O POLITICISMO É O NOSSO DEFEITO

Creemos que não é preciso apresentar Dinah Silveira de Queiroz. A autora de "Floradas na Serra" é muito conhecida através de sua



## Vida de perigos a vida da mulher

Sujeita continuamente às perturbações próprias de seu sexo, tendo o seu aparelho genital constituído de importantes e delicadíssimos órgãos, cujas irregularidades facilmente se transformam em gravíssimos males, tem a mulher sua vida ameaçada por constantes perigos e precisa, pois, estar sempre vigilante. O seu fluxo mensal é um verdadeiro espelho de sua saúde íntima: si vem regularmente em dias certos e em quantidade certa, sem dores, cólicas, tonturas, enjôos, etc., tudo está bem. Mas se aparece em abundância ou, ao contrário, diminuído irregular ou retardado, então urge providências imediatas. Mas nada de recorrer a um remédio qualquer. Os seus males são de duas naturezas diferentes — os que se manifestam pela abundância de regras e hemorragias, e os que se manifestam pela falta, atraso ou diminuição de regras — e, portanto, exigem remédios diferentes. O Regulador Xavier, atendendo a essas duas naturezas diferentes dos males femininos, é fabricado em duas fórmulas diferentes: o N.º 1 para os casos de regras abundantes, prolongadas, repetidas e hemorragias, e o N.º 2 para os casos de falta de regras, regras diminuídas, atrasadas ou suspensas. Portanto, prezada leitora, o Regulador Xavier N.º 1 ou o Regulador Xavier N.º 2, conforme o seu caso, é o remédio único e insubstituível, capaz de combater eficazmente e afastar de maneira definitiva os seus males, conservando-a a salvo de todos os graves e traiçoeiros perigos que ameaçam a sua saúde e a sua vida.

obra, já traduzida para o espanhol, em duas edições.

A esta altura, as perguntas do reporter devem constituir uma chateação para o leitor. Basta, portanto, que fale a romancista.

— Creio que não os romancistas, criadores de obras de ficção, as pessoas mais indicadas para opinar sobre assunto dessa natureza. Em todo caso, aí vai o meu ponto de vista: Preliminarmente, o nosso mal é o politicismo. Nada fazemos ou pretendemos fazer que não seja com o compromisso de uma ideologia. E o resultado é que muita coisa deixa de se realizar porque, muito embora concordem os homens, os compromissos partidários a que eles estão ligados o impedem de trabalhar em comum. Uns procuram a solução no facismo, outros no comunismo mas a verdade é que todas as agremiações escondem a mesma droga que é o homem. O que é preciso é uma obra de reeducação — tendente a reconduzi-lo a uma condição em que o desejo de realizar seja mais forte do que as paixões políticas.

— E como conseguir coisa tão complexa?

— O tempo será um fator importante. Condição mais no tempo do que nos homens.

— E' uma terrível sentença para nós, d. Dinah.

— Mas é uma verdade.

Era o caso de bater em retirada. Mas ariscamos mais uma pergunta:

— O romance social não poderá influir na solução desses problemas?

— Não tanto como seria de esperar, considerando que temos grandes romancistas. Mas acontece que quasi todos eles têm um defeito: o de não se preocuparem em apresentar aos seus personagens uma auréola de heroísmo que os faça credor obrigatório da simpatia do público. O povo tem uma tendência irresistível para tomar partido por um personagem de romance que tenha atitudes de

um autêntico herói cinematográfico. Que seja, realmente, um herói romântico, — é bem o termo a empregar. E em consequência, grandes obras, retratando fenômenos sociais que poderiam contribuir para a solução de graves problemas, deixam de fazê-lo em toda plenitude porque o autor se deixou seduzir por um analismo cruel. Em consequência, os seus heróis são simplesmente vítimas. Não despertam emoção, causam piedade. E o povo está cansado de chorar. Agora, acho que já falei demais, não acha?

— ?

— Bem, ainda quero referir-me a um outro problema que merece imediata solução: trata-se de educação, sobretudo de educação desses pequenos infelizes, sem pão e sem tecto que perambulam pelas nossas ruas, frequentando a escola da vadiagem e do crime.

A iniciativa particular poderia concorrer com a ação do governo, responsabilizando-se as famílias abastadas pela educação de um ou dois.

Certo, isto não renderia juros. Mas seria um meio bastante louvável de gastarem os ricos uma pequena parcela dos seus milhões.

Uma porta se abriu deixando ver a biblioteca e apareceu uma figurinha encantadora. Era a filha de Dinah Silveira de Queiroz que estava estudando para a prova parcial. Vinha pedir a colaboração da escritora.

Estava finda a entrevista porque a mãe tomou o lugar da romancista.



## VIVA A CRISE!

Eva emagreceu. Não pense o leitor que isso é metáfora. Não nos refirimos à mulher, de um modo geral, chamando-a de Eva como o faria infalivelmente Berilo Neves. Quando dizemos que Eva emagreceu trata-se de Eva Todor, a simpática artista do Serrador. E por isso mesmo estava radiante.

Falamos-lhe de crise e da nossa reportagem e ela não titubeou.

— Creio que todos os depoimentos refletem o desapontamento da população decorrente da falta de gêneros. Pois eu vou fazer uma exceção. Estou muito satisfeita com a falta de pão, de manteiga, de banha, de azeite e outras gorduras. Graças a essa circunstância consegui inesperadamente o que procurei, em vão, durante muitos meses de dietas e prescrições médicas: emagrecer.

— Quer dizer que a falta de alimentos é uma coisa desejável...

— Para o meu caso pessoal, bem entendido. As filhas me deram a oportunidade de emagrecer. Viva a crise!

— Mas não vê outros aspectos da atualidade dignos de apreciação?

— O teatro. Também é um motivo de satisfação constatar uma receptividade, por parte do povo, orientada para o teatro elevado.

## MAIS TEATROS E DIVÓRCIO

— Se você fosse do governo, que faria em primeiro lugar?

— Teatros! os artistas não têm aonde representar as peças que ensaiam se é que têm

## O primeiro sabonete do bebê

*deve ser o primeiro em Pureza e Qualidade*

A delicada pele da criança exige todo o cuidado na escolha de um sabonete isento de substâncias nocivas. Prefira, por isso, o Sabonete de Reuter, consagrado, há meio século, por uma sólida reputação de pureza e de qualidade. Também no seu banho, o Sabonete de Reuter vale como um verdadeiro tratamento de beleza da cutis.



lugar para ensaiar. Agora isso, eu faria... quero dizer, instituiria o divórcio.

— Por que?

— Você só pergunta o que eu faria...

SUPERPRODUÇÃO DIRIGIDA E IMIGRAÇÃO EM MASSA

Em Bibi Ferreira não encontramos o otimismo e o bom humor de Eva. Ao contrário. A intérprete de "Conchita" estava irritada. Querem-lhe tomar o teatro onde vem contribuindo com tenacidade para a elevação do nível artístico das nossas representações. E Bibi não pensa como Paugloss...

— Os problemas mais graves que enfrentamos são a crise de gêneros alimentícios, a inflação e os decorrentes deles.

— Que solução indicaria para resolvê-los?

GABRIEL RANGEL FONE 23-4762  
Máquinas de escrever e acessórios  
OFICINA COMPLETA  
RUA SENHOR DOS PASSOS, 66 - 2.º LJA

SOFRE DO FÍGADO?  
100%  
**BIO-HEPAX**  
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARANICINA



## EDUCAÇÃO E CULTURA

— A superprodução dirigida e a imigração em massa.

E ninguém diria que naquela cabeça, tão cheia de conflitos e paixões dos personagens que interpreta, coubessem idéias como essas que fazem governantes e economistas queimar pestanas, elaborar planos e mais planos para, no fim de contas, arriscar às vezes uma tímida opinião...

— E não há outros aspectos da situação que a interessem?

— Ora se há. A minha classe só é lembrada enquanto está no palco. As suas lutas, as dificuldades com que se defronta são ignoradas.

Se eu fosse o governo punha em prática os meus pontos de vista. O teatro, pelo menos, não seria desprezado.

## TEM A PALAVRA DULCINA

A grande intérprete do teatro nos atendeu com solicitude. E assim falou sobre as causas da crise que atravessamos:

— Não tenho uma opinião definitiva sobre o assunto. Sei que há uma crise. Crise econômica, crise política, crise social. Parece-me, no entanto, que se os técnicos, os sociólogos, ainda não chegaram a uma conclusão, será difícil a mim afirmar qualquer coisa a respeito.

— Qual a sugestão ou sugestões que indicaria para a solução do problema?

— Acho, no entanto, que tudo se reduz a um problema de educação e de cultura. Uma reforma da mentalidade, uma nova orientação do homem num sentido mais alto da existência humana poderá ser, senão solução absoluta, pelo menos grande auxiliar dessa solução. Não creio que homens criados dentro de uma concepção mais fraterna e mais estética da vida possam constituir uma coletividade viciosa. Portanto, por mais lugar comum que pareça, só me ocorre dizer: educação e cultura. E nada mais eficiente do que o teatro para essa cultura e essa educação.

— Se em vez de artista fosse uma autoridade a quem coubesse resolver questões de administração, que faria em primeiro lugar?

— Mas eu não sou uma autoridade...

— A situação em que se acha o Brasil afeta as atividades teatrais?

— Afeta — como acontece em todas as fases de inquietação ou de transição sociais. Realmente a confusão do momento limita a liberdade de criação artística e perturba o ritmo dessa criação. Mas da inquietação surge a luta. Luta, diante da necessidade de se constituir sobre bases mais sólidas, mais resistentes. É certo que atravessamos um período de inquietação. Sinto, porém, nessa inquietação, muito de criador. Não é uma in-

quietação destrutiva, como tem acontecido outras vezes. Agora, todas as lutas do espírito trazem as características de um esforço pelo aperfeiçoamento. Há uma ânsia de elevação espiritual impulsionando todos os movimentos.

— Dos problemas a que se referiu qual o mais grave?

— Escute. Sou, por formação, uma criatura essencialmente otimista. Nada considero grave ou, pelo menos insolúvel. Boa vontade humana, desejo sincero de construir, idealismo — tudo isso pode resolver muita coisa.

— Dulcina estava de boa vontade. Parecia, mesmo, que queria nos compensar de tanto esforço à sua procura. Arriscamos uma pergunta fora do plano da reportagem.

— O Brasil está caminhando para um regime democrático?

— Acredito que sim. Que ele caminha, eu sinto. Agora... se é para um regime democrático...

E mudando súbitamente de tom, desvia o rumo da resposta:

— Escute aqui: não temos um Presidente eleito, uma Constituição quase pronta e uma Assembléia escolhida pelo povo, em pleno funcionamento?

Era o tipo da resposta getuliana. Bilhete azul para o reporter. Nós tínhamos uma contra-resposta debaixo do braço. Era uma manchete de jornal que dizia mais ou menos assim: "Espancamento por motivos políticos..."

**Faça reservar desde já o seu  
exemplar do proximo número da**

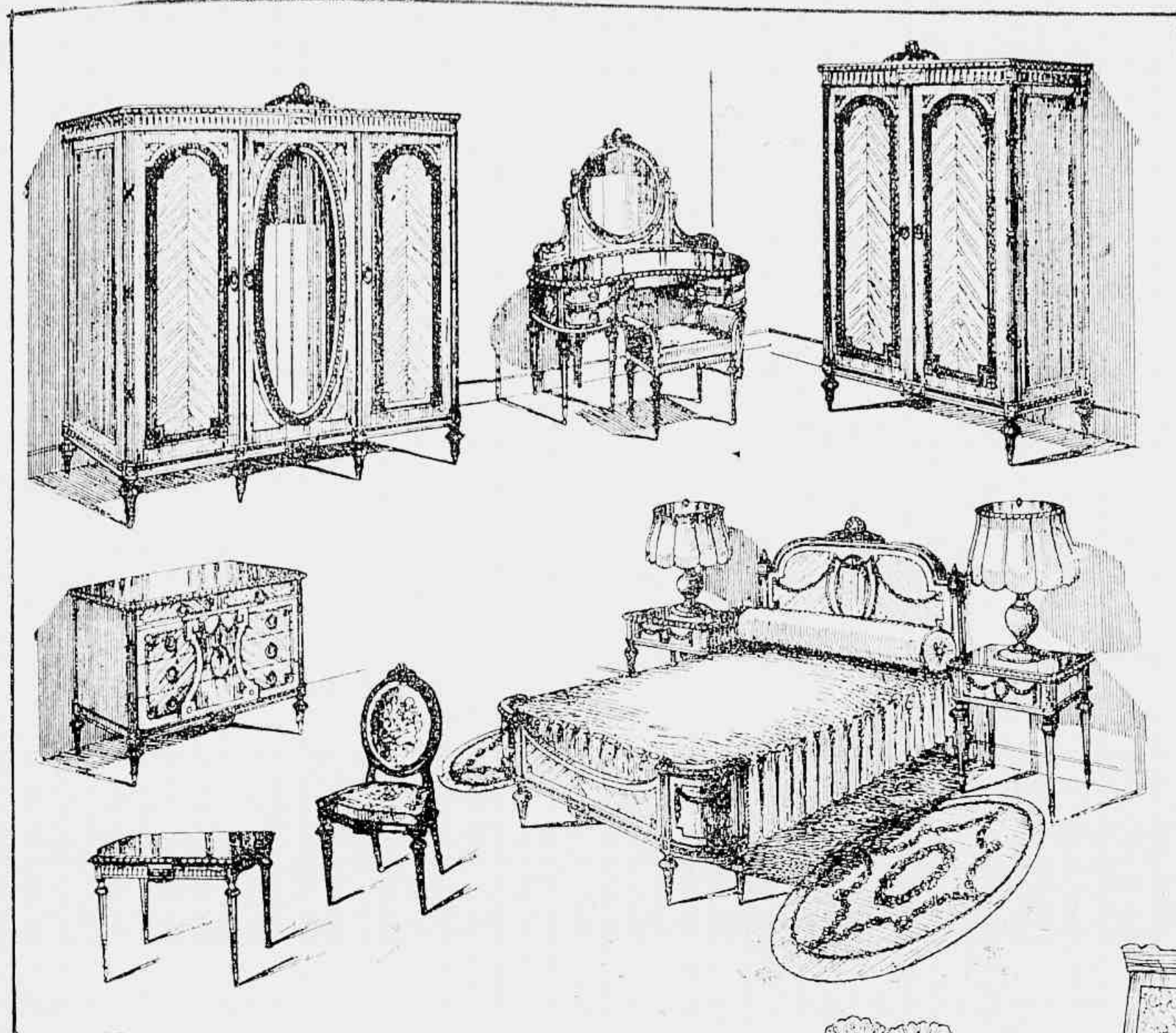
# REVISTA DA SEMANA

**Edição de Aniversário**

**Maior número de páginas -- Suplemento em tricromia --  
Modas em "double" -- Grandes reportagens -- Colabora-  
ções especiais -- Literatura -- Cinema -- Rádio --  
Curiosidades mundiais.**

**REDAÇÃO: MARANGUAPE 15**





# DORMITÓRIOS

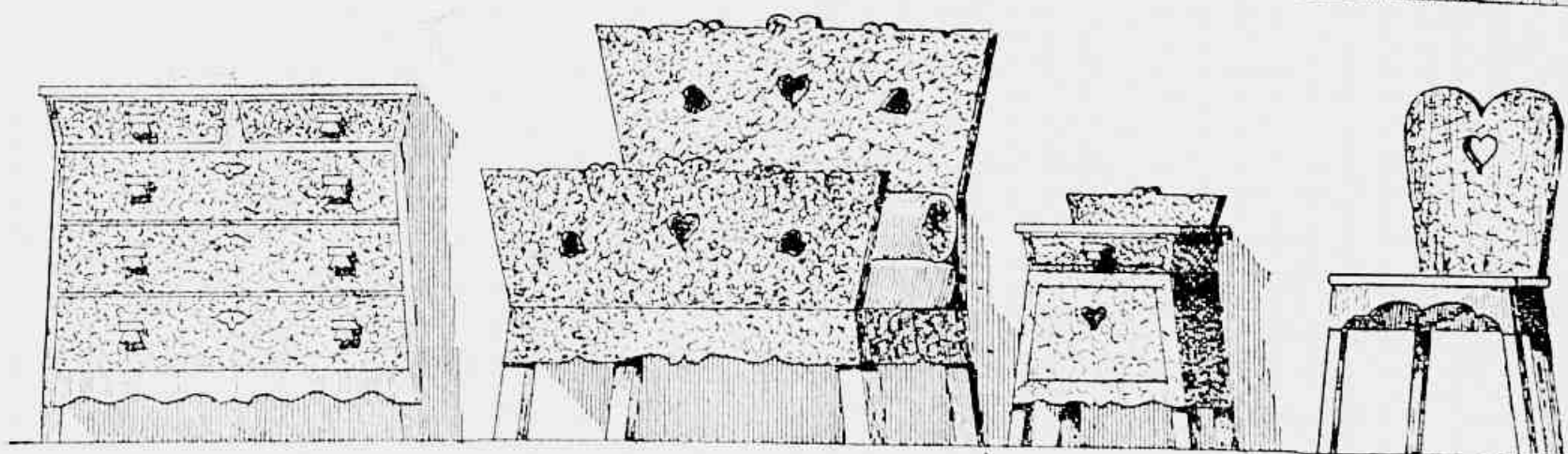
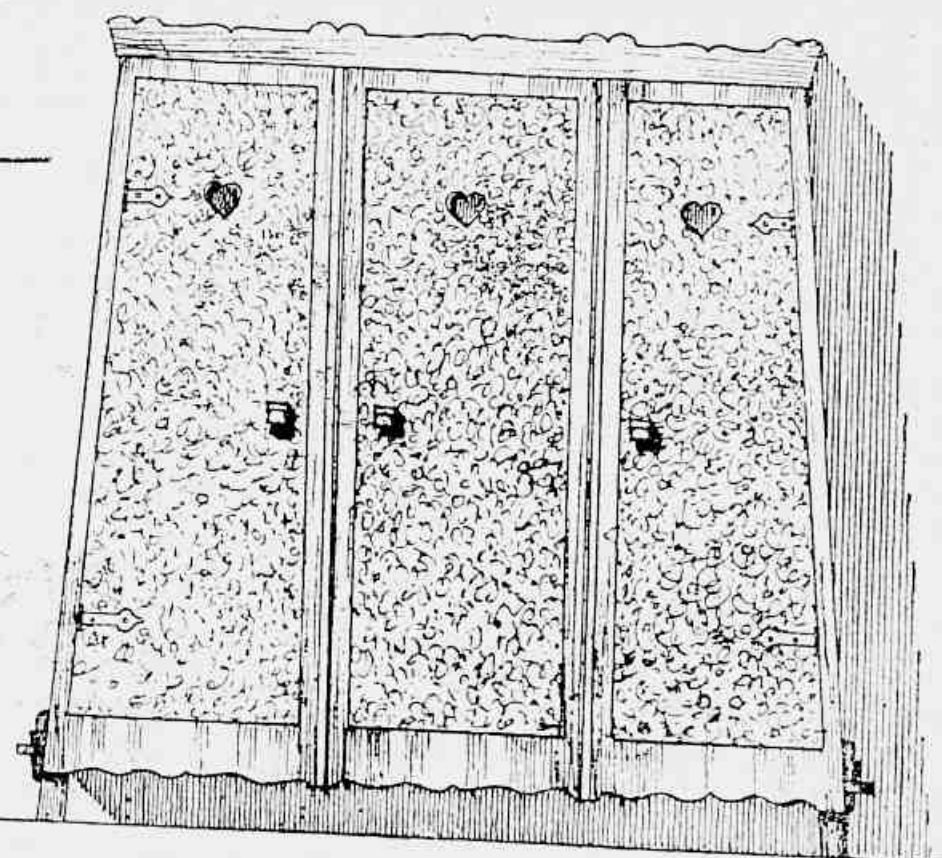
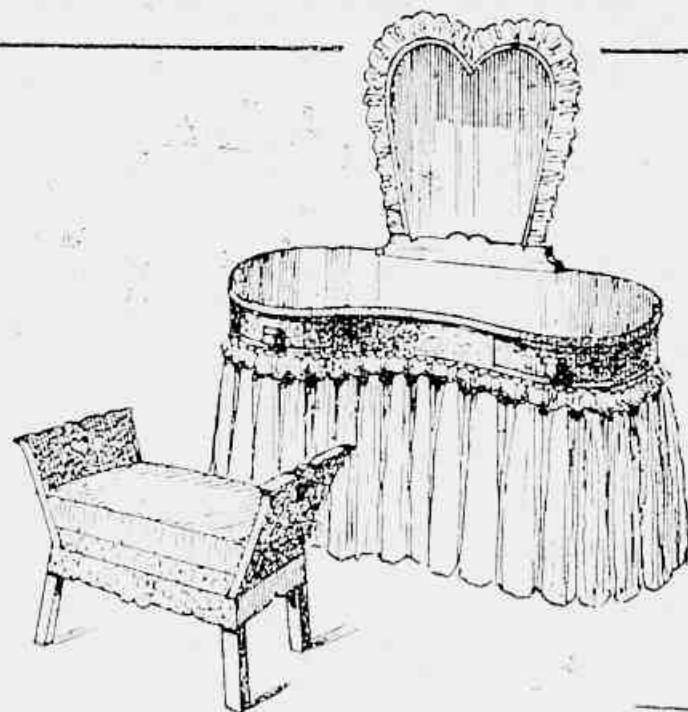
cido  
espi-  
orço  
ele-  
mo-  
al o  
eria-  
dero  
dade  
ealis-  
sa,  
ecia,  
tanto  
per-  
n re-  
a, eu  
lemon-  
via o  
dente  
e uma  
pleno  
ilhete  
a con-  
man-  
os as-  
os...

Estampamos nesta página dois sugestivos modelos de quartos de dormir.

No cliché acima vemos magnífico dormitório composto de móveis Luiz XVI estilizado, apropriado para uma residência ampla, onde eles se acomodem de maneira a que fique entre todos um espaço relativamente grande.

Comoda, penteadeira, mesinhas de cabeceira, cama, guarda-casaca e outro armário aparecem neste luxuoso quarto de dormir.

No outro cliché apresentamos um outro dormitório, cuja elegância consiste nas suas linhas simples. E' o que se pode desejar para as modernas casas de campo, devendo ser trabalhado em madeira clara.



## MOBILIÁRIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

**ASA**  
MARCA

**UNES**  
REG. STRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL  
AGORA SOMENTE

**65 · RUA DA CARIOCA · 67**

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



R



Epoca

EM CAIXAS DE 100  
E MACOS DE 20



CIA. DE CIGARROS SOUZA CRUZ